

# MILITIA

ANNO XIII — N.° 87

AGOSTO - 1960



# Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas "de emergência"; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma "fumadinha" durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

---

**A IMPRUDÊNCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !**

---

## SUMÁRIO

NOSSA CAPA .....	97
EDITORIAL .....	3
<b>DIVERSOS</b>	
Campanha do Contestado (III) - gen. A. Nogueira Júnior .....	19
A Formação das Tropas del Rei no Brasil Lusitano - Tito Lívio Ferreira .....	24
Sargento Jofre de Ituverava - cap. Paulo Monte Serrat Fo. ....	32
Leis de Inatividade e suas Conseqüências na Força Pública de São Paulo - ten. cel. Rodolfo Assunção .....	34
Sonho de uma Noite sem Luar - cap. Plínio D. Monteiro .....	40
A Profecia do Fim do Mundo - Nelson dos Santos .....	47
Graçiliano Ramos na Intimidade - major O. O. Pimentel .....	51
<b>NOTICIÁRIO</b>	
Policiais Mirins de Ambos os Sexos Apresentam-se ao Público .....	4
Deixa a direção Geral o cel. Anchieta .....	7
Futuros Oficiais em Festa: Espadins .....	10
No Dia de Tiradentes Escolares saúdam Brasília e a Força Pública .....	30
Milicianos Choram a Morte de seus Companheiros de Polícia Feminina, o Que é e o Que Não é .....	48
MILITIA no Instituto Histórico: Empossado o Major Pimentel .....	49
Milicianos na Nova Capital .....	60
A Força Pública em Sorocaba .....	66
Força Pública Tem Novo Comandante .....	82
Fala o Governador aos Futuros Oficiais .....	92
NO MUNDO DAS LETRAS .....	15
NOTÍCIAS DAS COIRMAS - major Francisco Vieira da Fonseca .....	68
RECREAÇÃO .....	93
EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES - cap. Francisco Antônio Blanco Jr. .....	98
<b>APÊNDICE</b>	
Cinqüentenário da Escola de Educação Física .....	

## Editorial

# NOVA ERA

A CIVILIZAÇÃO brasileira rompe afinal um tabu secular, com a instalação da capital em pleno planalto. Não mais nos confinamos na faixa litorânea. Estende-se o progresso por toda a vastidão do território nacional, para desespero dos descrentes crônicos de nosso poder realizador. Começa agora uma nova fase de nossa história. Lá está, no sertão goiano, a cidade mais moderna do mundo, encruzilhada de rotas do Brasil futuro. Ali estão novas estradas que rasgam o país de ponta a ponta, varando florestas antes consideradas invioláveis. Por isso, 21 de abril de 1960 não é apenas o dia de Tiradentes, patrono das Polícias Militares. É também — e principalmente — o marco inicial de um Brasil novo, fadado a revelar-se a primeira grande potência industrial do hemisfério. O acontecimento empolgou a nação e a família miliciana sentiu-se dominada pelo entusiasmo geral. MILITIA não pode, portanto, ficar alheia à maior realização do século.

Nossa homenagem ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, antigo miliciano, que enfrentou toda a natural reação, para cumprir um preceito constitucional, realizando um sonho que vem do Brasil-Colônia.

Nosso preito de admiração ao urbanista Lúcio Costa, autor do plano piloto, e ao arquiteto Oscar Niemeyer, artista das mais arrojadas construções do universo.

E nosso abraço fraternal ao herói obscuro que construiu Brasília — o cangango anônimo do trabalho incessante, das noites sem sono. O cangango confirmou na prática a frase de Euclides: "O brasileiro é antes de tudo um forte". Liquidou o velho preconceito da indolência incurável do caboclo. Trabalhou dia e noite, com entusiasmo, e construiu em tempo recorde, uma capital que se impõe aos olhos do mundo. Tiradentes ainda é o patrono das PM. Mas o cangango é nosso orgulho.

O cangango é cearense. É gaúcho. Mineiro, paulista, capixaba, amazonense. O cangango é brasileiro. Chegou, de um ponto qualquer do Brasil e viu o deserto. E trabalhou. E construiu a cidade. Encheu o peito de orgulho ao ver a jóia saída de suas mãos.

21 de Abril. A capital está pronta para receber o governo. Espoucam fogos, desfalda-se a bandeira auriverde na praça dos Três Poderes. Soam os acordes do Hino Nacional. O presidente dá por inaugurada a cidade mais moderna do mundo. Abrem-se os edifícios para seus ocupantes e o cangango olha.

Mas o cangango está contente. O cangango sonha. Terminadas as festas, recomeçará o trabalho. Brasília é uma realidade, mas não pára. O cangango, feito da mesma cepa dos nossos soldados, não a deixa morrer. "Brasília é minha!" — exclama o cangango. E o trabalho continua.



## Crianças no Batalhão de Guardas

# POLICIAIS MIRINS DE AMBOS OS SEXOS APRESENTAM-SE AO PUBLICO

**C**EM CRIANÇAS — meninos e meninas — desfilaram diante da oficialidade e praças do Batalhão de Guardas e numerosos representantes de outras unidades da Força Pública, no último dia 21 de março, pela manhã, quando da apresentação da Polícia Mirim, idealizada e organizada por Falurindo Gonçalves Lima, soldado daquele batalhão. Os pequenos apresentaram-se garbosamente, desfilando ante as autoridades presentes e, em seguida, visitaram as diversas dependências do quartel.

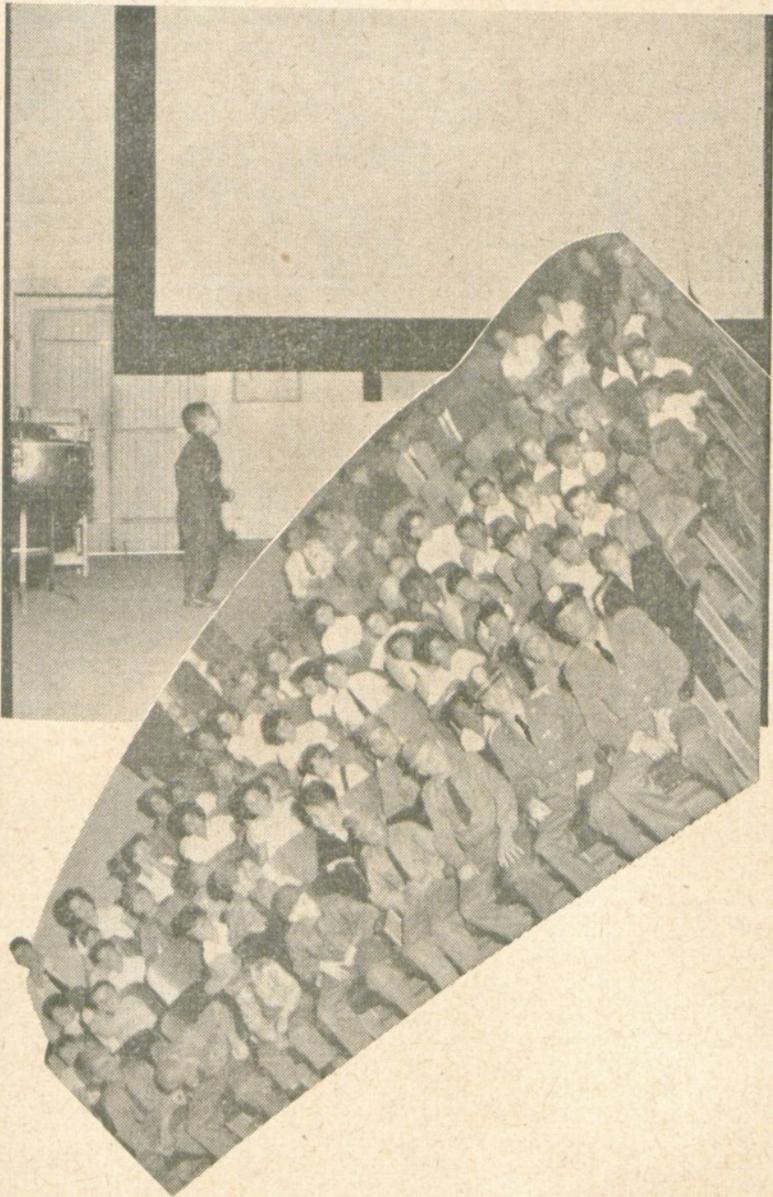
Por iniciativa do cel. Jaime dos Santos, comandante do B.G., os garotos tiveram oportunidade de assistir a animada partida de futebol de quadra. Por último, uma sessão especial de cinema foi-lhes oferecida no auditório «Major Antão».

A garotada participa alegremente das atividades da organização. E diverte-se. Mas a finalidade da Polícia Mirim no dizer de seu dirigente, é dar aos pequenos uma orientação adequada, inculcando-lhes desde cedo a noção do cumprimento do dever. «É — diz Falurindo Gonçalves Lima — uma escola de civismo».

Falurindo explica: «Procuramos dar aos meninos um pouco daquela instrução policial que todo cidadão deve conhecer, destacando especialmente a legislação de trânsito — tudo de maneira simples e acessível às crianças. Da mesma forma, os milicianos mirins têm ocasião de colher ensinamentos diversos, ministrados por pessoas dedicadas e capazes que nos auxiliam».

## FESTA PERENE

Segundo a reportagem teve ên-  
sejo de observar, as crianças habi-



tuam-se ao convívio naquele meio  
com a maior facilidade. As atvida.

des da entidade representam para eles uma festa continua.

74 meninos e 26 meninas, de 7 a 14 anos de idade, sempre de fisionomia alegre, procuram cumprir as tarefas que lhes são determinadas e o fazem com abnegação e prazer. Ostentam seus uniformes com orgulho, cientes da responsabilidade de que são investidos desde o inicio. Assim vive a milícia infantil.

#### ORGANIZAÇÃO

A Polícia Mirim, presidida pelo próprio Falurindo, foi organizada nos moldes de outras instituições que ele conheceu no interior do Estado. Escolheu para ele que tem diretoria escolhida de conformidade com os estatutos e o regimento interno e todas as atividades obedecem a normas pre-estabelecidas.

Adiantou que, a exemplo do que ocorre em outras localidades, estu-

da-se a possibilidade de que os pequenos participem ativamente de iniciativas como as semanas de trânsito, além de atuar em serviços ordinários de policiamento preventivo à altura das possibilidades das crianças, o que já foi tentado com bons resultados em outras cidades.

#### SEDE PRÓPRIA

A sede própria é o sonho atual da entidade. Seus dirigentes já iniciaram campanha de obtenção de fundos com esse fim. Sem local para reunir os pequenos e para guarda dos bens da entidade, os esforços de seus dirigentes são redobrados para que tudo corra a contento. E muita coisa não pode ser feita.

Entretanto, como acentou Falurindo, a campanha se desenvolve promissora e, mesmo sem auxílio oficial, espera-se para breve a consecução do fim colimado.

## CLÍNICA DENTÁRIA

**Dr. DUDLEY WERNECK** (cirurgião dentista)

**DIURNA E NOTURNA** — (das 8 às 21 horas)

Orçamentos sem compromisso — Serviços garantidos

**Dentaduras anatômicas — Pontes fixas e móveis**

**Extrações sem dor — Laboratório próprio**

**Consertam-se dentaduras frouxas e quebradas em 15 minutos**

**Entregam-se dentaduras garantidas em 6 hs.**

**SERVIÇOS A VISTA E A PRAZO**

**Av. Tiradentes, 266**

Com mais de um decênio dedicado a MILITIA

# DEIXA A DIREÇÃO GERAL O CORONEL ANCHIETA

Com mais de dez anos de trabalho dedicado a MILITIA, o cel. José Anchieta Torres deixou a direção geral da revista. Lamentamos seu afastamento, pelo muito que fez por ela, sempre desinteressadamente e sem alarde. O cel. Anchieta não se limitava a dirigir a revista. Fazia tudo o que era necessário e ainda mais. Como redator, fazia de tudo, embora geralmente não assinasse. Por muito tempo dirigiu uma crônica permanente, na seção "Coisas da Força Pública", de sua responsabilidade. Depois de uma interrupção voltou a fazê-la, sob o título "O que Eu Vi em 50 Anos de Força Pública", assinada com o pseudônimo "Veterano".

Nascido em 17 de janeiro de 1897, no Estado do Rio, sentou praça em 3 de julho de 1913 e, cinco anos depois, era aspirante. Participou de todas as campanhas em que atuou a corporação, desde seu alistamento e, ao eclodir o movimento de 1932, era tenente coronel e foi comandar um destacamento na frente sul, enfrentando duros combates. Atualmente é coronel e ministro do Tribunal de Justiça Militar, nomeado em dezembro de 1939. É portador das seguintes condecorações: "Legalidade" (ouro), "Lealdade e Constância" (ouro), "Centenário do Barão do Rio Branco", "Tobias de Aguiar", "Imperatriz Leopoldina" e "Eloi Alfano". É "Membro d'Onore Academico" da Academia Paestum de Salerno, Itália e sócio correspondente da Sociedade Colombista Panamericana.

## SERVIÇO EM CAMPANHA

O serviço por ele prestado em campanha trouxe-lhe numerosas citações em boletim. Já em 1922, atuou na divisa de São Paulo com o Mato Grosso, onde



tropa da Força Pública esteve em operações, para liquidar movimento sedicioso. Era então segundo tenente.

Dois anos depois, nova intentona, que estourou em 5 de julho. O ten. Anchieta não teve dúvida: apresentou-se ao governo, ficando entre os milicianos que defenderam a Polícia Central de ataque rebelde. No mesmo dia, participou de operação de reconhecimento em Pinheiros e foi destacado para a defesa do palácio dos Campos Elísios. E não mais teve descanso, até a vitória das forças legais. Lutou nos combates entre Vila Se-

cler e Ipiranga e na ofensiva contra a linha Cambuci-Aclimação-Vila Mariana, onde foi submetido, com seus companheiros ao bombardeio adversário. Um mês depois, foi elogiado pelo secretário da Justiça, por se conservar fiel durante a rebelião, "com inexecidível bravura, disciplina e patriotismo".

Em novembro daquele ano era primeiro tenente e, em julho do ano seguinte, capitão. Em 1928, foi promovido a major, posto em que formou entre as tropas legalistas de São Paulo, durante o movimento de outubro de 1930. Quando estourou a revolta de 1932, seu posto era de tenente coronel.

#### COMBATE DE 32

##### Laconismo oficial

Durante todo o movimento constitucionalista de 1932, o ten. cel. Anchieta esteve em operações na frente sul do Estado, onde as tropas paulistas ofereceram tenaz resistência, com sacrifício de numerosas vidas. O gen. Alves Bastos, Capitão na época, narra em seu livro "Palmo a Palmo" o que foi a luta na região e menciona várias vezes o nome de Anchieta, comandante de um destacamento. Deve-se a ele grande parte do que os paulistas puderam fazer contra um inimigo numericamente superior e bem aparelhado.

Sua fé de ofício registra então laconicamente: "Histórico da campanha: a 19-VII seguiu com o B C, com destino a Itararé em operações de guerra, atingindo Faxina, acantonando no quartel do 8.º B.C.. Na mesma data regressou para Recham, onde acantonou A 1.º-X, por ter cessado as hostilidades, regressou a São Paulo, aquartelando no Grupo Escolar do Cambuci".

#### CITAÇÃO PUBLICADA COM 17 ANOS DE ATRASO

17 anos depois foram publicadas em boletim minuciosas ordens de operações do comandante do setor sul, cel. Basílio Taborda, pondo em realce a atuação do então ten. cel. Anchieta Torres. Nesses documentos, depois de pormenores sobre as operações, lê-se a seguinte citação:

"Mais um feito glorioso na jornada militar e cívica que se iniciou a 9 de julho vem assinalar, no dia 31 de agosto, as armas dos que se batem pelo regime constitucional, dos que pelejam, nos campos rasos e na macega brava deste setor, pela restauração da lei e pela conquista da liberdade. Cumpre registrar a bravura dos nossos soldados e a perícia do comando dos nossos oficiais, uns e outros elevados pelo mesmo denodo, uns e outros unidos pelos mesmos ideais. Quando um dia se escrever a história comovente da arrancada deste povo, que inteiro se levanta para a luta e para o sacrifício das circunstâncias o esplendor que eles merecem... É assim com orgulho que elogio: 1.º tenentes coronéis Alvaro Martins e JOSÉ ANCHIETA TORRES, pela energia e serenidade com que dirigiram os seus comandados e pelas qualidades de chefe que demonstraram. (a) Basílio Taborda, cel. comandante; confere (a) cap. A. Bastos."

# MILITIA

ANO XIII - MARÇO/AGOSTO 1960 - Nº 87

Diretor geral: cel. Rubens Teixeira Branco, presidente do Clube dos oficiais.

Diretor responsável e secretário: 2.º ten. W. J. de Mattos

Publicidade: major Francisco Vieira da Fonseca

Gerente: Pedro Fioravante Passamai

Redatores: gen. A. Nogueira Júnior, cel. capelão P.A. Cavalheiro Freire, ten. cel. Rodolfo Assunção, major Olimpio de O. Pimentel, major M. Sendim, cap. Plínio

## O LEGISLADOR

José Anchieta Torres, que se destacou em combate, foi muitas vezes elogiado também por sua atuação em gabinete. O atual Centro de Formação e Aperfeiçoamento, foi comandado por ele, há mais de 15 anos. Era o então Centro de Instrução Militar. Naquela época, da mesma forma que hoje, era nossa unidade-escola, destinada a formar os policiais-militares paulistas. A passagem do cel. Anchieta pelo comando do Centro fez-se sentir de maneira decisiva. Uma de suas realizações na época foi a elaboração do regulamento do C.I.M..

**Propriedade:** Clube dos Oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo av. Tiradentes, 900 — São Paulo, SP — Brasil. Fones: externos — 32-2884; interno — 298.

**Redação e administração:** rua Alfredo Maia, 106 — São Paulo. Fones: externo — 346498; interno — 126.

D. Monteiro, cap. Francisco A. Bianco Júnior, cap. Paulo Monte Serrat F.º cap. Sérgio Vilela Monteiro, cap. méd. Plirts Nebó, cap. méd. O.P. dos Santos Abranches, 1.º ten. Evandro Francisco Martins, 1.º ten. Paulo Wilson de Oliveira Bueno e 2.º ten. Juraci M.S. Fernandes.

A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos pelos autores em trabalhos assinados.

Assinatura por 6 números Cr\$ 100,00

Exemplar avulso ..... Cr\$ 20,00

Composta e impresa na Tip. da F.P.

O boletim regimental transcreveu, em 1934: "A 7-III foi elogiado pelo exmo. sr. cel. cmt. geral, pela maneira com que se desempenhou cabalmente de sua missão, dotando a Força Pública de um regulamento que merece ser destacado como obra de mérito, que é, pois, o atual regulamento do C.I.M., representa um esforço inteligente e fecundo, constituindo inegavelmente um trabalho de alto mérito (Bol. do Q.Q. n.º 53); a 4-V foi elogiado pelo sr. cel. cmt. geral, por ocasião da visita de inspeção à sua unidade, pela maneira inteligente e pelo amor ao trabalho honesto e pelas atitudes decisivas em prol da elevação moral do quadro de oficiais, o que constitui um dos traços principais dos seus verdadeiros méritos (Bol. do Q.G. n.º 48 e reg. n.º 76).

## MINISTRO DO TRIBUNAL

Em 6 de dezembro de 1939, foi promovido a coronel e afastou-se da tropa. Mas não deixou o serviço ativo. Afastou-se por decreto governamental, que o nomeou juiz do Tribunal de Justiça Militar.

Até o presente nosso ex-diretor é ministro daquele órgão. Suas funções, porém, não o impediram de dirigir "MILITIA" durante anos. E dirigiu-a com inteligência e desinteresse, como sempre fez em todas as suas atividades.

(conclui na página 14)

# Futuros Oficiais em Festa:

Como ocorre anualmente os novos alunos do Curso de Formação de Oficiais receberam seus espadins em 24 de maio último, data em que se comemora a batalha de Tuiuti. 31 espadins foram entregues e a tropa do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, unidade onde funciona a Escola de Oficiais, desfilou em continência à bandeira.

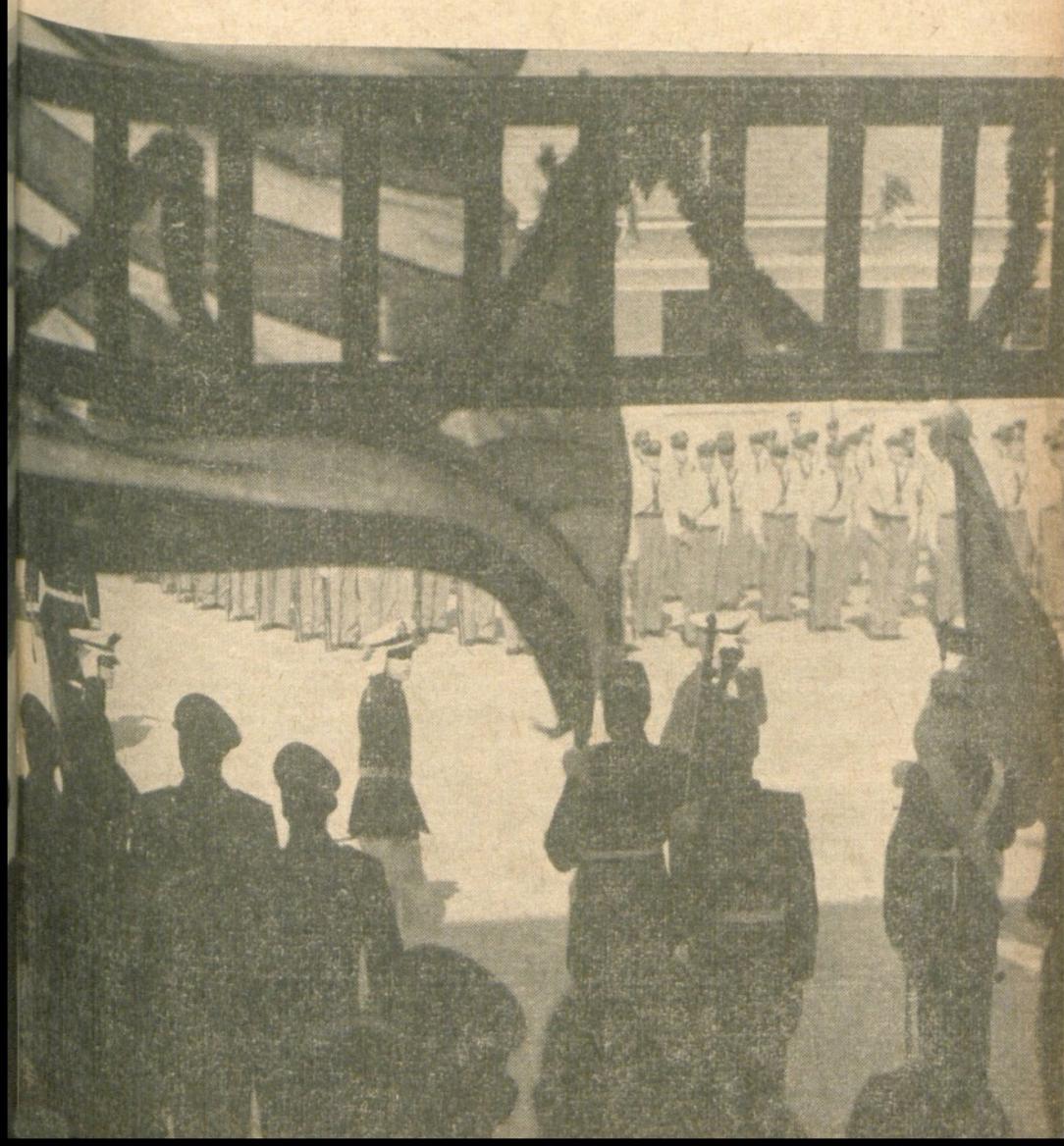
"Neste instante em que o país se encontra entregue aos embates naturais de uma grande política, a Força Pública unida, coesa, devotada aos seus deveres, é uma garantia para Ião Paulo e para o regime democrático que defendemos em 1932, e que já antes, neste glorioso dia 24 de maio, as armas brasileiras haviam sagrado nos campos legendários de Tuiuti, na luta contra a tirania" — afirmou o chefe do Executivo bandeirante. Em outro local desta edição publicamos seu discurso na íntegra.

## SOLENIIDADES

O governador do Estado, que chegou ao local acompanhado de sua esposa, d. Iolanda de Carvalho Pinto, dos chefes das Casas Civil e Militar, srs. Américo Portugal Gouvêa e cel. Djalma Arantes, respectivamen-



# ESPADINS





---

---

O governador e o cap. Staff Müller desatam a fita simbólica da nova sala de instrução.

---

---

te, fez entrega do espadim ao 1.º colocado da turma, aluno oficial René Antônio Novais. O desembargador Pedro Marcondes Chaves, presidente do Tribunal de Justiça, entregou o espadim ao 2.º colocado, aluno Marcos Rodrigues Rios; o presidente da Assembléia Legislativa, dep. Abreu Sodré, fez entrega do espadim ao 3.º colocado, aluno Arnaldo Pagan, e os srs. Francisco José da Nova, secretário da Segurança e general Levy Cardoso, comandante da 2.ª R.M., procederam à entrega ao 4.º e 5.º colocados, alunos João Nikoluk e Tércio Varela Sendin.

Após a entrega dos demais espadins pelas madrinhas, os novos alunos-oficiais prestaram juramento à Bandeira, ouvindo-se o Hino Nacional entoado por toda a tropa formada no pátio do Centro.

A seguir o ten. cel. Romeu de Carvalho Pereira, comandante do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, leu o Boletim alusivo à data, ressaltando a "capacidade dos nossos chefes militares comprovada no gênio de Osório", ao referir-se à batalha de Tuiuti. Depois de agradecer a presença do governador e fazer um relato das atividades do C.F.A.

# DESPEDIDA

EPITALAMIO

de Walthor Rodrigues da Cosda

Despediu-se da vida de solteiro nosso colega ten. Moisés Szajnbock, um dos componentes da atual diretoria do Clube dos Oficiais. 10 de julho de 1960 foi a data em que Szajnbock iniciou a nova fase. Seus companheiros milicianos foram assistir à cerimônia. Quiseram cumprimentá-lo e a sua noiva Nilza.

Oficiais e praças irmanaram-se nos cumprimentos. E foram muitos os que o saudaram. E Szajnbock sentiu-se feliz. Mais ainda que antes. E sabe que os votos de felicidades se realizarão.

Um dos presentes, sargento do 11.º B.P., saudou os nubentes, mas só em pensamento, com o seguinte

Não pode haver neste mundo um momento mais profundo, que o dia nupcial!

A quem casa o dia é santo, eivado de doce encanto e alegria perenal...

Nilza e Moisés, é feliz, de iridescente matiz e imaculada candura, que quero vos seja a vida...

Quero-o, também, colorida com florações de ternura. Pois ao homem foi pesado o remo tóscio deixado no grande barco da vida, para sôzinho o remar... no remo do verbo amar!...

Fez uma exortação aos alunos-oficiais que naquele instante recebiam seus espadins.

O governador Carvalho Pinto pronunciou, em seguida, discurso congratulando-se com a Força Pública.

Após desfile da tropa em continência às autoridades presentes, os alunos do 2.º ano do Curso de Formação de Oficiais realizaram uma demonstração de ordem unida sem comando, revelando o grau de disciplina e compreensão de deveres de que estão imbuídos.

O grupamento escolar do C.F.A. efetuou, logo após, desfile em homenagem ao governador e autoridades presentes, tendo o 1.º mandatório do Estão, em seguida, inaugurado a sala de instrução equestre "Statt Müller", assim denominada em homenagem ao capitão Frederico Statt Müller que, a convite do prof. Carvalho Pinto, com êle desatou a fita simbólica (foto)..

Na oportunidade, o ten. Horácio Bozon pronunciou palavras de saudação às autoridades, evocando a figura do homenageado, participante da 1.ª Missão Francesa que veio a São Paulo a fim de instruir a Força Pública. O velho oficial gaulês encontra-se entre nós há 40 anos.

Por último, houve nova inauguração: a de dois retratos que vieram completar a galeria dos comandantes do Centro — ten. cel. Rodolfo Assunção e cel. Arriçon de Souza Ferraz, que ali compareceu na qualidade de comandante geral da Força e agradeceu a homenagem. Outra unidade que rendeu homenagem ao oficial francês foi o Regimento "9 de Julho".

## AUTORIDADES PRESENTES

Além das autoridades citadas, encontravam-se presentes o presidente do Tribunal Militar, sr. Cunha Lima; o comandante do CPOR de São Paulo, cel. João Franco Pontes; os cônsules gerais do Chile e da Holanda, srs. Eugenio Palacios Bate e Barão Schelto Van Heemstra.

## CELI CAMPELO PRESENTE

Nota pitoresca da festa do espadim do ano em curso foi a escolha de madrinha especial. Celi Campelo foi a eleita. Cantora popular da moda, participou de um espetáculo feito em colaboração com os alunos-oficiais, que a proclamaram sua madrinha. Aquêlo espetáculo, com números de canto, música e outros, foi recebido com geral agrado do público.

**N**OSSO ex-diretor é o soldado mais antigo da Fôrça Pública — meio século de serviço.

Verdadeira antologia viva de nossa corporação, sabe contar como ninguém os fatos de antanho: fatos que viveu, presenciou ou lhe contaram.

Seu coração palpita ao relembrar as glórias da Fôrça Pública, seu semblante entristece quando fala dos fracassos individuais, sua personalidade contagia se o marco do acontecimento é humorismo.

Nós, que tivemos o prazer de viver vários anos em franca amizade com êsse incansável diretor de MILITIA, sentimo-nos no dever de salientar algo de sua personalidade, principalmente para os que o conheceram mal.

Dizer «desconhecido» da atual geração, pode parecer um paradoxo, mas é a verdade. Realmente, todos conhecem o Ministro do Tribunal. Mas desconhecem o homem que êle é compreensivo, liberal, dinâmico e renovador. Espírito aberto às idéias novas, sabe pesá-las na balança da experiência e prever qual o saldo para o futuro. Sabe dizer a um velho turrão que estude melhor uma novidade, tendo em mente que os tempos são outros, e a um jovem que seus dados foram coligidos no plano, mas o problema é tridimensional e as deformações da perspectiva o enganam.

Os anos dedicados à nossa Revista são apenas pequena parcela na grande soma de suas realizações. Pequena, dentro dessa grande vida, mas incomensurável para a publicação cuja existência quase se confunde com sua gestão.

Quando uma publicação de classe, como a nossa mantém como diretor uma pessoa de destaque por tanto tempo, a dedução geral é de que se trata de mera figura decorativa. Para os que não sabem e são muitos — queremos deixar bem claro o cel. José Anchieta Torres foi realmente o diretor de MILITIA, durante todo o tempo. Não só diretor mas grande redator, orientador de secretários, gerentes e outros auxiliares. A belíssima «Secção de Édipo», infelizmente extinta, deveu-se quase exclusivamente a êle e ao major Antonio Silva — AESSE — Neste particular há um segredo que peço permissão para revelar.

Quando faltava colaboração, a fertilíssima capacidade de criação do diretor preenchia a lacuna com um sem número dos mais variados problemas, ostentando os mais curiosos pseudônimos, cujo anônimo e nodosito autor era êle mesmo.

Sua paixão pelos enigmas em prosa, em verso, gráficos, figurados ou quejandos, vivos ou extintos, dos quais é habilíssimo criador e decifrador, talvez tenha privado muito exotérico do conviver com um emérito prosador e poeta.

Resumindo, numa expressão que não é nossa: José Anchieta Torres é um dos raros homens capazes de prestigiar cargos sem ser prestigiado por êles.

---

N. da R. — Nesta edição, MILITIA publica, ao lado das costumeiras palavras cruzadas, um problema de logogrifo em versos, dedicado a nosso ex-diretor geral, cel. José Anchieta Torres. (página 96)

# NO MUNDO DAS LETRAS

desta terra onde a luz fulgente e bela,  
donde faz dourar a côr aquarela  
desta nova, aguerrida geração,  
vejo erguer-se na mata, sob a lua,  
a jovem brasilã, filha que exalta  
esta mãe pátria, esta minha nação.

de relance aparece um novo quadro:  
tôde feita de arrôjo, sonho ousado,  
brilha mais uma estrêla de primeira,  
forte e rica da nação brasileira.  
na guanabara, jóia tropical,  
nove estado, ex-distrito federal.

ô astros que luzem no firmamento  
deixai correr livre o meu pensamento  
sob estas matas, sob o céu anil,  
sôbre os rios de altas e belas cascatas  
dos pujantes sertões do meu brasil.

mário da mata rezende

canto a brasilã

agora de alegria quer meu cântico  
exaltar brasilã, cheio de amor;  
bailar querem meus versos sob o imenso  
universo, como águia multicôr.

eu canto a cidade da esperança  
— velho anseio mais que secular —  
na selva inóspita hoje a brilhar  
numa hora em que o sol e o céu de abril  
aquecem a terra do brasil.

eu quero mais, irmãos do nordeste,  
ver o mar, que é dádiva celeste.  
eu quero mais, irmãos do sueste,  
ver no porvir o brasil passado  
surgir do presente conturbado,  
astro a luzir aos olhos do mundo.

## «QUARTO DE DESPEJO»

### É SUCESSO SEM PRECEDENTES

Está no prelo a segunda edição do "Quarto de Despejo" (Diário de uma Favelada), de Carolina Maria de Jesus, editado pela Livraria Francisco Alves. A primeira, com seus 10.000 exemplares, esgotou-se em poucos dias, quase toda vendida na capital paulista. Cumpre notar que as edições de obras brasileiras de autores conhecidos, em geral, não passam da casa dos 2.000 exemplares. E muito tempo se espera antes que seja esgotada. Carolina é um caso à parte em nossas letras. Favelada autêntica, pôs em seu livro todo o vigor da miséria das favelas. Antiga moradora de um barraco do Canindé, fez referências, de passagem, a milicianos da Força Pública.

#### COQUETEL DE LANÇAMENTOS: CACHAÇA COM LIMÃO

Cachaça com limão foi a única bebida que se serviu no coquetel de lançamento da obra. A editora quis dar ao ato um caráter eminentemente popular e não distribuiu convites. Em vez disso, volantes foram espalhados pelas ruas e nas favelas. E o povo compareceu em massa, favelados ao lado de escritores.

Naturalmente, houve reação. Intelectuais de gabinete manifestaram seu descontentamento. Para eles é deprimente uma escritora negra, saída do monturo. Houve críticas azedas, ironias de mau gosto, gritos, e protestos. A cada ação uma reação. Apareceu alguma coisa nova e vigorosa. Uma força igual e em sentido contrário devia agir forçosamente. A crítica desinteressada, porém, soube compreender o sentido da obra.

Houve um crítico que clamou contra os erros de redação e ortografia e muitos acharam que o original deveria ao menos ser refeito. Contudo, o original foi conservado sem alteração de uma vírgula e a pujança da autora se manteve. Um sacerdote compreendeu o valor do "Quarto de Despejo", onde viu inclusive uma mensagem poética e moral; viu poesia no linguajar bárbaro dos negros da favela e uma lição de moral na crueza com que são apresentados os fatos. Uma mensagem social também foi vista por ele como por outros críticos perspicazes. Uma autoridade em assistência social salien-

tou mesmo o fato de que ela chama a atenção do público para as favelas desconhecidas de São Paulo, sempre ocultas, pela própria topografia plana do terreno, e reconheceu na obra uma prova de que a ação assistencial precisa de rumos novos.

### O LIVRO

Com aprimorada feitura gráfica e ilustração de Ciro Del Nero, tem prefácio de Audálio Dantas, que selecionou os trechos publicados.

A obra é um retrato diário em que a autora fala dela mesma e da favela. Sua força de expressão é reconhecida pela crítica e uma surpresa para o público. Carolina realizou espontaneamente o que todo autor moderno procura — expressar-se literariamente em linguagem popular. Escrevendo com grande propriedade e sem artificios, não se limita a contar, mas tira conclusões. Várias vezes ela se refere à favela como quarto de despejo da miséria humana. Daí o título.

Revoltada contra a miséria, ela tenta superar-se e vencer a própria condição humilde. Sem rebugos, faz críticas a políticos de destaque, usando nomes reais. Aliás, nenhum dos nomes que aparecem é fictício.

### A AUTORA

Negra, com 46 anos de idade, nasceu em Sacramento, Minas, e mora em São Paulo desde 1937. Em 1948 fixou residência na favela do Canindé e lá ficou até aparecer o livro. É solteira e tem três fi-

lhos, com os quais se nota preocupação constante no decorrer de toda a obra.

Sua profissão, até há pouco, era de catadora de papéis velhos. Revirava lixo à cata de papéis e de quaisquer objetos que pudesse vender. Muitas vezes coinou do lixo, como ela mesma conta.

### A DESCOBERTA

Um dia qualquer de 1958. Bata-boca na favela. A algazarra cresce e chega quase às vias de fato. No meio de todos, homens, mulheres e crianças, uma mulher exclamava: "Vou botar tudo no diário!"

Acontece que estava presente Audálio Dantas, em suas funções de jornalista. E Carolina apareceu. Ameaçava seus adversários com uma obra inédita de protesto contra a miséria. E suas coisas — diário, poesias e outros escritos começaram a chegar em fragmentos ao conhecimento do público. Inicialmente foi um diário paulista que divulgou o fato. Depois, uma revista de circulação nacional, a que pertence Audálio Dantas atualmente. Por fim lançou-se a bomba: o diário de Carolina seria editado.

Agora, a despeito do pouco tempo que passou, Carolina tem seu nome na literatura brasileira. É notícia. No dizer do próprio Audálio Dantas, "é tão notícia que os jornais já publicam títulos em que o nome de Carolina basta; não é preciso encher espaço para dizer que se trata de uma escritora negra, favelada, etc.. "Quarto de Despejo" é a maior realização literária do ano no Brasil".

Os 10.000 exemplares vendidos em alguns dias confirmam suas palavras.

# PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

**BOLETIM**, órgão informativo da Biblioteca do Exército, Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, n.º 37, abril de 1960. Distribuição gratuita aos assinantes da Biblioteca, Diretor: cel. Humberto Peregrino Fagundes; secretário: cap. Milton Gaspar.

**ANCHIETA**, mensário dos alunos do Colégio Anchieta — Belo Horizonte, n.º 28, abril de 1960. Orientação dos profs. Antônio C. Câmara Ribeiro, Zelito Ribeiro dos Santos e Francisco Fausto de Albuquerque (responsável); diretores: José Antônio Soares Pereira, Maria Vicente e Evandro Camilo de Azevedo. Redação dos alunos do estabelecimento.

**DEFESA NACIONAL**, revista das Forças Armadas — Rio de Janeiro, n.ºs 548 a 550, março a maio de 1960. Diretor-presidente: gen. João Batista de Matos; diretor-secretário: cel. Airton Salgueiro de Freitas; diretor-gerente: ten. cel. João Capistrano Martins Ribeiro.

**O MILICIANO**, órgão informativo dos subtenentes e sargentos da Polícia Militar do Estado da Guanabara — Rio de Janeiro, n.º 57, junho-julho de 1960. Diretor responsável: Cipriano Fernandes Lima, presidente da Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Estado; diretor-secretário: Marvis W. Aleixo.

**OS POLICIAIS MILITARES PERANTE O CÓDIGO PENAL MILITAR**, brochura de César Saldanha de Sousa (relatórios apresentados ao I Congresso de Direito Policial Militar). O autor foi relator de teses sobre a situação jurídico-penal dos milicianos. O trabalho ora publicado consta de dois relatórios, acrescidos das notas taquigráficas das discussões.

**PAULISTANIA**, órgão do Clube Piratininga — São Paulo, n.º 63, outubro de 1959 a abril de 1960. Diretor: Jorge Saraiva; redator-secretário: Paulo Camilher Florençano; redatores: Augusto de Sousa, João Pedro Vandique e J.I. de Barros Pimentel.

**A RURAL**, revista da Sociedade Rural Brasileira — São Paulo, n.º 472, agosto de 1960. Diretor: Luís de Toledo Fiza

Sobrinho; secretário de redação: Vicente Maurino; vários colaboradores especializados.

**NOSSA ESTRADA**, mensário da E.F. Sorocabana — São Paulo, n.ºs 261 e 262, abril e maio de 1960. Diretor: Naimé Busamara; redator-chefe: Honorival dos Santos; redator-gerente: Sílvio Frezza.

**AÇÃO DEMOCRÁTICA**, boletim mensal do Instituto Brasileiro de Ação Democrática — Rio de Janeiro, n.ºs 10 a 15, março a agosto de 1960. Diretor superintendente: Ivan Hasslocher; redator-chefe: Galdstone de Melo; redator econômico: Dênio Nogueira; secretário: Vicente Barreto e consultor da redação: Gustavo Corção.

**FUEZAS ARMADAS DE VENEZUELA**, revista do Ministério da Defesa daquele país — Caracas, n.ºs 164 e 165, fevereiro e março de 1960. Direção da Divisão de Informações do Estado Maior Conjunto.

**LAS FUEZAS ARMADAS REPUDIEN EL ASALTO AL PODER**, brochura editada em Caracas, 1959, contendo publicações do Ministério da Defesa da Venezuela, a respeito de declarações de um general exilado.

**SE REAFIRMA LA FE EN LA COALICIÓN**, brochura editada em Caracas, pela Secretaria Geral da Presidência da República da Venezuela, por ocasião do 1.º aniversário das eleições de 7 de dezembro de 1958.

**ALAS DE LA DEMOCRACIA**, brochura editada pela Secretaria Geral da Presidência da República da Venezuela, em 1959, contendo discurso do gen. Antonio Briceno Linares, comandante geral das Forças Aéreas, e carta do ex-presidente Rómulo Gallegos, agradecendo condecoração que lhe foi outorgada pelas Forças Aéreas.

**AERO MAGAZINE**, revista mensal da Fundação Santos Dumont — São Paulo, n.ºs 27, 29, 30 e 31, de março a julho de 1960. Diretor: Jaime Velés; redator-chefe: eng. Romeu Corsini; editores: Lauro Luz e Georg Ivanov; redator-secretário: Paulo Santos Matos.

No último número foram os gaúchos. Agora são os paranaenses do Contestado que revivem, pela pena do gen. Alfredo Nogueira Jr., participante daquela campanha. O autor vê a marcha dos paranaenses comandados por Benjamin Augusto Lage como «antecipação calorosa da fase Setembrino de Carvalho, cuja definição só começaria a partir de 9 de setembro de 1.914».

Lage comandou o chamado Batalhão Tático na região conflagrada, de fins de agosto até aquela data, cessando seu avanço apenas por determinação superior. Agora, muitos anos após a luta fratricida, o leitor de MILITIA toma conhecimento de mais um capítulo da campanha.

Entretanto o autor desta série de trabalhos continua suas pesquisas. No momento procura colher dados sobre a participação de tropas catarinenses, para completar os elementos colhidos «in-loco», o que espera ser possível, com a colaboração de autoridades e estudiosos daquele Estado.

## III - Regimento de Segurança do Estado do Paraná

A. Nogueira Jor.

Se o leitor vislumbrou evocação dos acontecimentos desoladores que marcaram o roteiro da caminhada ao Faxinal do Irany e o infausto combate de 22 de outubro de 1912, terá um desengano bem evidente: hoje sômente iremos abordar a Jornada Liminar do Destacamento Benjamim Augusto Lage, ao entrar pelo sertão e entibiar as manobras dos sublevados de Aleixo de Lima e Antônio Tavares Júnior que já se tinham apoderado de Papanduva, Itaiópolis, Estiva, Moema e se aproximavam de Rio Negro, seu mais desejado objetivo.

Os rumores da conflagração vinham do princípio de agosto, sem encontrar ouvido entre os responsáveis pela ordem, que se embalavam na idéia enganosa do efeito moral apresentado pela força federal disposta em Timbó, Canoinhas e Santa Leocádia, — esta última com o frágil efetivo de trinta e dois nomes. Nem o combate de Campo das Moças, nem

os assaltos a Santa Leocádia e Canoinhas, nem o desafôro dos sertanejos redigido em forma boçal, ou as vozes de alerta saídas dos lugarejos em perigo puderam quebrar o torpor das autoridades superiores, federais ou estaduais. Pondo à margem o que ia campeando em outros pontos, focalizemos só esse trecho do Contestado em que não havia guarda-garção federal e os destacamentos policiais do Paraná se revelavam pela insignificância.

### PERDA DE PAPANDUVA E ITAIÓPOLIS

Lá pelo dia 20 de agosto de 1914 a efervescência era forte. Aleixo, partindo daquelas grimpas da serra dos Vieiras e seu pouso habitual de São Sebastião do Rio da Areia, olhava cubiçoso para a vila Papanduva, nas terras da margem paranaense do rio Canoinhas. Já estava com efetivo soberbo e armamento capaz de alvoroçar os matutos e levá-los a lan-



---

Foto histórica: Participantes do Batalhão Tático formam um grupo para o fotógrafo, em momento de descanso

---

---

Alguns oficiais, em meados de janeiro de 1915, por ocasião da estada do gen. Setembrino de Carvalho em Canoinhas.

---



ces espetaculares. Decidiu apoderar-se da vila e de Itaiópolis, num primeiro golpe vigoroso. Infelizmente as notícias o precederam e alarmaram o povo e seus quinze policiasos de guarnição. Os habitantes cuidaram do afastamento e os policiasos não resistiram ao efeito moral, ante- vendo derrota irrevogável, pois se es- timavam os sublevados em algumas centenas, com aproximação em for- ma estratégica e evolver para um sítio, cujo fruto principal seria reco- lher o armamento e a munição exis- tente, dos soldados e do comércio. De tudo isso resultou que os dois lu- gares ficaram ao abandono. fugin- do as autoridades para longe ou pa- ra os matos circunjascentes. Itaió- polis foi ocupada, logo depois de Pa- panduva, sem um tiro, apenas se re- velando no saque do que não pôde evacuar a gente retirada às pressas. A notícia chegou a Curitiba e o Re- gimento de Segurança preparou uma primeira fôrça com os recursos hu- manos de que dispunha no momento.

Coube o comando ao decidido Benjamin Augusto Lage, então no pôsto de major e com bela folha de serviços, principalmente por ter esta- do em Cachoeirinha, por ocasião dos fatos do Caraguatá onde não atuara para atender aos rubores de jurisdic- ção, mas serviu de anteparo provi- dencial às hostes legais em retirada.

## PREPARATIVOS PARA A RETOMADA

Justamente a 29 de agosto e com brilho invulgar a tropa forma no quartel e se encaminha para a Esta- ção da ferrovia, chegando em Rio Ne- gro a tempo de perceber na fimbria do horizonte alguns dos grupos su- blevados que vinham «bombear» a localidade, estando os mais a bôa dis- tância e comando de Alemãozinho (Henrique Wolland). Juntado o efe- tivo local e os recolhidos de Papan- duva e Itaiópolis, os policiasos for- mariam duzentas carabinas Mauser e duas metralhadoras Maxim — Nor- denfelt, com alguns cavalariosos de quebra. Na cidade o coronel da Guar- da Nacional Nicolau Blei Neto, que não era homem sensível às emoções e ali atuava, como político e delega- do de polícia civil, atraiu uma dis- posta fôrça irregular que se postara em defensiva, permitindo ao desta- camento do Paraná bem maior mobi- lidade potencial. As informações re- colhidas iam esclarecendo convir uma inserção imediata até Papanduva, visto como os fanáticos estavam as- sassinando, depredando e roubando por ali.

### 1.º LANCE: ITAIÓPOLIS

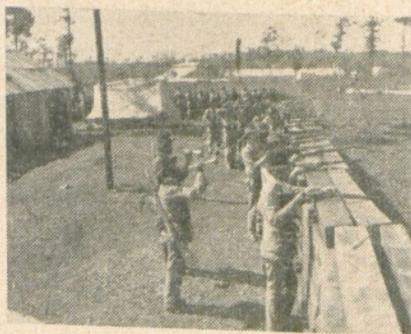
Depois de tomar as precauções necessárias a evitar surpresa do ca- minho da Estiva e Sepultura, colo-

cando avançadas em escalonamento, rumou pela estrada carroçável de Itaiópolis, que atingiu a 3 de setembro, recolocando as autoridades civis, conforme ata lavrada na ocasião, tomando-se algumas fotografias do evento. Logo a seguir, ali apareceu o resto do Regimento de Segurança, chegando a 30 de agosto em Rio Negro e a 4 na vila recuada, ainda que não tivessem trocado tiros: é que Alemãozinho não se revestia de combatividade nem de conhecimentos táticos dele esperados pelo crédulo Aleixo, com quem se desaveio e trocou insultos à distância. Quando Henrique Woland reconheceu-se impotente, olhando de longe em binóculo tantos fuzis e metralhadoras, deu rédia em retrocesso, rumo a Papanduva com a notícia que reconduziu Aleixo ao confin do rio da Areia, também emocionado, com justa razão. De verdade Laje era um valente e levaria à derrota qualquer dos chefes rebelados. Não podendo atingir a Antônio Tavares que se abrigava em território de incontestável jurisdição catarinense, o que resultaria em invasão, cuidou só da zona dependente do Paraná, cujas lindes terminavam no Canoinhas.

A estrada de rolamento regular iria até Papanduva, passando por Estiva, onde se reunia o caminho de Sepultura, também vindo de Rio Negro. Tomadas as precauções, o andamento começou a 4 de setembro com efetivo que não ultrapassava cento e cinquenta nomes, demorando bem a marcha, mas progredindo com mais perfeita segurança. A 5 ocupava Estiva, distando, ao que disseram, uma légua de Papanduva.

## MORTE DE MATTOS COSTA

O dia 6 deveria ficar assinalado duplamente: ali, nas imediações de Estiva, há dois combates vitoriosos do Destacamento Laje, ambos maculados pela efusão de sangue nacional. quase desbercebidos ante o horror que marcaria outra grande chacina em força federal; neste aspecto segundo, ocorrido à tarde nos arredores de São João, ao longo da ferrovia São-Paulo-Rio-Grande, perdeu-se junto a numerosa tropa e civis povoantes, aquêle patriota admirável que veio a dar nome ao trágico lugar — Matos Costa, — no quilômetro 314.



Fôrças legais entrincheiradas em Três Barras, defronte à serraria Lumber.

Começando a anoitecer, a força recolheu a Estiva, donde transmitiu os sucessos. Ainda que houvesse apenas um soldado morto e poucos raspões na idumentária da soldadesca, soube-se que o inimigo teve desaminador escarmento, tantos mortos e tantos feridos recolheu, dos irregulares. Mas, do lado legal, era firme desejo ir até Papanduva a partir da manhã seguinte, aproveitando o efeito psicológico. Tudo se encaminhava para colimar. Demais, Papandu-

va era um vilarejo importante, permitindo estacionar em posição alta-neira e facilidades, tantos roteiros convergiam para ali.

### DECEPÇÃO: CONTRA-ORDEM

Foi uma decepção receber contra-ordem da autoridade máxima do Estado, — o presidente interino, — dispondo imediato recolhimento a Itaiópolis, ordem chegada a 7 e insistida a 9, talvez por temer um assalto às comunicações por Itaiópolis, lugar bem próximo do pendor altaneiro de Antônio Tavares, Politicóide sertanejo, mais ardiloso que atuante militar, sempre desarvorado, sempre instável, jamais decidido.

Benjamin Lage, relutou muito... Afinal cedeu, ante a repetição das instruções, perdendo, assim, a oportunidade para reocupar Papanduva naquela ocasião. Ainda não havia Coluna Leste, nem Norte e Oeste, nem Setembrino cuidava do genial

p'ano de cercar a zona subevada, jamais conseguido integralmente. Contudo, ninguém terá a ousadia de afirmar que os milicianos paranaenses não figuraram operando bem distintamente.

Não fôsse a inserção da Jornada Liminar do Destacamento Benjamin Augusto Lage, bem antes de Setembrino assumir a direção das operações, qualquer dos propósitos para organizar e impedir as Colunas do Norte e Leste, cujo aparecimento só aconteceu com a chegada do 56.º Batalhão de Caçadores e do 10.º Regimento de Infantaria, revelaria problema bem sério, pois desembarcavam em Rio Negro a 25 e 26 de setembro Demorasse um pouco o aparecimento paranaense, não admiraria que os fanáticos (e os políticos aderentes) tomassem Rio Negro, cortando as comunicações de Canoinhas e fazendo pé-firme na baranca da margem esquerda.

## CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

Por correspondência

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de taquigrafia por correspondência do Instituto Brasileiro de Taquigrafia, órgão fundado em 1944 e reconhecido de utilidade pública. O curso compõe-se de apenas 12 lições, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em Exame Final, também por correspondência. Os interessados deverão escrever dando nome e endereços para a caixa postal 8934, São Paulo.

## Homenagem a Portugal no V centenário do Infante

A partir deste número, publicaremos parceladamente trabalho do prof. Tito Livio Ferreira, intitulado "A Formação das Tropas del-Rei no Brasil Lusitano". O autor é dos que defendem a tese de que este país não foi colônia de Portugal. Dai a expressão "Brasil lusitano" em lugar de "Brasil-Colônia". Como já divulgamos, o prof. Tito Livio costuma fazer uma série de citações para demonstrar seu ponto de vista. Há tempos, editou uma brochura em que transcreve documentos históricos, onde diferentes monarcas portugueses e inúmeros reinóis se referem a nossos patricios como a "portuguêses do Brasil". Agora, falando de tropas aqui formadas, mostra como muitos brasileiros ocuparam postos altos na hierarquia militar da época, a despeito de ordem régia citada por outro autor, "determinando que as promoções de alferes para cima fôsse[m] feitas por el-rei, não podendo aproveit[ar] as mesmas aos filhos do Brasil".

Evidentemente muitos discordam e apontam proibições diversas, restrições às eventuais tentativas de industrialização e tudo que fêz a metrópole para impedir a existência entre nós de editoras, oficinas gráficas etc. Lembram que só com a vinda da corte em 1808 começou a conquista de liberdades negadas durante trezentos anos.

Contudo, pelas inúmeras citações feitas, o trabalho do prof. Tito Livio é uma peça para estudo, que MILITIA leva agora ao leitor, sem tomar partido na polêmica. De qualquer maneira, é uma contribuição desta revista e do autor. Este, que pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, participa ativamente, com aquela entidade, das comemorações do quinto centenário de dom Henrique, que transcorre este ano. Dado o papel do infante como precursor dos descobrimentos e, conseqüentemente, por sua influência indireta na história brasileira, nada mais natural que os milicianos do Brasil conhecerem um pouco da formação de nossas milícias.

# A FORMAÇÃO DAS TROPAS DEL-REI NO BRASIL-LUSITANO

TITO LIVIO FERREIRA

Há escritores para os quais a pesquisa histórica ainda não existe. Se existe, ela se limita, para eles, única e exclusivamente, à leitura de monografias impressas ou às obras consagradas pelo tempo. Embora se arreguem o título de «historiadores», seus trabalhos não passam de exercícios comparáveis aos dos estudantes universitários, feitos com bibliografias selecionadas pelo catedrático. Preferem bater o asfalto liso das avenidas, a sentir os riscos da espessura traiçoeira da mata virgem ou do sertão bruto. E agem assim, sob o imperativo categórico da falta de coragem para enfrentar as grandes aventuras espirituais ou por força da mais humana das leis: a lei do mínimo esforço.

Nessas condições, jamais lhe passam pela mente, a esses escritores da história, o que seja o labor sério, intenso e vivo de ler, selecionar, ordenar, estudar, analisar o documentário de uma época social diferente da nossa em todos os seus aspectos políticos e econômicos. Falta-lhes, para isso, a idéia de que a História política e econômica. Falta-lhes, ainda. Assim, com o pensamento do presente, com a psicologia de agora, dentro da sociedade atual, escrevem a respeito do pensamento do passado,

da psicologia de outrora, da sociedade levada pelo vento. Acreditam, com ingenuidade, que a visão panorâmica da sociedade aberta diante de seus olhos seja idêntica, semelhante, igual à visão de conjunto da sociedade já desaparecida, para todo o é unidade, continuidade, soledade. E porque se enganam, o continente literário de seus juízos pessoais e pessoalíssimos, apresenta-se vazio do conteúdo emocional histórico.

Por isso mesmo, quando há dois anos, nesta cidade de Manoel da Nobrega, reuniu-se a «Primeira Jornada Paulista de Revisão da História do Brasil», no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, alarmaram-se os «historiadores» da bibliografia escrita. Para eles era impossível estudar documentos novos ou desconhecidos à luz da ciência. Concebiam a História como ciência extática e não como ciência dinâmica. O fato, para eles, atingia às raias do sacrilégio. E puseram-se a catar verbetes para com essas flechas de papel inutilizar documentos.

Ora, o verbete não substitui o documento. É uma nota simples. Veja-se como este verbete ilude os incautos escritores: «Ordem régia de 19 de fevereiro de 1724, determinando que as promoções de alferes para

cima fôsem feitas por el-rei, não podendo aproveitar as mesmas aos filhos do Brasil». Os verbetistas ignoram que os filhos do Brasil, no Estado do Brasil, eram vassallos do rei, assim como hoje somos cidadãos da República. E esses vassallos de sua majestade, nascidos no Brasil, de 1500 a 1822, eram tão portugueses quanto os nascidos em Portugal e outras províncias do Império Lusitano; assim como nós paulistas de 1822 em diante somos tão brasileiros com os filhos de outras províncias ou Estados da República Brasileira.

Para provar essa assertiva, basta abrir os três tomos da «Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica» de Pedro Taques de Almeida Pais Leme, terceira edição com biografia e estudo crítico feitos por Mestre Afonso de E. Taunay, publicação comemorativa da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo, 1954.

Logo nas primeiras páginas dessa obra escrita há cerca de duzentos anos, o autor se apresenta: »Pedro Taques de Almeida Pais Leme, natural da cidade de São Paulo, em cuja república (Câmara Municipal) serviu os cargos honrosos dela. Sargento-Maior (major hoje) do Regimento da Nobreza das minas de Paranapanema e Apiaí». E seguem-se os outros títulos dos cargos por êle desempenhados.

Afonso Taunay observa, Pedro Taques, «apesar de paulista até a raiz dos cabelos, sente-se lusitano até o íntimo do coração, admirador incondicional do seu rei e govêrno». E era português paulista e vassallo de sua majestade.

Veja-se como êle fala de seus patricios. Amador Bueno «passou a governador da dita Capitania de São Vicente com patente de capitão-mor (nomeado por sua majestade), com 80\$000 de soldo (pago pela Monarquia Portuguesa), que sempre perceberam os cabitães-mores governadores da Capitania de São Vicente e São Paulo». Nessas condições «foi Amador Bueno vassallo de tanta honra e fidelidade» ao seu rei, que recusou ser rei dos paulistas. Para isso, recolheu-se então ao mosteiro de São Bento, «acompanhado dos leais portugueses europeus e (portugueses) paulistas». E isso prova sua «incontrastável lealdade», natural neste «vassallo paulista». (I-77) Foi essa a primeira inconfidência no Estado do Brasil, quando alguns castelhanos de São Paulo intentaram «vencer com êste bárbaro e sacrilego atentado a constância do honrado vassallo Amador Bueno». (I-78) E êste «bárbaro e sacrilego atentado» era crime de inconfidência, isto é, crime de lesa-majestade.

Em 1698 o governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá Menezes, criou em São Paulo dois corpos de infantaria, os primeiros: um de Ordenanças pelo cel. Domingos de Amores e outro de Auxiliares «do qual foi mestre de campo (hoje coronel) Domingos da Silva Bueno, cujas patentes foram confirmadas por sua majestade». Assim, «foi o mestre de campo Domingos da Silva Bueno um paulista adornado com todos os merecimentos». E, «nas ocasiões do real serviço del rei soube sempre dar acreditadas mostras de honrado vassallo, e por isso mereceu que o sr.

D. Pedro II lhe escrevesse uma carta de agradecimento, datada em 20 outubro de 1698, que contém honrosíssimas expressões». (I-84)

Manoel Carvalho da Silva Bueno, natural de São Paulo, «serviu os cargos da república» (Câmara Municipal). Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, primeiro governador da Capitania de São Paulo, cria quatro comanhas de infantaria pagas pela Monarquia Portuguesa, e nomeia «para capitães delas os PAULISTAS de qualificada nobreza e merecimento para se empregarem no real serviço (serviço del rei)»; e nomeia «para capitão de uma das comanhas Manuel Carvalho da Silva Bueno. Na patente que se lhe passou de capitão de infantaria, datada de São Paulo, no 1.º de agosto de 1710, se expressa o seu merecimento como filho do mestre de campo (hoje coronel) Domingos da Silva Bueno e neto de Amador Bueno. Depois passou a sargento-mor (hoje major) do terço de auxiliares». (I-87/88)

Manoel Bueno da Fonseca, natural de São Paulo, de «cuja república (Câmara Municipal) serviu os honrosos cargos, sempre teve as rédeas do governo civil e militar. Foi professor da Ordem de Cristo, cujo padrão de tença (pensão com que se

remuneram serviços prestados ao rei) se lhe passou em 20 de dezembro de 1704, por mercê do sr. Rei D. João V. O alvará para se armar cavaleiro desta Ordem traz esta honrosíssima expressão: — por ser neto do meu muito honrado e leal vassalo Amador Bueno». (I-95)

Manoel Dias da Silva, natural de São Paulo, «foi mestre de campo dos auxiliares das minas de Cuiabá, por patente do governador de São Paulo, D. Rodrigo Cesar de Menezes». (I-134) Pedro Taques de Almeida, filho do governador Lourenço Castanho Taques, natural de São Paulo, exerceu todos os cargos da república. «Pelos grandes serviços feitos à Coroa (portuguêsa), à custa sempre de sua fazenda, el-rei D. Pedro II o tomou por fidalgo da sua casa, com foro e moradia de cavaleiro fidalgo, que era o que tinha seu bisavô Antônio Rodrigues de Almeida». (I-146) Foi capitão da fortaleza de Vera Cruz do sítio de Itapema da praça de Santos, com 40\$000 de sôldo por ano. Depois foi nomeado por el-rei capitão-mor governador da Capitania de São Vicente e São Paulo, por patente régia, com 80\$000 de sôldo pago pela Monarquia Portuguesa. «Foi o capitão-mor Pedro Taques um dos Paulistas de maior respeito e veneração». (I-146/147)

## A formação das milícias paulistas no Brasil - Lusitano

Paulista é de prol, José de Góis e Moraes, natural de São Paulo, «serviu os cargos da república», isto é, da Câmara Municipal paulistana. Foi nomeada «sargento-mor (hoje major) da Comarca de São Paulo,

com 80\$000 de sôldo por ano, pagos no almoxarifado da fazenda real da praça de Santos por mercê de el-rei D. João V». (I-151). Foi capitão-mor e governador da Capitania de São Vicente e São Paulo. (I-151) Simão de

Toledo e Almeida, natural de São Paulo, nomeado capitão de infantaria, em outubro de 1762, comandou três companhias criadas ao mesmo tempo, com duzentos soldados, TODOS PAULISTAS ASSIM COMO ERAM OS SEUS OFICIAIS. (I-163)

O brigadeiro Antonio de Almeida Lara nasceu em São Paulo. «Foi-lhe passada a patente de regente governador militar daquelas minas (de Cuiabá), pelo general governador de São Paulo, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, em 1730. (I-194) «Matias Cardoso de Almeida, nobre cidadão de São Paulo, que serviu os cargos da república (Câmara Municipal)», recebe a patente de capitão-mor em 13 de março de 1673. Mestre-de-campo (coronel) para a guerra dos bárbaros gentios do Rio Grande do Norte, no ano de 1689. Entre os seus auxiliares estão o capitão-mor João Amaro Maciel Parente e capitão João Pires de Brito, naturais de São Paulo. O governador geral do Estado do Brasil nomeia Matias Cardoso de Almeida «governador absoluto da guerra contra os bárbaros gentios do Rio Grande do Ceará». Sete anos os paulistas andaram numa guerra viva a serviço de sua majestade. «Manoel Alvares de Moraes Navarro, natural de São Paulo, mestre de campo (coronel) de um terço de infantaria paga e governador da campanha do Rio Grande (do Norte) por sua majestade (nomeado) em 1701, foi leal vassalo da Coroa. E entre êsses «cabos da conquista do Rio Grande (do Norte) e Ceará, que passaram para a conquista do Piauí, onde era capitão-mor o paulista Francisco Dias de Siqueira, o qual tendo

penetrado o sertão de São Paulo, sua pátria, até o Maranhão», muitos não voltaram mais ao rincão paulista. (II-44,58)

«Manoel de Campos Bicudo, cidadão de São Paulo, de cuja república (Câmara Municipal) teve sempre o primeiro voto, foi pessoa de muita estimação e respeito». Este paulista foi intrépido contra os bárbaros gentios dos sertões do Rio Grande (do Sul) e Rio Paraguai, que os penetrou vinte e quatro vezes, a saber: três como soldado e vinte e uma como capitão-mor da tropa» (II-177) Coronel Antônio Pires de Campos, na guerra contra os Caiapós, em Goiás. (II-178) Carlos Pedroso da Silveira herdou com desvelado empenho o serviço do rei, «de quem era leal vassalo». As virtudes morais de Carlos Pedroso da Silveira lhe conciliaram sempre todo o bom conceito; por isso, muitos anos antes do descobrimento (do ouro) de Minas Gerais (feito por ele «o primeiro que com o cabo da tropa Bartolomeu Bueno de Siqueira, nacional (natural de São Paulo) tinha tido o cargo de ouvidor pelo donatário da capitania de São Paulo e São Vicente, em cuja Câmara Municipal tomou posse; e depois a tomou de, capitão-mor, por provimento também do donatário». O governador da capitania Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, de passagem para Minas Gerais, «deu melhor forma aos terços das tropas milicianas, reduzindo o posto de capitão-mor delas na de mestre de campo (coronel) na pessoa do (taubateano) Carlos Pedroso da Silveira». Essa patente de mestre de campo foi confirmada por D. João V. «Aos seus grandes serviços

(prestados à Coroa Portuguêsa) tinha premiado D. Pedro II com a mercê do hábito de Cristo, com tença (remuneração del rei) efetiva de 80\$000, pagos no almoxarifado da provedoria da vila de Santos e o posto de capitão de infantaria do presidio do Rio de Janeiro». (II-228,232)

Pedro da Silva Leme, natural de Itu (São Paulo). No encontro entre paulistas e castelhanos, nos campos da Vacaria do Mato Grosso, esse ituano, vassallo del rei, diz ao commandante espanhol: «Vossa senhoria, pelo poder com que se acha neste lugar, será senhor da minha vida, mas não da minha lealdade. Estas campanhas são e sempre foram de el-rei de Portugal, meu senhor, e por nós e nossos avós penetradas, seguidas e trilhadas quase todos os anos a conquistar bárbaros gentios seus habitadores». (III-21)

«Fernão Dias Pais (governador das esmeraldas), occupou repetidas vezes os honrosos cargos da república (Câmara Municipal) de São Paulo», onde nasceu. Foi capitão de infantaria das Ordenanças e capitão-mor do mesmo regimento. (III-61)

Mas para os pesquisadores temos agora os treze tomos especiais, com mais dois de índices, publicados pelo «Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro», com cêrca de 8.000 páginas e 5.112 documentos (não verbetes) da História de São Paulo, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Quem quiser saber o nome dos portugueses de São Paulo, com serviços à Coroa portuguêsã, ali encontrará a nominata d'esses leais vassallos paulistas, e

seus postos nas milicias de sua majestade.

Em «Nova Nota Explicativa» apostã à abertura do volume XIII, o historiador José Pedro Leite Cordeiro, illustre presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a quem se deve o maior esforço para ser editado esse precioso «Catálogo dos Documentos Avulsos da Capitania de São Paulo», esclarece: «No primeiro volume d'este catálogo, historiamos a sua gênese e as fases pelas quais passou até a sua publicação, graças à benemérita interferência do Exmo. Embaixador José Carlos de Macedo Soares, dignissimo Presidente Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro». E não será demais louvar, por esse motivo, a ação patriótica do consagrado historiador e eminente estadista».

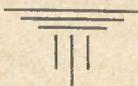
«Podemos assim, estampar — continua Leite Cordeiro — senão no primeiro volume, como seria desejável, pelo menos em um dos últimos, o pensamento e a manifestação de Alberto Irã sobre este verdadeiro monumento historiográfico levantado por homens de boa vontade de Portugal e do Brasil. Nesse levantamento, algo nos tocou, a parte minima, a de ver como realmente vemos após quase dez anos, concretizada a nossa aspiração, realizado o nosso desejo: — poderem os historiadores de Portugal e Brasil e, muito em especial, os de São Paulo, poderem êles contar para seus trabalhos e investigações sobre o passado, com obra de tal por'e.» E ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares; ao Dr. José Pedro Leite Cordeiro, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de

São Paulo, e ao Dr. Alberto Iria, Diretor do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa ficamos a dever mais esse inestimável serviço prestado à historiografia comum às duas pátrias, quando formavam uma só pátria, e, assim, à historiografia da Comunidade Luso-Brasileira.

Nessas condições, no índice (tomo II-228) leia-se: «RENDON (José Arouche de Toledo) advogado nos Auditórios de São Paulo, donde é natural». José Arouche Toledo Rendon, nascido em São Paulo, em 1756, português de São Paulo, forma-se em Direito na Universidade de Coimbra, em 3 de julho de 1778. Sobre a sua carreira militar na tropa del-rei, com soldo pago pela Monarquia Portuguesa: «Coronel de Milícias, natural e morador em São Paulo, proposto pa-

ra secretário de estado da capitania de São Paulo, comandante da 8.ª Companhia de fuzileiros do 2.º Regimento de Milícias de Infantaria de São Paulo». Exerce o comando em muitos regimentos e companhias da tropa del-rei acantonada em São Paulo. «Nomeado fiscal perpetuo da Casa da Fundação e procurador da Coroa e da Fazenda Real de São Paulo». Foi mestre-de-campo (hoje coronel). «Chegou ao posto de Tenente-General. Tomou parte ativa na independência do Brasil. Foi deputado à (primeira) Assembléa Constituinte (1823). Primeiro diretor da Faculdade de Direito de São Paulo». (Francisco Morais. «Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil». in-«Brasília», sup. ao vol. IV-296. Coimbra. 1949.)

# CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS



É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO  
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA  
NOSSA PRODUÇÃO

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL E RESERVAS: Cr\$ 2.160.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CAMBIO  
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —  
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

74 AGENCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E  
8 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —  
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

## AGENCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeroporto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Aracatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibala	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Parde
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigui	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olimpia	São Luiz (Capital)
Campos do Jordão	Ourinhos	São Simão
Casa Branca	Palmital	Sorocaba
Catanduva	Penápolis	Taubaté
Dracena	Pinhal	Tanabi
Franca	Piracicaba	Tietê
	Pirajuf	Tupã

## AGENCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Brasília — Distrito Federal	Rio de Janeiro — Guanabara
Goiânia — Goiás	Uberlândia — Minas Gerais
Campo Grande — Mato Grosso	
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

*NOS QUINHENTOS E CINCO municípios paulistas e nas muitas centenas de pequenos distritos e distantes povoados da terra bandeirante está presente a Fôrça Pública, no desempenho da sua missão constitucional de mantenedora da ordem e da segurança pública. E na desincumbência das difíceis e nem sempre simpáticas tarefas policiais, conseguem os seus componentes oficiais, sargentos, cabos e soldados a estima e a gratidão das populações a que servem. Esta é a regra geral. Há, no entanto, os que fazem da carreira verdadeiro sacerdócio em prol do bem comum, em defesa dos núcleos sociais a que servem. Recebem, então, demonstrações de apreço verdadeiramente enternecedoras.*

## SARGENTO JOFRE

1945. BENTINHO DE  
PIRACICABA

Em fins de 1945, assistimos em Piracicaba a espetáculo que nos permanece indelévelmente na memória. Falecera o soldado Bento da Silva, que servira naquela localidade durante um quarto de século. No cumprimento de suas modestas e humildes funções, conquistara todos: ricos e pobres, letrados e analfabetos, moços, crianças e velhos. A cidade cobriu-se de luto no dia do seu sepultamento. No cortejo imenso, que seguiu a pé para a distante necrópole, tendo a frente velho padre escoltado por tristonhos coroinhas turibulários, via-se o povo da culta cidade, representado pelas suas autoridades, por ginásianos e normalistas, pelos acadêmicos da Escola Agrícola Luiz de Queiroz pelos esportistas do Clube XV de Novembro, pelos operários das usinas de açúcar, pelos motoristas de praça, pelas crianças dos grupos escolares. A "Noiva da Colina" consagrou o incomparável miliciano que ficou conhecido na Fôrça Pública como Bentinho de Piracicaba. (\*)

1960: SGT. JOFRE DE ITUVERAVA

Dia 20 de abril próximo passado, fomos à Ituverava assistir a outra aclamação, desta feita, alegre, prazenteira. O comandante do destacamento policial fôra promovido ao posto de primeiro sargento e os seus admiradores, em regozijo, ofereceram-lhe suculento churrasco. Lá estava, também presente, a cidade, pelas suas autoridades, pessoas gradas, moços, senhoras e crianças.

## DE ITUVERAVA

Enaltecendo as qualidades e o espírito público do homenageado, proferiram vibrantes discursos, o vereador João Ataíde de Sousa; o sr. Geraldo S. Correia, culto e dinâmico representante do ministério público na comarca, prof. Elvino Nunes, em nome dos serventários da Justiça, soldado Luis Gonzaga do Carmo, em nome dos colegas do destacamento policial; sr. Renato Ribeiro Soares, esforçado delegado de polícia da cidade, e o menino Luís Faleiros da Silva, que declamou uma poesia patriótica de

Guilherme de Almeida. Agradecendo, em nome do sargento Jofre da Silva, o significativo preito que lhe tributavam, falou o comandante interino do 3.º B.C.

O churrasco — a que compareceram o padre Ari, vigário da paróquia, o mm. juiz de Direito Amintas Machado de Azevedo, o vice-prefeito Orlando Seixas Rêgo, os delegados de polícia de São Joaquim da Barra e de Guará e policiais de Igarapara — teve início às 12,00 hs. e prolongou-se até às últimas horas da tarde, sendo alegrado pela banda musical do 3.º Batalhão de Caçadores, sediado em Ribeirão Preto. À noite, em frente à estação de rádio local, a banda musical ofereceu ao povo ituveravense apreciado concerto. Nessa oportunidade fêz-se ouvir o juiz de Direito da comarca, patenteadando publicamente, em brilhante oração, os méritos do sargento recém-promovido e que se encontrava naquela cidade há pouco mais de quatro anos.

Médicos, professores, advogados, fazendeiros, industriais, funcioná-

rios públicos, companheiros de farda, senhoras, estudantes, vereadores de diferentes legendas partidárias, foram abraçar o sargento Jofre. Era o testemunho eloquente da perene gratidão das famílias de Ituverava aos serviços prestados pelo eficiente e correto policial, muitas vezes com o risco da própria vida, em prol da tranquilidade e da segurança dos habitantes naquela progressista cidade da alta Mogiana.

Jofre da Silva, nos seus vinte e cinco anos de serviços policiais, sempre conquistou o respeito e a amizade da populações a que serviu. Está prestes a passar para a reserva no posto de 2.º tenente, justo galardão aos seus singulares méritos.

Temos a impressão de que, entre tôdas as cidades pelas quais passou, Ituverava conquistou-lhe o coração e talvez seja por isso que, entre os componentes do 3.º B.C., é conhecido como sargento Jofre de Ituverava.

Artigo publicado no n.º 1 de MILITIA, pág. 7, sob o título "Soldado de São Jorge", de autoria do 2.º ten. Paulo Monte Serrat Filho.



## Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sodas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

# LEIS DE INATIVIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA FÔRÇA PUBLICA

DE SÃO PAULO

*Rodolfo Assunção, ten. cel.*

Passar para a inatividade, no funcionalismo público, até 1947, não era direito ao qual se permitia exercício cômodo. A fixação de proventos ao postulante, congelada no ato, constituía-se autêntico «conto da aposentadoria».

O fenômeno inflacionista, embora menos acentuado no passado, sempre existiu entre nós. Reajustamentos de padrões salariais, ditados pela razão e pela necessidade, tinham lugar de quando em quando. Tais reajustamentos, restritos ao funcionalismo ativo, iam, paulatinamente, reduzindo o inativo a angustiantes situações de penúria e indigência.

No presente estudo focalizamos, especificamente, a inatividade na Fôrça Pública; por isso, exemplificaremos nossa afirmativa com o caso de um tenente coronel que, reformado em 1924, após algumas dezenas de anos de serviço, percebia, ainda em 1946, Cr\$ 853,30 mensais ou seja, «quantum» igual ao dos vencimentos de um soldado na época.

## PRIMEIRAS SOLUÇÕES

Convém ressaltar que tais vencimentos já estavam acrescidos do abono concedido pelo decreto-lei n.º 15.266, de 5 de dezembro de 1945, onde, pela primeira vez na história, se dispunha sobre a elevação de proventos aos inativos do Estado, como medida imposta pela aceleração do ritmo inflacionista manifestado logo após a entrada do país em guerra.

Tais elevações, no entanto, não eram de molde a atendê-los mesmo em suas necessidades primárias como se pode inferir do exemplo acima. Levado à Assembléia Constituinte do Estado, teve o problema solução definitiva, reta, justa e humana, em dispositivo da Constituição de 9 de ju-

lho de 1947, que assim se expressa: «Art. 95 Qualquer alteração de vencimentos dos funcionários em virtude de medida geral, será extensiva aos proventos dos inativos na mesma proporção.»

Cumprе notar, ainda, que as leis reguladoras da passagem para a inatividade eram, ao tempo, menos liberais em suas concessões do que as atualmente vigentes.

A 2940, que vigorou de 6 de abril de 1937 a 29 de dezembro de 1948, dava direito à percepção de dois terços dos vencimentos do pôsto aos que pleiteassem sua passagem para a reserva com mais de 25 anos de serviço, e de vencimentos integrais, somente aos que contassem na ocasião mais de 35 anos.

## MODIFICAÇÕES

A lei 237-1948, que a derogou, introduziu algumas modificações substanciais:

1.º reduziu os limites da compulsória por idade;

2.º instituiu a compulsória por tempo de serviço (35 anos);

3.º regulou dispositivo constitucional que fixava em trinta anos a exigência de tempo de serviço para fazer jus à inatividade com proventos integrais;

4.º manteve o direito de solicitação de passagem para a reserva com mais de 25 anos de serviço, porém elevando de dois terços para vinte e cinco trinta avos dos vencimentos, no mínimo, os proventos de inatividade neste caso, os quais poderiam, ainda, atingir o máximo, na razão do acréscimo de 1/30 dos meses, por ano de serviço excedente de 25.

## TRATAMENTO DESIGUAL

Com o surgir da lei 501, em 7.XI-1949, estabeleceu-se séria iniquidade dentro da legislação específica. O tratamento desigual, deferido a componentes duma mesma organização, era de todo absurdo e absolutamente revoltante.

Objetivando propiciar a necessária correção a tão berrante desigualdade de tratamento, elaborou-se um ante-projeto de lei, que procurava atender a tódá a coletividade em moldes equitativos, embora não tão liberais como os da 501. Urgia restabelecer a ordem normal nas regras para concessão desse direito.

Não logrou, todavia, tal projeto, aprovação em sua forma primitiva. Seu substitutivo transformou-se na lei 2054, de 24.XII.1952, que estendeu de modo geral aos componentes da milícia o direito à passagem para a reserva aos 25 anos de serviço, com promoção e vencimentos integrais do pôsto imediato.

## INVERSÃO

Invertia-se aqui a ordem natural entre ativos e inativos. O que era principal tornou-se acessório de um dia para outro. Passou-se a pagar mais a quem desejasse deixar de trabalhar. Situação ímpar no mundo inteiro, nem nos países de invejável situação financeira se registra a existência de casos semelhantes.

Completar 25 anos de serviço é atingir a porta do Eldorado.

É tese tácita, quase geral: Ascender ao pôsto máximo no mínimo de tempo, para assim estar na posse plena dos meios antes de atingir a meta.

É humano e até certo ponto aceitável tal procedimento, eis que além desse objetivo principal estão: o repouso, a tranquilidade, a insenção de responsabilidade, a plena liberdade para o exercício de qualquer outra atividade lucrativa, e, o que é mais importante, à base de um melhor salário

Ora, tudo isso, e quiçá mais alguma cousa além, costuma vir ao policial-militar quando suas necessidades normalmente diminuem, quando seus filhos criados e com a idade escolar superada já começam a encaminhar-

se pela vida, quando não tem que arcar com a despesa diária de transporte para o trabalho, quando começa a receber a justa cooperação dos descendentes mais crescidos, quando os gastos com a representação oficial já não existem, quando tôda uma série de custosos cuidados e aborrecimentos tidos com os filhos na sua primeira infância também já foram ultrapassados. . .

É sem dúvida a conquista de uma situação privilegiada. No entanto, se em si mesma pode-se considerá-la um bem, como evidentemente o é, convém ressaltar que seus reflexos sobre o pessoal em atividade são todos de natureza negativa.

Com os esclarecimentos e dados que se seguem tentaremos demonstrar nossa assertiva e assim torná-la tanto quanto possível clara e evidente a todo componente da corporação, para que não alimente ilusões a respeito, e não se coloque, sem um exame de seus detalhes, contra quem, à luz da razão e da verdade, se propõe a esclarecê-lo sobre questão que o interessa mais no presente que prioritariamente no futuro.

Até 1947, como vimos nenhum atrativo havia na passagem para a inatividade; em razão disso o efetivo desta foi sempre reduzido, não evidenciando crescimento sensível em relação ao do pessoal em serviço ativo. Face ao congelamento de proventos e à constante desvalorização da moeda, mesmo com as concessões de aumento ocorridas em 1945 e 1947, a despesa com êsse pessoal era por assim dizer cada vez menor relativamente à tida com o pessoal em serviço.

### CONSTITUIÇÃO

A Constituição do Estado pôs termo a um verdadeiro lôgro, propiciando ao inativo proventos que lhe garantissem a manutenção do padrão de vida conquistado em atividade. Nada mais humano, justo, decente e equilibrado.

É óbvio que a partir daí, removida a causa que impedia o interessado a decidir-se, houve um aumento no ritmo por que vinha se realizando a saída dos que estavam em condições de exercer êsse direito. E nos cinco anos seguintes evidencia-se um aumento médio anual de 123 homens no efetivo da inatividade.

### NOVA LEI

Em fins de 1952 promulgou-se a Lei 2054. Pelos dados que possuímos, a partir de sua vigência até 31 de março último êsse aumento médio saltou de 123 para 220 homens.

Conta hoje a inatividade com 5761 homens. Dêstes, 5232 recebem pelo Tesouro do Estado, tendo sua folha de pagamento importado em Cr\$ 81.202.439,80 no mês de março último. Nesse mesmo mês o pagamento de 14873 elementos em serviço orçou em Cr\$ 155.565.500,80.

Haja vista, que nestas últimas cifras incluem-se as despesas havidas com gratificações de qualquer espécie, representações, diferenças por substituições, abonos de transferência, diárias de diligências, professores do C.F.A. e funcionários civis.

A diferença entre os globais su-  
pracitados diminui sensível e diária-  
mente, cada dois inativos custando,  
em média, o mesmo que três homens  
em serviço.

Esse fenômeno tem sua principal  
causa em atrativos unilaterais, que  
vêm motivando no pessoal verdadei-  
ra para-psychose em relação à conqui-  
sta da inatividade. Seu contágio na  
corporação será total se não se pu-  
serem em prática medidas terapêu-  
ticas.

### RAZÃO DE SER DA CORPORACÃO

A nosso ver, sendo o serviço a-  
tivo a razão de ser de qualquer cor-  
poração, urge propiciar-lhe em pri-  
meiro lugar o que de melhor se pu-  
der em atrativos de que carece e as-  
sim manter nele, isentos de preocu-  
pações outras, todos aquêles que se  
acham em condições satisfatórias de  
produtividade, evitando-se, principal-  
mente, o êxodo dos elementos que,  
pela sua experiência e amadurecimen-  
to atingiram o maior índice dessas  
mesmas condições de produtividade,  
tanto no que tange ao desempenho  
dos misteres profissionais de trato di-  
reto com o público na solução de pro-  
blemas policiais, como ainda e muito  
mais dos que dizem respeito ao tra-  
balho intelectual e mental nas repa-  
rições e gabinetes.

Em média nosso homem vem dei-  
xando a corporação com pouco mais  
de 40 anos de idade, o que, por si  
só, dispensa comentários.

Sem prejuízo dos direitos adqui-  
ridos, ou mesmo daqueles que são  
mantidos em expectativa, o Código

de Vencimentos e Vantagens, ora em  
tramitação pelos departamentos a-  
ministrativos do serviço público que  
o vêm estudando, poderia ser reali-  
zado contendo em si os primeiros me-  
dicamentos a serem aplicados no sen-  
tido de corrigir a anomalia que cres-  
ce a olhos vistos.

Não somos apologistas, em ab-  
soluta, neste particular, de uma po-  
lítica de papel carbono. Os abonos  
e acréscimos que achamos razoáveis  
são justamente aquêles que visem a-  
tender o indivíduo em relação às  
suas especiais necessidades inerentes  
à própria situação de atividade, tais  
como de assistência à família no pe-  
ríodo considerado, de despesas obri-  
gatórias com locomoção em razão do  
próprio serviço, de gastos necessários  
com apresentação pessoal oficial, de  
dispêndio com aquisição de livros e  
utensílios destinados a melhorar co-  
nhecimentos profissionais e técnicos  
visando o aprimoramento das pró-  
prias condições de eficiência no ser-  
viço, bem como com ônus eventuais  
que surgem a cada momento.

Nenhum desses abonos ou acrés-  
cimos seria de qualquer forma incor-  
porado aos vencimentos e muito me-  
nos aos proventos de inatividade.

Além das vantagens supracitadas,  
outras que propiciassem atrativo ra-  
zoável para a permanência em ativi-  
dade dos componentes da milícia com  
mais de 25 e menos de 35 anos de  
serviço seria de grande e salutar  
conveniência.

Não deixaria de ser absolutame-  
te, honesto, moral, razoável, lógico e  
sobretudo conveniente, o proporcio-  
nar-se a todo componente da milícia

que atingisse 25 anos de serviço a percepção em atividade, a partir daí, em caráter definitivo, dos vencimentos do posto imediato, uma vez que exatamente nessas condições a lei n.º 2.054, de 1952, já lhe confere esse direito, e para usufruí-lo em inatividade.

### INTERESSE PARA O ESTADO

Óbvio é dizer-se que, usando desse direito face à inexistência de atrativo pelo menos neutralizante, muitos, no apogeu de suas capacidades física e de trabalho, o que equivale a dizer, nas mais excelentes condições de eficiência e produtividade, têm deixado o serviço ativo prematuramente. Nestas circunstâncias sua perda é total, dela se ressentindo duplamente o serviço público.

O acréscimo, de posto para posto, varia de 7,14 a 24,5%; convém, no entanto, salientar o caso do 1.º sargento, ao qual, excepcionalmente, a lei faculta o salto de dois postos o que lhe garante adução da ordem de 33,81%. Destarte só permanece em atividade além de 25 anos quem, calculadamente, almeja tirar maior vantagem da expectativa. Daí, o não termos praças nessa situação, a não ser alguns segundos sargentos a espera de promoção.

### CONCEITO A SUPRIMIR

Torna-se necessário varrer do espírito de nossa gente o conceito de que felicidade e melhor padrão de vida só lhe será possível desfrutar em inatividade, quando transposta a barreira dos 25 anos de serviço. Os males resultantes dessa inversão de situações não são apenas de ordem material como se pode evidenciar.

Nada temos com os outros, mas é necessário dizê-lo, de imediato, tal fenômeno em nosso Estado não se adstringe tão somente à milícia do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguir.

Da adoção de medidas que distraiam o pessoal em serviço dos reflexos atrativos que a inatividade está em caráter exclusivo a oferecer no momento, é de esperar-se resultem o sossego e a quietude espiritual de nossa gente, que, por certo, assim passará a pensar em outros termos. Somente por essa forma, pensamos, estabelecer-se-á clima propício ao retorno de uma situação normal no seio da corporação, de cuja falta, no momento, se ressentida, decorrendo daí toda uma série de males, que, além de comprometê-la seriamente em sua eficiência e em seu moral, conduzem-na não sabemos para onde, mas por um caminho que não é absolutamente o certo.

E nossa grande esperança só pode residir na promulgação de um Código que proporcione os necessários atrativos para a permanência do pessoal da corporação em atividade, um Código que desvie a atenção do policial militar de tudo o que, unilateralmente, o vem atraindo no momento, um Código que, se transforme e se traduza num elemento efetivo de poupança para o Tesouro do Estado, conservando em serviço ativo até os limites máximos estabelecidos em lei todos aqueles que se acharem, em virtude do amadurecimento e da experiência adquirida, nas melhores condições de produzir.

## NO DIA DE TIRADENTES ESCOLARES

### SAÚDAM BRASÍLIA E FÔRÇA PÚBLICA

21 de abril de 1960 foi festejado por inúmeras crianças de todo o Brasil, como dia das Polícias Militares e de seu patrono Tiradentes, ao mesmo tempo que encarado como marco inicial da nova era iniciada com a mudança da capital do país. Inúmeros pequenos escolares enviaram sua saudação a MILITIA por esse motivo.

— “Em nome dos quarenta e seis colegas de minha classe -- diz um deles -- envio ao senhor diretor da revista MILITIA ‘os nossos cumprimentos pelo dia da Polícia Militar’. Quem fala é Reinaldo Nicolau Flório, aluno do 4.º ano do Grupo Escolar ‘Prof. José Monteiro Boanova’, de São Paulo. Depois do cumprimento e de lembrar a inauguração de Brasília, no mesmo dia, explica em um seu trabalho: ‘Nós, brasilerinhos que estudamos neste Grupo Escolar, tomamos hoje conhecimento de mais uma data de nosso calendário de comemorações escolares: o dia da Polícia Militar.’ E agradece as garantias dadas às famílias dos pequenos estudantes pelos milicianos do Brasil, ressaltando o pioneirismo de nossa corporação.

Da mesma forma falam outros escolares daquele estabelecimento. Antônio Luiz Budai, de outra turma do 4.º ano,

escreve: “Tenho 11 anos de idade e sou profundo admirador dos homens fardados. A farda sempre exerceu fascínio sobre mim, não só pela imponência da indumentária, como também pela nobre e arriscada função que exercem os que a envergam. O homem fardado destaca-se na multidão e é logo notado pelos atos que pratica. Muitos até têm morrido no cumprimento do dever. Cada elemento que compõe a força policial é pois credor de nosso respeito e admiração, porque foi preparado para desempenhar com desprendimento e espírito de sacrifício as nobres funções de mantenedores da ordem e defensores da família e das instituições sociais”.

“Organização pioneira em muitos setores e merecedora de toda a nossa admiração” — eis como se refere a nós sua colega Anita Pugliezi. Depois de lembrar o sacrifício do miliciano Tiradentes, fala dos policiais-militares: “Quantos deles também já não tombaram no cumprimento do dever, dando sua própria vida em defesa da vida de seus semelhantes! Pessoas assim, de fibra, coragem e patriotismo, merecem toda nossa admiração”. Por tudo isso e pelo que vê nos milicianos paulistas, saúda-os Anita em nome de suas coleguinhas.

# Sonho de uma noite sem luar

Cap. Plínio D. Monteiro

A estrada era longa, tortuosa e escura; não havia luar e eu tropeçava aqui ali, ferindo os pés nas pedras do caminho, mais esburacado que ruas de S. Paulo, mais feio que seus pisados canteiros. Eis quando, numa curva da estrada, topei com... não, não era um marciano saído de um disco voador mas sim um cavaleiro bem vestido, apesar das roupas um tanto arcaicas, e drapejante capa vermelha a cair-lhe dos ombros atléticos, porém com um forte cheiro de enxofre. Sim, era êle, o insinuante Satanás — o Príncipe dos Demônios. Após o competente susto, tomei pôse de quem não tem medo e perguntei com falsa arrogância:

— Que me queres?

— De ti nada — respondeu o tihoso. — Apenas conversar, ando muito acabrunhado.

De minha parte resolvi aceitar logo, e entrevistá-lo para MILITIA, e por isso antes que êle começasse a fajar em política ou futebol, assenti:

— Sim; fala-me de teu reino.

— Vai mal, muito mal... Para comêço de conversa, conheces minha origem angélica e aquela célebre e reinota história de minha revolta contra Deus. Agora percebo que se de um lado saí perdendo tornando-me dono de um Império de Trevas, de outro devo ter ganho por não ficar tocando harpa o resto da vida no Céu, havendo, como há, instrumentos muito mais interessantes. Já ouviste um «rock» ao violão elétrico, pois não?

Sacudi a cabeça no sentido zênite-nadir.

— Deus deveria ser mais reconhecido comigo; o que passou passou... — afirmou circunspecto o Capeta.

Fiz ar de surpresa, como convem a um bom ouvinte, e Satã completou:

— Sim, sou um colaborador de Deus. Castigo quem não lhe cumpre os mandamentos; e a gratidão d'Ele qual é? Nem as enormes contas do carvão gasto, na fervura dos mal cheirosos tachos de enxofre, me foram pagas. Não tenho esperanças de recebê-las e estou a caminho da falência; as almas que me batem às portas nada têm; a quem vou cobrar? Se eu possuísse rendas, ou pudesse levantar um empréstimo... Diz-me, os homens ainda temem muito meus castigos inquisitoriais?

— Creio que não; cada dia aumenta mais o número dos exploradores da miséria humana; cada vez inventam métodos mais científicos de destruição em massa; sempre cresce mais a quantidade dos apropriadores de bens alheios; vão num

crescendo os que mentem de tóda forma para conseguir rendosos postos de mando, já cientes de não cumprirem a palavra empenhada; cada mês decorrido mais usurários se locupletam com juro altíssimos, em detrimento do confôrto mais comezinho de pobres coitados que mourejam de sol a sol; mais aumentam os que degradam no jôgo, no alcool, na maconha. O teu inferno é tão divertido que até existem umas casas chamadas «inferninhos»...

— E, êles não temem os tridentes e os braseiros infernais. Estou desmoralizado — falou como se monologasse.

— Por que não modernizar o inferno? — volvi a aconselhar o velho «Belzebas». (Eu estava penalizado com aquela figura abatida, com aquele aspecto de operário salário mínimo) Afinal de contas, tudo precisa progredir; não é só a Terra. Olha, dizem, o Céu já não é mais daquele jeito!. Conforme as últimas notícias, está dotado de ar condicionado, transportes a jato bastante eficientes (pois acabaram com a CMTC de lá); iluminação fluorescente; ótimas orquestras modernas em vez de cítaras e harpas; sapatos mocassim em lugar de antigas e incômodas sandálias; televisão, cinemas de telas panorâmicas e em três dimensões e assim por diante. Sômente as virgens continuam a ser mais ou menos 11.000. Não aumentaram; talvez tenham até diminuído...

— Como achas que deveria ser o moderno Averno? interrompeu-me o Rei do Mal.

— Eu optaria por cadeiras elétricas, câmaras de gás, bombas lacrimogênicas, vomitivas e asfixiantes, recintos frigoríficos ou super-aquecidos; enfim, um Inferno eletrônico. Não gastarias mais carvão ou lenha; só eletricidade ou energia atômica. Bastar-se acionar botões (assim como ameaçam as grandes potências modernas aqui na Terra), e controlar tudo pela televisão, e o Orco funcionaria no mais esufizante côro de gritos e berros, e barulho de exaustores e ventiladores eliminando o cheiro dos pecadores torrados.

Satanaz tornou-se ainda mais pensativo, e perguntou por fim:— E como aplicarias tudo isso?

— Bem, antes de mais nada, recomendo-te como leitura ilustrativa as histórias de terror à venda em qualquer

jornaleiro, a narração dos fatos ocorridos em campos de concentração da Alemanha hitlerista, a visão de programas tétricos das emissoras de T V. Mas, assim de momento, concluo que os ociosos teriam um repouso confortável em redes eletrificadas; os exploradores do próximo rodariam, como charuto em boca de bêbado, em modernas máquinas de lavar roupa, repletas de água fervente; os falsários e hipócritas seriam torrados em «grills» elétricos tentando abrir portas que se fecham automaticamente; chuveiros de água alternadamente fervente e gélida serviriam para os irascíveis e coléricos; os cruéis ocupariam excelentes churrasqueiras rolantes; os administradores relapsos e os delapidadores do patrimônio público ficariam a encher cheques com canetas altamente eletrificadas e ouvindo, em Hi-Fi, gravações das crianças e viúvas que na Terra não tinham alimento, por culpa deles; eletro-ímãs atrairiam e repeliriam os vendedores de tóxicos e os exploradores do lenocínio...

— Chega! Está certo — disse o Diabo; — já tenho uma idéia do que me dizes; Confesso-me envergonhado de, em tantos milênios, não ter imaginado torturas assim. Para aprender maldades não há como se conversar um pouco com os terrícolas. Será um Inferno eficiente, limpo, prático e funcional. Vou a procura de um Fausto trijionário. E despediu-se eufórico:

— Conta com minha eterna gratidão, e teu lugar em meu escritório a prova de som e com ar condicionado está reservado desde já para ti e para teus recomendados. «Auf wiedersehen!»

E ao longe, retornando ao seu ar triste, gritou:.. Se faltar o empréstimo, terei que voltar aos meus antiquados e fedorentos tachos.



## ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO

# MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

# Milicianos choram a morte de seus companheiros

Vários falecimentos temos a lamentar nos últimos meses. Inicialmente foi nosso ex-comandante geral, cel. Oscar de Melo Gaia, falecido na madrugada de 3 de março. Pouco depois, em 15 do mesmo mês, mais um oficial da reserva faleceu: o cel. Cândido Bravo. Outros milicianos desapareceram na mesma época. Um deles foi o ten. reformado Benedito Ribeiro da Silva, figura que chegou a tornar-se necessária no H.M., onde servia; seu passamento ocorreu em 14 de julho. Por outro lado, queremos também externar nossos sentimentos pelo óbito do diretor de outra corporação policial, ocorrido em 1.º de junho: o inspetor chefe de agrupamento João Silvério Sobrinho, da Guarda Civil.

## CEL. GAIA

O cel. Oscar de Melo Gaia faleceu em Sorocaba, aos 64 anos de idade. Radicado naquela cidade, onde comandou por muitos anos o atual 7.º B.P., era figura de projeção na sociedade local. Sorocaba chorou a morte do coronel que ali vivia e que chegou a comandante geral. A notícia do falecimento consternou igualmente todo o Estado, onde o extinto soube grangear largo círculo de amizades.

O cel. Gaia comandou também o 4.º B.C. (atual 4.º B.P.), sediado em Bauru. Chefou o Serviço de Transportes e Manutenção e a Inspeção Administrativa. Desempenhou inúmeras missões de confiança, enfrentou perigos e cumpriu seu dever nas mais difíceis situações. Por toda parte onde passou deixou uma legenda de trabalho, honestidade, energia e dedicação ao serviço. Foi condecorado com as medalhas da "Legalidade" (ouro), "Lealdade e Constância" (prata), "Valor Militar", por relevantes serviços ao Estado, e "Barão do Rio Branco" (ouro).

## CEL. BRAVO

São Paulo, 16 de março de 1960. Sai o féretro do cel. Cândido Bravo para o Cemitério São Paulo. Desde a véspera esteve em câmara ardente no quartel do Regimento "9 de julho", em cujo meio o extinto viveu longos anos. Oficiais e praças da Força, autoridades diversas, seus familiares e inúmeros amigos estiveram presentes para prestar-lhe a última homenagem.

Sua folha de serviço é vasta. Nas unidades atualmente denominadas C.F.A., 2.º B.P., 10.º B.P., 1.º B.P., 4.º B.P., Q.G., 5. B.P., Regimento "9 de Julho" — em todas ele serviu, seja como praça, oficial subalterno ou comandante. Foi delegado de Polícia em Bauru, Perdões, Nazaré e interventor em Tanabi. Foi diretor geral de Instrução e trabalhou em inúmeras comissões de estudos e legislação policial-militar. Delegado, que foi, ao I Congresso Brasileiro das Policiais Militares, reunido em Campos do Jordão em 1954, participou ativamente dos trabalhos em prol da projeto de Lei Básica, atualmente em andamento na Câmara de Deputados.

Dedicado sempre às coisas do espírito, foi redator de *MILITIA*, que, em seu número 54, estampou trecho de um discurso — “Sequoia Sempervirens”, pronunciado pelo extinto, por ocasião de um dos atos realizados pelos milicianos reunidos em Campos do Jordão em 1954. (In “*MILITIA*”, n.º 54, dezembro de 1954, páginas 143 e 144).

Depois de sua reforma, não foi capaz de entregar-se ao ócio. Suas atividades intelectuais prosseguiram. Entre outras coisas, cultivou o esperanto, idioma universal de zamenhof, e presidiu até o fim da vida o “São Paulo Esperanta Klubo”. Foi também um entusiasta do escotismo, chegando a dirigir várias entidades do gênero. Há muitos anos, dedicou-se também à aviação, em sua fase épica e cursou a Escola de Aviação que havia na Fôrça.

Foi agraciado com várias condecorações, entre as quais “Legalidade” (ouro), “Valor Militar (prata), “Lealdade e Constância” e outras.

### INSPETOR SILVÉRIO SOBRINHO

56 anos de idade contava o inspetor chefe de agrupamento João Silvério Sobrinho quando faleceu, no cargo de diretor da Guarda Civil de São Paulo. Componentes da Fôrça foram homenageá-lo por ocasião da última viagem. Lá estiveram também inúmeros companheiros e amigos seus, autoridade de tôdas as corporações do Estado, representantes dos Campos Elíseos e todo o Secretariado estadual. Era visível a consternação geral.

Sua carreira foi um exemplo de sacrifício e abnegação. Antigo componente da Polícia Especial, com a extinção daquele órgão passou para a Guarda Civil, onde, em julho de 1949, era investido nas funções de inspetor-chefe de divisão. Ao atingir o posto supremo da corporação, reorganizou-a de acordo com a técnica policial moderna. Estudioso da organização policial no mundo, deu a sua corporação uma estrutura condizente com as necessidades do meio e do momento, baseado em seus conhecimentos da “Scotland Yard” e de outras polícias de países evoluídos.

Foi na sua gestão que a Guarda Civil passou a contar com um Serviço de Fundos. Para melhor assistência aos guardas, no âmbito da própria corporação, decidiu e iniciou a construção de um dos mais bem aparelhados estabelecimentos hospitalares do Brasil. Não teve a sorte de vê-lo pronto, mas deixou-o em funcionamento.

## TEN. RIBEIRO DA SILVA

Benedito Ribeiro da Silva, antigo sargento enfermeiro de nosso Hospital Militar, faleceu no posto de 1.º tenente. Dedicado ao serviço e ao trato com os doentes, foi exemplo para os companheiros e subordinados. Viveu obscuro, mas viveu intensamente, como bom miliciano que era. Fazia parte integrante do H.M., com todos os que ali viviam. Agora deixa uma lacuna. E os sentimentos dos que ficaram traduzem-se na mensagem aqui estampada, da lavra de outro miliciano, soldado que serve no H.M.

Nelson dos Santos escreve:

### A PROFESSIA DO FIM DO MUNDO

Em memória de meu superior e amigo  
ten. Benedito Ribeiro da Silva

Amigo, digo porquê embora ostentasse no braço cinco divisas, não se deixava dominar pela vaidade, não se vangloriava, não se colocava em plano falsamente superior.

6,30 da tarde, precisamente. 1960, 14 de julho — data do fim do mundo, segundo recente profecia. Foi então que eu soube do seu falecimento, tenente Benedito. Tenente e amigo. O “profeta” errou, mas o mundo já não é o mesmo.

Para você, meu superior e amigo, tudo findou. O seu mundo deixou de existir. Nosso mundo ficou mais vazio.

Todos nós, deste Hospital Militar, tínhamos em você — permita-me chamá-lo assim — não apenas um superior hierárquico, mas um grande amigo. Todos nós.

Amigo, repito, porque sua situação de 1.º sargento da Força Pública do Estado não o impedia de ser compreensivo para todos e por todos compreendido. Era impossível o mau humor junto a você. Inteligente e amigo de todos, você anulava todas as nossas contrariedades, com ditos de espírito sempre oportunos. Por isso, embora dentro dos rígidos preceitos regulamentares, tudo sorria em seu redor. Agora acabou-se aquele mundo insubstituível.

Aqui fica, tenente amigo, o adeus de seus amigos do H.M.. Ficamos tristes, mas consolados, porque sabemos que você partiu contente. Contente, sim, pois nem a morte seria capaz de vencê-lo.

# Polícia Feminina

O que é  
e o que não é

*Uma família de retirantes desembarcava na plataforma da estação. Pai, mãe e filhos olham em torno. A multidão se entrecruza indiferente. O sonho da Canaã sulina começa a desfazer-se ante a realidade hostil. Mudos e de aparência apática, vão saindo com suas trouxas, umas poucas esperanças e muita desilusão. Na rua, buzinas estridentes, barulho infernal de bondes, gritaria, corre-corre e a mesma indiferença brutal. A agitação da metrópole agita a alma sertaneja, desperta a vontade de luta oculta sob a modorra aparente. Mas que fazer, para onde ir. Não lhes ocorre uma resposta. Anoitece e a família trata de acomodar-se na calçada. É então que aparece uma figura insperada: moça vestida de azul. Leva-os para uma sala, no interior da estação, de onde eles seguem para uma casa grande, onde, depois alimentados podem dormir. No dia seguinte, seguem para o interior do Estado, onde há procura de braços.*



Sem o anjo azul que surgiu no momento decisivo, mais meia dúzia de indigentes viria engrossar as fileiras do nosso exército da miséria. Os pequenos disputariam as latas de lixo e cresceriam rum meio pro-pício ao crime. Foi o anjo azul que o impediu. Foi a Polícia Feminina de São Paulo.

Agora está aberto o alistamento naquela corporação. Sua sede, à rua Guaianazes, 1.112, está aberta para informações. Qualquer brasileira de boa saúde que seja solteira, viuva ou desquitada, sem encargo de família, com mais de 21 e menos de 35 anos, e altura mínima de 1,56 m, pode tornar-se uma policial, desde que esteja no gozo de seus direitos políticos e tenha bons antecedentes, além de haver concluído o curso secundário.

### O que é

O que é a Polícia Feminina? Responde-o um folheto distribuído pelo comando da corporação:

É uma corporação contituída de senhoras e moças de elevada instrução e educação, de bons costumes, militarmente disciplinadas. Não andam ostensivamente armadas, mas aprendem meios de defesa pessoal para os casos de emergência. A corporação destina-se a agir em todos os casos em que estejam envolvidas mulheres ou menores especialmente quando não seja aconselhável a interferência de policiais masculinos. Ampara e orienta menores e mulheres que precisam.

### O que não é

A mesma publicação explica ainda o que não é aquela milícia: não é uma corporação policial constituída de mulheres masculinizadas, fisicamente super-desenvolvidas e agressivas. O carinho e a bondade, já que cuida precipuamente de mulheres e crianças, são as suas melhores armas. Não se destina a efetuar prisão de criminosos ou a intervir em distúrbios e arruaças e nem a funcionar exclusivamente junto à Delegacia de Costumes. Não é um agrupamento de moças alistadas ao acaso, já que as candidatas têm que possuir alto nível de instrução, ótimos antecedentes e decidida vocação para os serviços policiais.

## "MILITIA" NO INSTITUTO HISTÓRICO: EMPOSSANDO O MAJOR PIMENTEL



**O** LIMPIO de Oliveira Pimentel, nosso redator e major reformado da Força Pública, é a última conquista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Em sessão solene levada a efeito na noite de 27 último, na sede da entidade, nosso companheiro foi empossado como membro do sodalício. Grande parte da oficialidade da milícia, bem como a diretoria do Instituto, representantes da intelectualidade paulista, autoridades civis e militares estiveram presentes,

para cumprimentá-lo, tomando inteiramente os lugares do salão nobre.

O major Pimentel tem inúmeros estudos sobre literatura, história, assuntos policiais militares etc., sem contar trabalhos jornalísticos e de ficção. Vários de seus escritos vieram à luz por intermédio desta revista que, oportunamente, editará um volume contendo matéria aqui publicada. O novo membro do Instituto estará presente naquela obra.

Sobre o major Pimentel e o Instituto, nossa próxima edição trará mais pormenores, bem como notícia mais ampla da sessão a posse. No espaço que nos resta agora, transcrevemos adiante a palestra que nosso companheiro proferiu por ocasião de sua posse, discorrendo sobre o escritor Graciliano Ramos, seu amigo de infância.

Graciliano Ramos

na intimidade

Major Olímpio de Oliveria

P I M E N T E L

Nasceu em São Paulo, de Piratininga, a primeiro de novembro de 1894, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O tenro arbusto cresceu, corporificou-se e, agigantando-se, resultou na frandosa árvore que no domínio da cultura, esparge deliciosos frutos, quer no âmbito das ciências, na esfera das artes, ou no campo das letras, especificamente da História e da Geografia.

Também nasci em 1894, na cidade sertaneja de Palmeira dos Índios no Estado de Alagoas. Seis meses mais velho que o sodalicio permanço encruado, obtuso, em permanente miopia. Há entretanto, entre nós um lugar comum: a idade, sómente a idade. No mais divergimos. Com o transcórre do tempo o Instituto ascende na sua opulência maravilhosa; sublima-se na sua majestade fascinante; absorve-se na plenitude de suas realizações; enquanto eu definho, o espirito se me vai debilitando, encaramujo-me. A idade é a mesma, mas o destino, diferente.

A emoção de júbilo que ora experimento está fielmente retratada no meu semblante. A minha posse neste sodalicio temp'o onde se cultua a História e Geografia, e que congrega luminares dessas ciências, é o maior galardão que

eu podia almejar. É para mim como um sonho acordado este inesquecível momento que estou vivendo. A demonstração de carinho a mim tributada pelas palavras generosas do ilustre acadêmico José Pedro Leite Cordeiro, insigne presidente desta Casa, pelas referências do não menos ilustre prof. Almeida Magalhães, orador oficial e pelos aplausos da seleta assistência, penetrou-me no âmago do coração e calou-me profundamente no espírito concitando-me a orientar meus atos no sentido amplo de honrar, prestigiar e zelar pelo elevado conceito que desfruta o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Ao preclaro presidente José Pedro Leite Cordeiro, aos distintos membros da Mesa, ao dileto amigo prof. Almeida Magalhães e ao egrégio auditório o meu eterno reconhecimento.

Com a devida vênia vou emitir um pouco de história acêrca da eminente personalidade do poeta e escritor alagoano — Graciliano Ramos. O laureado romancista nasceu a 27 de outubro de 1892, na rua do Comércio da cidade de Quebrangulo, no Estado de Alagoas. Era filho do Coronel Sebastião Ramos de Oliveira e Dona Maria Ramos, sendo seus avós paterno e materno, respectivamente, o Coronel Tertuliano Ramos de Oliveira e o Capitão Pedro da Costa Ferro. Viveu a sua infância em Viçosa, cidadezinha situada à margem esquerda do Paraíba, onde ingressou no jornalismo, ainda criança, dirigindo ao lado de Narciso Vasconcelos e Jo-

vino Xavier de Araujo, o semanário, «O DILÍCULO». Aí fez o curso primário, seguindo depois para Maceió, onde se matriculou no curso secundário, fazendo-o até o terceiro ano. Imberbe, airoso, com juventude pujante chegou a Palmeira dos Índios, no dia 27 de outubro de 1910, o predestinado que legaria à posteridade, a glória de seu gênio criador. Em companhia de seu pai, o comerciante Sebastião Ramos de Oliveira, homem de atitude austera e dono de esmerada educação, mudou-se para o burgo sertanejo, procedente de Viçosa. Estabeleceu-se, em Palmeira, o Coronel Sebastião Ramos, com loja de fazendas, molhados, ferragens etc., grande magazine, de aspecto pomposo, ao qual poderíamos chamar «Sears» palmeirense, da época.

Palmeira dos Índios, pelo seu clima salubre, é estância de cura assaz procurada por enfermos portadores de hidropisia, tuberculose e outras afecções das vias respiratórias. Durante a estação calmosa, isso apenas nas sêcas prolongadas, é que surgem alguns casos de febre, porém de caráter benigno. Bordam seu município as serras dos Olhos d'Água.

Verde, Coité e Lunga, formando a cordilheira de Palmeira dos Índios. O Traipu e o Coruripe são os principais rios que atravessam o município, mas, pelo verão, secam desastrosamente, ocasionando fabulosas perdas e desolador aspecto. Teve origem o seu nome no antigo aldeamento dos índios Chucurús, que pelo meado do século XVII aí se fixaram e, as palmeiras abundantes, que então existiam em seus campos. O comércio ativo, animado e em pleno desenvolvimento, nos diversos povoados do município, especialmente na sede da comarca, onde se realizavam, aos sábados, ruidosas feiras, numa área de noventa mil metros quadrados, atraía forasteiros que iam tentar fortuna. Um dos precursores do expansionismo comercial do município foi o Coronel Sebastião Ramos. Graciliano, o primogênito, contava nessa altura uns dezessete anos e, embora verdoengo, revelava capacidade potencial. Era, a um só tempo, caixeiro e superintendente da loja. Dedicava as horas de lazer a três misteres: estudava, divertia-se e divagava. Neste último era mordaz, picante e satírico, pois debicava o interlocutor, amiúde, empicante e satírico, pois dedicava o interlocutor, amiúde, em termos jocosos. Seu porte: alto, magro, olhos pequenos e brilhantes, trepados no alto da face, quase no cocuruto, como que a perscrutar o encéfalo; sobrancheiras fartas, negras e ligadas em forma de grifo; cabelos cacheados e repuxados para trás. Possuía vitalidade pasmosa! Em que fôsse nervoso e irrequieto, todavia era comunicativo, amável e excelente criatura.

Foi inspirado no estro que êle iniciou a carreira intelectual, porquanto na adolescência apenas versejava. E com que dificuldade versejava, contrapondo-se ao empirismo e laborando num ambiente inadequado!

Em sua «república», revistas e livros desordenados justificavam a pequena mesa de centro, indicando todo o conjunto: nervosismo e sofreguidão. Ao centro da mesa, em um pires, havia sempre uma vela. A inexistência de luz elétrica forçava-o a queimar estearina, que ardia até à madrugada. Assim estudava o poeta. No pires, a cera escorria formando flocos na base, avolumando-se em camadas sobrepostas, subindo em espiral, crescendo em forma de pirâmide, com o que vaticinando a ascensão prodigiosa do futuro escritor. Lembrou-me bem de que ao visitá-lo certo dia na «república», vi, sobre a mesinha ovalada, rabiscado a lápis, um soneto que trazia o pseudônimo de Soeiro Lobato. Passaram-se os dias. Um mês depois, compulsando o «Malho», hebdomadário que

se editava no Rio de Janeiro, deparei com a composição, tal qual dantes era. Com auxílio do meu mano Marçal, músico dotado de sensibilidade artística e folclorista apaixonado, peguei do violão, muscalizei-a e fui com minha turma de se-resteiros, alta noite, surpreender o jovem poeta que, ao despertar, abriu a janela, chamou-me e disse:— «Já ouvi isso que você cantou, não sei onde». Ao declarar-lhe que o texto era de Soeiro Lobato, expressou irônicamente uma de suas «amabilidades», abriu a porta e fêz-me entrar com os badernistas. Aí ficamos até o dia amanhecer, bebendo conhaque e comendo guloseima. Procurarei, com fidelidade, reproduzir, linhas abaixo, o belo soneto. Qualquer falha de métrica, cadência ou rima, não cabe ao saudoso ficcionista, porém a mim, e corre por conta da amnésia:

«Que importa? Junto ao teu nívio seio,  
Selo túrgido, branco, imaculado,  
Irei gozar, no derradeiro anseio,  
A inefável delícia do pecado.

Falam, que importa, do teu corpo amado,  
E eu surdo a tudo e a tudo absordo e aiheio  
Tremo ao ver-te comigo lado a lado,  
Vivendo o corpo num gentil meneio.

Tem veneno o teu beijo; à luz ativa  
Do teu olhar, minh'alma fica morta;  
Preso, encantado, tímido, cativo,

Que eu morra, embona, meu amor, que importa  
Bendigo a boca meiga e compassiva,  
Que fere e mata, mas também conforta».

Ele jogava gamão com destreza e o seu parceiro predileto era eu. Pespeguei-lhe sovas tremendas provocando-lhe irritabilidade a ponto de fazê-lo proferir imprecações, xingando acerbamente Nossa Senhora. Isso dava-me frio na espinha e o pressentimento da queda de um raio, sobre o tabuleiro, para nos fulminar. No começo das partidas costumava pedir que lhe servissem uma garrafa de uisque. Depois de obsequiar os perus com um trago, ia sorvendo a pequenos goles, o nectar puro, sem mistura alguma, pretextando não querer tirar-lhe a virgindade. Esta assertiva está em desacôrdo com as declarações contidas na «Marchete»

de 27 de outubro de 1956, prestadas por sua irmã Dáia, onde diz: «Graci, aqui em Palmeira, vivia o dia no balcão, cortando e vendendo pano na loja de papai, que ficava ao lado da Prefeitura. Bebia pouco; só um conhaque antes do almoço. Uma lapada como dizia êle. Sempre foi muito esquisito...». A entrevistada frisou bem:» só um conhaque antes do almoço» E depois, Bem, depois chupava úisque virgem, intemerato, que Dáia, por certo ignorava. O próprio escritor, em «Memórias do Cárcere», capítulo 29, do primeiro volume diz: «Fascinou-me, porém, uma garrafa de aguardente que o despenseiro trouxe às escondidas» — e mais adiante: «era exatamente aquilo que eu bebia enquanto laborava no romance». Refere-se a um episódio ocorrido no porão do «Maurus» quando aí esteve «hospedado».

Dialogando, certa vez, com o notável escritor, formulei curiosa pergunta: Graci, por que você não vai para a Faculdade estudar direito ou medicina? — Não gostaria de ser doutor? — Você é bôbo — respondeu — tenho um direito sagrado que não o quero perder. — Posso saber que direito é êsse? — O direito de ser burro. Quem usa «Dr.» não pode errar, dizer asneiras. Depois que deixei minha cidade sertaneja, não o vi mais. Cá de longe, todavia, acompanhei a trajetória flexuosa de sua vida atribulada: misto de sofrimento e prazer, complexo de má-ôgo e triunfo.

Casou-se Graciliano em 31 de outubro de 1917, com Dona Maria Augusta de Barros. Dêsse consórcio nasceram quatro filhos: Márcio, Múcio, Júnior e Maria Augusta, de cujo parto faleceu a espôsa. Viuvo, convolou segunda núpcias em 20 de fevereiro de 1928 com Dona He'óisa Leite de Medeiros nascendo dêste matrimônio, também quatro filhos: Ricardo, Roberto, Clara, e Luiza. Residia o poeta na rua do Pinga Fogo (atual Gabino Bisouero) em uma casa hoje habitada pelo Sr. José Paulo da Silva. Juntamente com Monsenhor Francisco Xavier de Macedo — então Padre — vigário da paróquia, fundou o jornal «O Índio», que teve vida efêmera, de 1922 a 1925, sendo empastelado por motivos políticos. Foi eleito Intendente Municipal (hoje Prefeito) em 7 de novembro de 1927, exercendo o mandato até abril de 1930, quando renunciou para assumir a Diretoria da Imprensa Oficial do Estado. A boa feitura de seus relatórios, quando Prefeito, o identificou como hábil manejador da pena, pelo editor Schmidt, pois era o próprio Graciliano que escriturava a receita e despesa. Seus officios eram por êle redigidos e escritos a mão.

Vitoriosa a revolução de 1930 foi exonerado do cargo de Diretor da Imprensa Oficial. Em 1933, com a nomeação do capitão Afonso de Carvalho, para a Interventoria Federal do Estado, foi nomeado Diretor da Instrução Pública, permanecendo no cargo até 1936. Ainda em 1933 publicou o seu primeiro livro «Coetés», pela Editora Schmidt, obra que alcançou francos elogios; em 1934, o segundo, «São Bernardo», pela Editora Eriel, romance de igual mérito; em 1936. «Angústia», pela Editora José Olympio «Vidas Sêcas», em 1938; «Histórias de Alexandre», em 1944; «Infância», em 1945; «Histórias Incompletas», em 1946; «Insônia», em 1947. «Memórias do Cárcere», publicado em 1953 e «Viagens», em 1954 são obras póstumas. Em 1936 foi Graciliano prêso como comunista e transportado de Maceió para Recife e depois recambiado para o Rio de Janeiro, onde padeceu pena de prisão durante dois anos.

Quanto às atividades extremistas, jamais acreditei na sua co-participação (o criador da literatura infantil, o defensor impertérrito do petróleo, o imortal Monteiro Lobato, também sofreu pena de prisão e foi perseguido por dizer verdades, que contrariavam interesses de magnatas de fora e de dentro do país).

Em que pesem fortes acusações, ainda sou pela negativa. A franqueza de seus atos, a lealdade e independência com que agia quando na direção da instrução pública, haviam fatalmente de incompatibilizá-lo, com muitos «figuras», uma vez contrariados em seus interesses, ao solicitarem coisas escusas. Em «Memórias do Cárcere», na página 25 do primeiro volume, o escritor narra fato relacionado com um tenente do exército que o fôra capturar, em sua residência, no dia três de março de 1936. Nesse dia Graciliano recebera, por intermédio de Lucarini, seu auxiliar, a notícia de que o iam prender sendo urgente afastar-se de casa. Desprezando o alvitre decidiu permanecer no lar esperando que o fôssem buscar. Tomou um longo banho, pôs alguma roupa branca na valise e mandou comprar muito cigarro e fósforo.

Fala o escritor: «Final, cêrca de sete horas, um automóvel delizou na areia, deteve-se à porta — e um oficial do exército, espigado, escuro, cafus ou mulato, entrou na sala.

— Que demora, tenente! Desde meio-dia estou à sua espera.

— Não é possível, objetou o rapaz, empertigando-se.

— Como não? Está aqui a valise pronta, não falta nada.

O sujeitinho deu um passo à retaguarda, fez meia-volta, aprumou-se, encarou-me. Tinha-lhe observado êsse curioso sestro um mês antes, na repartição onde surgira pleiteando a aprovação de uma sobrinha reprovada. Eu lhe mostrara um officio em que a diretora do grupo escolar de Penedo contara direito aquêlê negócio: a absurda pretensão de se nomear para uma aluna banca especial fora de tempo.

— Impossível, tenente. Isso é anti-regulamentar. Demais, se a garôta não conseguiu aprender num ano, certamente não vai recuperar em dias o tempo perdido. Sua sobrinha não é um gênio, suponho. O tenente recuara, rodara sobre os calcanhares, perfilara-se em attitude perfeitamente militar e replicara com absoluta impudência:

É o que ela é. Um gênio. Posso afirmar-lhe que é um gênio». E voltara a repetir o mesmo pedido, usando as mesmas palavras. Depois de meia hora de marchas e contra-marchas cansativas, fizera a saudação, a última reviravolta, abrira a portinhola e deixara o gabinete em passos ritmicos. No dia seguinte regressara com uma carta de recomendação, repisara a exigência, lera impenetrável o regulamento e o officio, ouvira a recusa fatal, e, no fim do resumo do caso enfadonho, o recuo, o movimento circular, o aprumo, a solicitação invariável, o obtuso louvor da sobrinha!

— Um gênio, em garanto. Admita que ela seja realmente um gênio.

Gastara-me a paciência e irritara-me. Agora, finda a pirueta, olhando a valise, prova de que não haviam sabido guardar segredo, encolheu os ombros, sorriu excessivamente gentil:

Vai apenas essa maleta? aqui entre nós posso dizer: acho bom levar mais roupa. É um conselho.

— Obrigado, tenente.

Comecei a perceber que as minhas prerrogativas béstas de pequeno-burguês iam cessar, ou já tinham cessado. Retirei da messa três livros chegados na véspera, pelo correio. Despedi-me. Uma pergunta me verrumava o espírito: por que vinha prender-me o sujeito que um mês antes me fôra amolar com insistências dezarrazoadas?

Quando quiser, tenente.

Saímos da sala e entramos no automóvel, um carro official». Não Graciliano nunca foi comunista. A maldade subreptícia, as injustiças que viu praticar contra outrem, tor-

naram-no revoltado; a promiscuidade com vários indivíduos, na prisão, perseguidos uns pela politicagem, outros adeptos do «credo vermelho» e alguns vítima da calúnia e da intriga, fizeram-no insubmisso, cético e inconsequente; o crudelíssimo tratamento que recebera em masmorras, transformaram-no num farrapo humano, sem fé nem alento, sem confiança no destino, como que a deplorar o próprio ego. Não. Graciliano nunca foi comunista. Ele em vida foi bom, incompreendido, martir! Com sua morte em 20 de março de 1953 o maior prejudicado foi o Brasil, pela perda irreparável do grande escritor, quando ainda poderia produzir obras maravilhosas como as que deixou à posteridade.

## ANEDOTARIO

Poucas são as anedotas que conheço, atribuídas a Graciliano Ramos.

Dizem que havia em Palmeira dos Índios um café denominado «BACURAU» (citado em «Caetés») cujo proprietário, Sr. Genésio Moreira, conta que após tomar suas lapadas de conhaque Graciliano utilizava, sempre, uma tesoura para sacar do bolso o dinheiro destinado ao pagamento.

## NA PREFEITURA

O Vereador Capitulino Vasconcelos apresentou projeto de aumento de imposto sobre matança de gado. Sucedeu que o edil, magarefe que era, recusou-se a pagar o imposto, por ele mesmo majorado, na primeira oportunidade que lhe foi cobrado. Graciliano, posto a par do ocorrido, mandou que o cobrador voltasse e disesse ao vereador que se ele, autor do projeto de aumento não pagasse, o chefe do executivo seria obrigado a agir com rigor, mas, como se tratava de amigo, apesar de tudo, pagaria o Prefeito a dívida, para não ter o desprazer de tomar medidas drásticas contra um correligionário. O vereador pagou o imposto e desfez-se em desculpas.

Certo dia, um funcionário da limpeza pública procurou o Prefeito, em seu gabinete e disse-lhe que o Coronel Sebastião Ramos, seu pai, proibira-o de proceder a limpeza da rua do Pinga Fogo, onde morava num palacete. O Coronel Sebastião Ramos, conforme explicara o humilde servidor, estava sentado numa espreguiçadeira à frente de sua casa e não querendo sair para evitar a poeira que a vassoura levantava, proibira o serviçal de continuar a tarefa. Graciliano perguntou: afinal, o empregado da Prefeitura é o senhor

ou o Coronel Sebastião Ramos? O funcionário objetou: — Bem, sou eu, mas... o Cel. é seu pai... — Nada tem uma coisa com a outra. Volte e limpe a rua. O Cel. Sebastião Ramos que saia da calçada se não gostar da poeira

Antes de encerrar êste desprezioso trabalho citarei alguns conceitos emitidos por escritores de nomeada, após o falecimento de Graciliano:

O prof. Edoardo Bizarre, sob os auspícios do Instituto Cultural Italo Brasileiro, no trigésimo dia do falecimento de Graciliano, pronunciou uma conferência na qual salientou, de início, o fato de ser o escritor imortal sem passaporte de nenhuma academia e ter nome já fora dos limites nacionais, para entrar no panorama da literatura mundial, no mundo das letras, sem limitações de ordem geográfica ou cronológica.

Otávio Tarquínio de Souza a respeito de «INFANCIA» disse: «Não sei se em nossa literatura de todos os tempos haverá muitas obras que lhe possam ser comparadas. Graciliano Ramos soma nesse livro os seus melhores dons».

Alvaro Lins, com sua personalidade de crítico, afirmou, entre muitas outras coisas a respeito de Graciliano, que êle foi «um mestre do seu officio de romancista, um mestre da arte de escrever».

Raquel de Queiroz, que pode opinar a respeito, declara: «Extraordinário artista, senhor de um admirável instrumento de expressão, que não tinha nada a melhorar pois que era perfeito» — Sérgio Buarque de Holanda, cuja perícia não admite discussões, considera Graciliano Ramos, dentre os romancistas de hoje, e diz: «um dos poucos cuja obra se pode dizer desde já que se inscreve entre os clássicos da nossa literatura» — José Lins do Régio proclama: «Graciliano Ramos é o maior romancista de nossos tempos». É um escritor de vida eterna». — Diz Lívio Xavier: «Graciliano Ramos realiza aos sessenta anos uma verdadeira façanha — ser um escritor brasileiro glorioso em vida.

Em 17 de março do corrente ano o editor José de Barros Martins reuniu, na sede de sua empresa, a Editora Martins, um grupo de intelectuais para assistir a assinatura do contrato de publicação das obras de Graciliano Ramos, tendo comparecido à reunião D. Heloísa Ramos e Ricardo Ramos, esposa e filho do homenageado. Digo esposa porque Graciliano ainda vive. Vive em nossa lembrança. Vive no coração amantíssimo de sua esposa. Vive na saudade imperecível de seus filhos queridos.

B

ra da caravana de

o í

li integração nacional

a : aos festejos de

21 de abril :

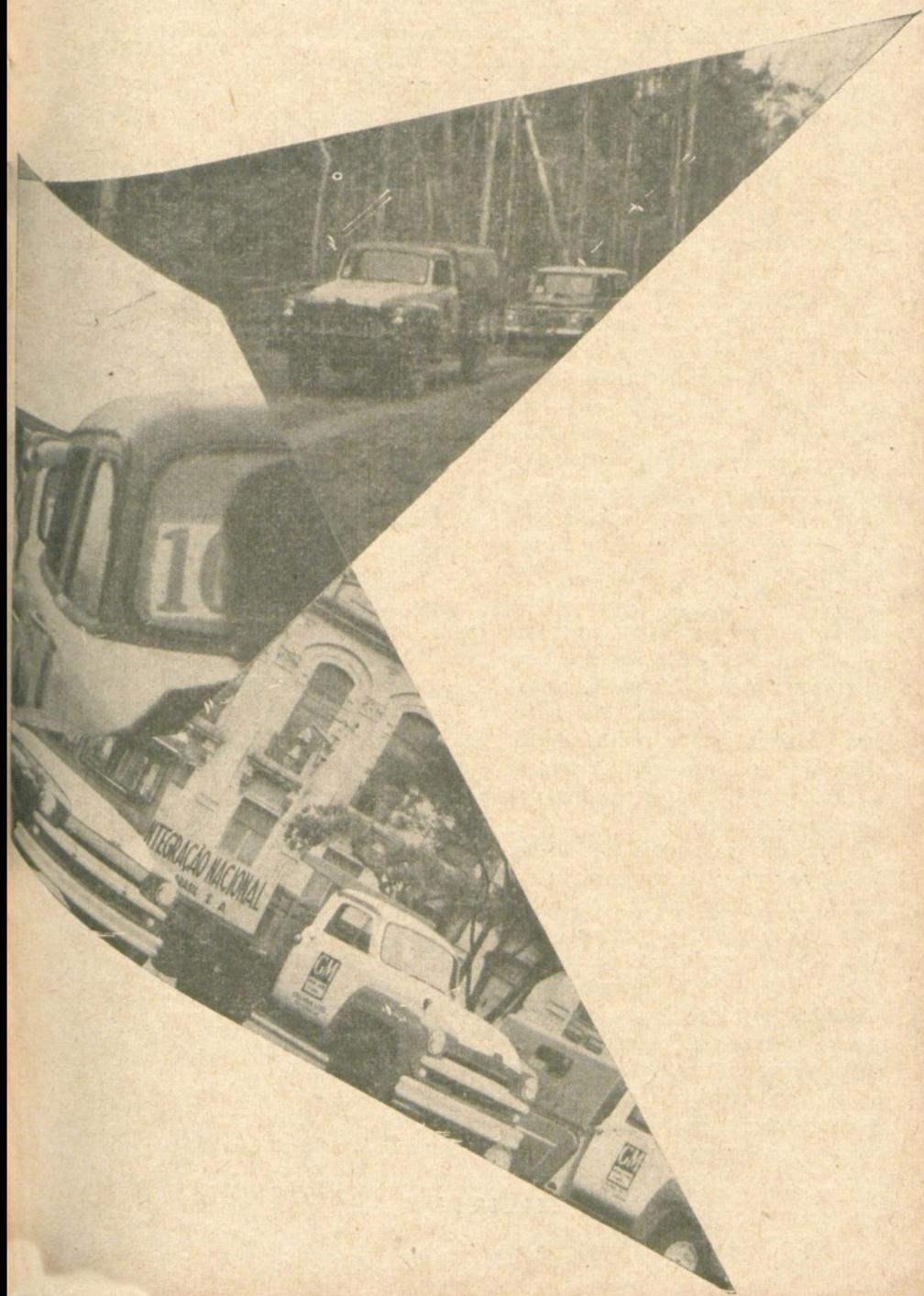
---

Em recente inquérito entre leitores, publicado em a «Folha de São Paulo», foi o saudoso homenageado classificado entre os dez maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Ainda este ano, a 29 de maio, «Folha de São Paulo» publicou o aparecimento de «Páginas Escolhidas», de Graciliano Ramos, com textos selecionados por seu filho, Ricardo Ramos, jovem escritor, que se apresenta como autêntica revelação.

Adeus Graciliano. A narrativa que acabo de fazer a teu respeito é o testemunho de que o elo que nos uniu na juventude foi tão forte que o tempo destruidor não conseguiu quebrantá-lo e jamais extingui-lo.







Milicianos de vários Estados participaram da Caravana de Integração Nacional, vivendo um momento histórico. Colunas motorizadas, partindo dos quatro pontos cardiais, vararam o território nacional, em demanda de Brasília. Dez fábricas de veículos brasileiros tomaram parte no empreendimento e, no dia 31 de janeiro, brasileiros do norte, sul, leste e oeste encontravam-se na metrópole do planalto. Três meses depois, Brasília tornou-se a capital da República. Precisamente no dia do patrono das Polícias Militares, foi o mundo que se encontrou no novo Distrito Federal, para saudar a maior realização da história brasileira.

### A CARAVANA

Como prometemos em número anterior, damos aqui uma visão do que foi a Caravana da Integração Nacional, vista por MILITIA. A coluna norte saiu de Belém do Pará, viajando através da rodovia Belém-Brasília. A coluna sul partiu do extremo oposto — Pôrto Alegre — via São Paulo. A viagem da coluna leste começou em frente ao palácio do Catete, no Rio. A última — coluna oeste — teve início na capital matogrossense, vindo com ela também veículos da região fronteira.

### NORTE

O cap. Eurípedes Bezerra, nosso representante no Maranhão, acompanhou a coluna norte. Percorreu, com os demais, toda aquela região, até há pouco indepassada. A viagem foi acidentada. Pontes tiveram que ser improvisadas.

A pista, em muitos trechos estreita, não permitia a passagem senão de uma única viatura. Mas era uma realidade. O «impossível» fôra realizado e a estrada lá estava.

Através da selva amazônica, os viajantes puderam observar as primeiras roças surgindo na antiga floresta virgem. Penetrando o sertão goiano, começaram a encontrar cidades nascentes e, em toda parte, o sabor de uma nova civilização. Em

Guamá, Açailândia, Estreito, Guará, Porungatu, Ceres e Anápolis, por onde passaram, foram saudados com entusiasmo pelas populações.

### SUL

Em Brasília, a coluna encontrou-se com seus patrícios do sul, vindos de Pôrto Alegre e outras cidades gaúchas. Os sulinos foram recebidos em toda parte com igual entusiasmo. Atravessaram Santa Catarina, o Paraná, e chegaram à capital bandeirante, de onde tomaram o rumo do novo Distrito Federal, através de Limeira, Jaboticabal, Goiânia e Anápolis.

### LESTE

A coluna leste foi despedir-se do presidente da República, antes de partir. O povo carioca assistiu, diante do Catete, a uma versão moderna da epopéia dos bandeirantes setecentistas. Aquêlê exército da paz deixava a velha capital, com destino ao eldorado de nossos dias, no planalto Central. E a coluna partiu feliz e festejada como as demais.

### OESTE

Organizada pelo próprio governador de Mato Grosso, a coluna oeste concentrou-se em Guiabá e ganhou a estrada para encontrar-se em Brasília com seus patrícios das outras

regiões. Os matogrossenses atravessaram os campos sem fim de seu Estado, sempre recebidos em festas, invadiram Goiás e foram abraças os componentes das outras colunas na nova capital.

## 21 DE ABRIL

Finalmente, em 21 de abril, depois de realizada a proeza da integração, depois de se construir em tempo recorde a cidade mais moderna do mundo, depois de se destruir a lenda da idolência cabocla, o govêrno federal se instalou em Brasília.

O entusiasmo que se apossou dos milhares de visitantes e moradores da capital já foi fartamente divulgado pela imprensa, como o foi também o programa dos festejos. As críticas continuaram e os ataques se multiplicaram. Surgiram as indispensáveis anedotas, mas a capital lá está. Poirenta, com a natureza ainda selvagem a contrastar com o arrôjo do empreendimento. Mas é uma realidade e continua a crescer. E o candelango não pára de trabalhar.

## CIDADES SATELITES

Paralelamente, crescem as cidades satélites; umas nascidas com a capital; outras revigoradas em função de Brasília. Anápolis está no último caso. Nascida no século passado, tornou-se o sustentáculo da economia estadual, pela sua produção

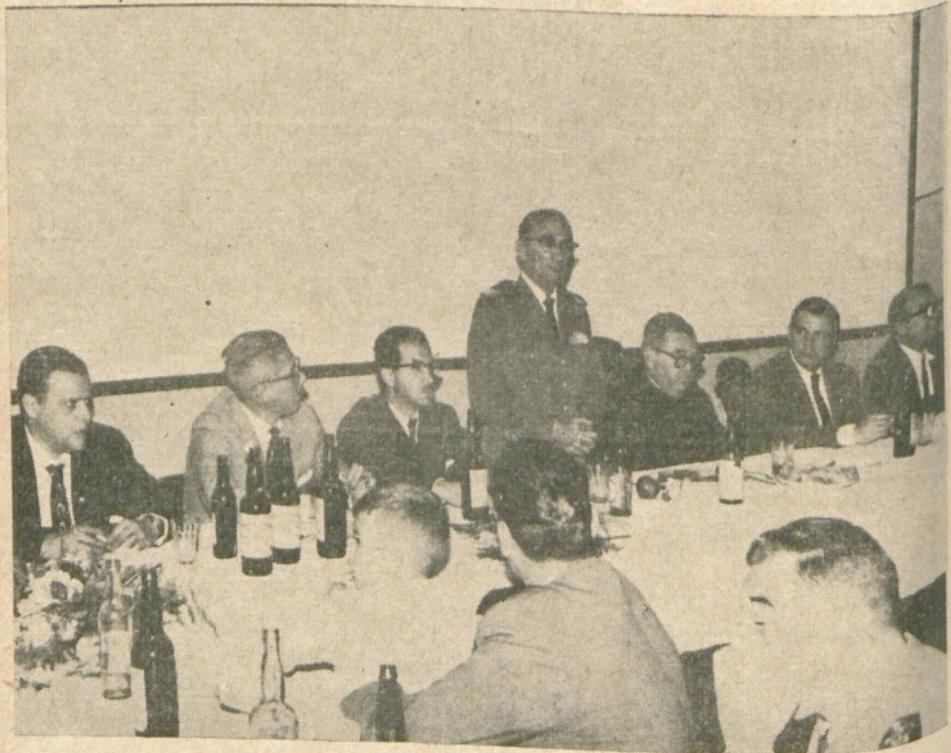
agrícola. Desenvolveu-se e adquiriu características próprias. Mudou de nome mais de uma vez, mas não parou de crescer. A constituição de Gôiania revitalizou a região. A estrada de ferro acentou ainda mais o desenvolvimento. Agora é Brasília, nas proximidades, que dá novo impulso ao progresso.

Mais de 80.000 habitantes ali vivem, a 57 km da capital goiana e a 136 do Distrito Federal. O solo rico e sua posição possibilitaram o crescimento de sua agricultura. O Distrito Federal, a energia elétrica abundante e os demais recursos, podem criar agora em Anápolis um centro industrial.

## MILICIANOS EM AÇÃO

Desde os dias que antecederam a Caravana de Integração Nacional, até depois da instalação da nova capital, as PM do antigo Distrito Federal, de São Paulo, do Estado do Rio, de Minas, Goiás e Mato Grosso trabalharam intensamente para garantia dos viajantes, ao lado das Forças Armadas Federais e de outras corporações. Da mesma forma atuaram também os milicianos dos Estados por onde passaram as diferentes colunas. E os policiais-militares que não puderam estar em Brasília, no grande momento da confraternização e em 21 de abril, participaram, mesmo de longe, da alegria geral do povo brasileiro.

A Força Pública em Sorocaba.



# Bombeiros para a cidade

Sorocaba, 30 de julho (do correspondente) - Acompanhado do secretário da Segurança Pública do Estado, sr. José da Nova, o cel. Arrisson de Souza Ferraz esteve ontem nesta cidade, na qualidade de comandante geral da milícia. Na ocasião, S. Exa. informou que um convênio será celebrado entre o Estado e a Prefeitura local, criando aqui um destacamento do Corpo de Bombeiros da corporação. Os estudos para esse fim já se encontram em fase adiantada. A população sorocabana recebeu a notícia com alegria, pois a cidade se ressentia da falta dos homens do fogo.

As autoridades visitantes foram homenageadas com um almoço, oferecido no quartel do 7.º B.P., ocasião em que atuou o "jazz band" da unidade. Estiveram presentes o ten. cel. Divo Barsotti, comandante do Batalhão, a oficialidade que serve sob seu comando e outras autoridades civis, militares e eclesíásticas. O sr. Hélio Rosa Baldy, que discursou na oportunidade, manifestou-se a propósito do Corpo de Bombeiros, salientando que o município arrecada importante soma, o que é fator decisivo para a instalação do destacamento.

Nosso comandante geral e o secretário da Segurança, foram cumprimentados ainda pelos srs. Mario Ferraz Paim, respondendo pelo delegado regional de Sorocaba; cap. Júlio César Verlangiere, que responde presentemente pelo comando da unidade e inspetor José Ferreira, chefe da Subdivisão da Guarda Civil, além de outras autoridades.

## MAIS 300 MILICIANOS NO 7.º

Ouvido pela imprensa local, o cel. Arrisson frisou que, só no presente ano, o 7.º B.P. já foi reforçado com mais 300 homens, que prestam serviços em toda a região afeta à unidade. Mas ainda deverá ter seu efetivo aumentado: "A medida em que a Fôrça receber novos homens, Sorocaba irá sendo dotada de mais elementos, tanto para o policiamento de trânsito como para o patrulhamento".

Cmt. Barsotti em palestra com o titular da pasta da Segurança



Aspecto do almoço: os convivas ouvem a palavra de nosso comandante geral



Direção  
do major  
Francisco  
V. Fonseca

## AMAZONAS

### MORTO NO CUMPRIMENTO DO DEVER

Correndo para um incêndio, o carro n.º 3 dos Bombeiros Voluntários de Manaus, no dia 12 de maio último, chocou-se com um ônibus urbano da capital amazonense, do que resultou a morte do subcomandante da corporação, sr. Constantino Machado e o ferimento de outros soldados do fogo.

Constantino, ourives de profissão, entusiasta e lutador, um dos grandes esteios da milícia do fogó, transportado para o Pronto Socorro, ali veio a falecer. Fiel ao seu ideal tombou em serviço.

## CEARÁ

### GOVERNADOR INAUGURA NOVAS DEPENDÊNCIAS

Comemorando o 125.º aniversário de  
fundação da PMC

Tiveram início no dia 24 de maio último, os festejos assinaladores do 125.º aniversário da Polícia Militar do Ceará, atualmente sob o comando do cel Aluísio Brígido Borba.

Do programa comemorativo constou um desfile de toda a tropa disponível pelas ruas da capital, até o Palácio do Governo, onde o governador Parsifal Barroso recebeu a continência devida à sua autoridade. Dali o contingente seguiu pa-

ra o Quartel General, onde tiveram lugar diversas cerimônias militares.

Ampliando as instalações da Maternidade N.S. de Fátima, para espôsas de oficiais, foi construído o Pavilhão Góis (homenageando o antigo comandante da milícia e atual secretário de Polícia, cel. José Góis de Campos Barros), com capacidade para 10 leitos destinados às espôsas das praças, sendo o conjunto dirigido pelo major médico Geraldo Pinto. O ato da inauguração das suas dependências contou com a presença e o prestígio do governador Parsifal Barroso.

Outras solenidades de menor amplitude completaram o ciclo de comemorações da data de fundação da milícia.

## ESPÍRITO SANTO

### FESTIVAMENTE COMEMORADO O ANIVERSÁRIO DA PM

Com numerosos e brilhantes festejos, a Polícia Militar comemorou, no dia 6 de abril último, o transcurso do 125.º aniversário de fundação. O governador Carlos Lindenberg esteve presente ao Quartel do Maruípe, pelo manhã, participando das comemorações e recebendo as homenagens dos elementos da Polícia Militar.

Hsteando a bandeira no quartel da Polícia Militar do Espírito Santo, o governador deu início, oficialmente, às cerimônias.

Depois do hasteamento, foi lida a Ordem do Dia, alusiva ao acontecimento, de que constou uma homenagem ao Cap. Brandão, herói das batalhas de Tuiuti e do Riachuelo e patrono da Polícia Militar. O Comando enalteceu as qualidades do soldado capixaba e congratulou-se com os oficiais, subtenentes, e sargentos, da ativa e da reserva, pelo transcurso de tão significativa data.

Encontravam-se presentes altas autoridades federais, estaduais e municipais, além de parlamentares e todos os secretários de Estado. Esses autoridades foram homenageadas pela PM, através de um desfile da tropa.

Após o desfile, foi celebrada missa campal, pelo monsenhor Raimundo Barros, capelão da Polícia.

#### Manhã Esportiva

As 9,30 horas, foram iniciadas as diversas provas esportivas, dentro do seguinte programa: Atletismo — Companhia de Guardas x Corpo de Bombeiros; Futebol de Salão — Oficiais da PM x Sargentos do 3.º B.C. Sairam vencedores a Companhia de Guardas, Sargentos da PM e Oficiais da PM.

#### A Palavra do Governador

O Comando da Polícia Militar ofereceu, às autoridades presentes, um coquetel no Salão Nobre do quartel, após o que o governador congratulou-se com a Polícia Militar pelo transcurso da grata efeméride. O comandante agradeceu as palavras do governador do Estado.

### Homenagem dos Sargentos e Sub-oficiais

A noite, a Associação dos Sargentos e Sub-Tenentes da Polícia Militar reuniu quase todos os seus membros para homenagear o comandante Tércio de Moraes e Souza. Encontravam-se presentes diversas autoridades, inclusive o secretário Darcy Pacheco de Queiroz, o sr. Carlos von Schilgen, diretor do Departamento Estadual de Saúde, o sr. Mário Nicoletti, o cap. Pedro Leal, chefe de Polícia e merosos oficiais superiores da Polícia Militar.

Entre os vários oradores, figurou o secretário do Interior e Justiça, que demonstrou sua satisfação pelo júbilo com que os sargentos e sub-tenentes da Polícia homenageavam seu comandante. O Secretário Darci Queiroz aproveitou a oportunidade para estender uma homenagem à mulher do soldado capixaba.

#### Retreta

A Banda de Música da corporação realizou uma retreta para o povo de Vitória, na Praça Costa Pereira, interpretando diversas páginas populares e clássicas, transmitidas através da Rádio Espírito Santo.

## GUANABARA

### ENTREGUES OS PRIMEIROS

#### ESPADINS

### Em funcionamento a Escola de Formação de Oficiais Bombeiros

Em solenidade realizada na manhã do dia 21 de março, no Quartel Central do Corpo de Bombeiros, os alunos da Escola de Formação de Oficiais daquela corporação receberam seus espadins, fazendo-se também nessa ocasião a entrega dos prêmios conferidos aos primeiros colocados na segunda e terceira séries.

A cerimônia, a primeira na história da escola, que foi fundada em 1959, contou com a presença do ministro da Justiça sr. Armando Falcão; comandante do Corpo de Bombeiros, gen. Souza Aguiar; chefe de Polícia, cel. Jacques Júnior; presidente da Caixa Econômica Federal, sr. Augusto do Amaral Peixoto, e diversas outras autoridades civis e militares.

## Prêmios

Após breves palavras do gen. Souza Aguiar, as madrinhas dos alunos da Escola de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros fizeram a entrega dos espadins. Seguiu-se a entrega dos prêmios ofertados pela Caixa Econômica Federal aos alunos que obtiveram a primeira colocação: 1.º colocado da terceira série — caderneta no valor de 10 mil cruzeiros; 1.º colocado da segunda série, uma caderneta no valor de 5 mil cruzeiros.

Logo após a entrega dos espadins, os alunos prestaram juramento, encerrando-se a solenidade com a execução do Hino Nacional, pela Banda de Música do Corpo de Bombeiros.

## A PM, O NOVO DISTRITO FEDERAL E ESTADO DA GUANABARA

Com a execução das leis que criaram o novo Distrito Federal e o Estado da Guanabara, variados fatos e notícias surgiram no cenário nacional, criando reações as mais diversas. Sobre o assunto, "Notícias das Co-Irmãs" procurará, dentro do limitado espaço que lhe é reservado nesta publicação, resumir os acontecimentos, cronologicamente.

### 28/Março - PM no Rio ou em Brasília?

O cel. Euclides Bóia, da PM, em carta a um vespertino carioca, mostra-se preocupado quanto ao destino da corporação, quando da mudança da capital para Brasília, ao mesmo tempo que revela ser, a sua, a preocupação também de todos os membros da milícia. "No momento — diz ele — só há um caminho a seguir: a instalação em Brasília, na data fixada na lei votada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo sr. presidente da República. Mas, com a transferência do governo, até agora nada se falou com relação à PM, isto é, se fica ou vai para Brasília. Esta corporação pertence ao DF, logo terá de acompanhar o DF para onde quer que este se transfira. Parece, porém, que há uma preocupação entre os oficiais e praças, justamente por falta de uma palavra de esclarecimento do governo. Eu conclui:

"A Polícia Militar é uma instituição federal, com uma história de fatos que a enaltecem e a dignificam, razão por que sempre se fez credora do povo a

que serve com desvelo e consciência do dever. As leis que regulam a sua estrutura, a sua missão, o seu patrimônio, os vencimentos do pessoal, e daí certa dúvida no que tange às suas garantias, no caso de ficar integrada no futuro Estado da Guanabara. Como se vê é perfeitamente justo, tem cabimento, o ponto de interrogação que se observa na fisionomia de cada um dos nossos Cosme e Damião. Estamos certos de que as autoridades, principalmente o sr. ministro da Justiça e o cel. Anfrísio da Rocha Lima, seu comandante geral, saberão defender, intransigentemente, junto aos superiores poderes da República, os direitos da corporação; todavia, se impõe uma palavra que venha tranquilizar os oficiais e praças da nossa Polícia Militar.

### 12/4 — CB e PM ficarão no Rio

Anuncia-se que o Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar permanecerão no Rio de Janeiro, pois passarão a ser administradas pelo futuro Estado da Guanabara. Afirma-se que não há necessidade da ida de sete mil soldados da milícia para Brasília, nem de um Corpo de Bombeiros tão bem aparelhado, como o carioca. Já há no Senado projetos de lei sobre a criação de um Departamento Policial nos mesmos moldes do famoso FBI americano.

### 27/4 — PM e Bombeiros já não mais julgados pelo STM

O Superior Tribunal Militar, apreciando matéria de competência em processo oriundo da Auditoria da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara, resolveu, por maioria de votos, considerar incompetente a Justiça Militar da União para conhecer dos processos relativos aos elementos daquelas corporações, remetendo-se os respectivos autos ao Tribunal de Justiça Estadual. Resolveu também que a incompetência será julgada em cada caso submetido ao plenário do Tribunal. A decisão em apelo causou sensação nos meios judiciários, isto porque foi o primeiro caso a ser julgado após a mudança da capital para Brasília.

### 28/4 — Polícias retornarão à União?

Esboça-se um movimento entre o Departamento Federal de Segurança Pública e a Polícia Militar, no sentido de que

estas duas corporações retornem aos quadros da União. No entanto, como o assunto já foi objeto de lei, no Estatuto da Guanabara, só uma nova lei poderá estabelecer a situação antiga.

Um parlamentar guanabarinero revela que os comandantes da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, transferidos pelo governo federal ao âmbito estadual, procuraram o ministro da Justiça, solicitando a sua interferência junto ao governador Sette Câmara, no sentido de que as suas corporações fiquem diretamente subordinadas ao gabinete do chefe do Executivo carioca, sendo considerados órgãos autônomos.

#### 7/5 — Só a Constituição da Guanabara decidirá em definitivo sobre PM e CB

A propósito da transferência, para o Estado da Guanabara, dos serviços que anteriormente estavam afetos à União e pela mesma eram custeados, entre os quais se encontram a PM e o CB, sabe-se que o assunto foi consubstanciado num projeto de lei que será apreciado pela Assembléia Constituinte a ser eleita em 3 de outubro próximo vindouro. Do referido projeto extraímos os dispositivos principais:

1 — O Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar e os órgãos e serviços do Departamento Federal de Segurança Pública, transferidos ao Estado da Guanabara em virtude da lei San Tiago Dantas, ficarão subordinados à Secretaria Geral do Interior e Segurança, que passará a denominar-se Secretária Geral de Justiça e Segurança; 2 — até que seja feita a reorganização e reestruturação geral do Estado, o provimento dos cargos de comandante do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar será feito por nomeações em comissão, de oficiais das respectivas corporações, que ocupam o mais alto posto de suas hierarquias militares; 3 — os órgãos e serviços do Departamento Federal de Segurança Pública transferidos para o Estado da Guanabara serão incluídos no Departamento de Vigilância da Secretaria Geral, o qual passará a denominar-se Departamento de Segurança Pública.

#### 27/5 — Diretamente subordinados ao governador a PM, o CB e o DFS

Pelo decreto n.º 14, passaram a subordinar-se diretamente ao governador, em caráter provisório, o Corpo de Bombeiros,

a Polícia Militar e o Departamento Federal de Segurança Pública, este com a denominação de Departamento Estadual de Segurança Pública.

#### 20/6 — Nova denominação para os organismos policiais

Pelo decreto n.º 28 foi alterada a denominação de diversos órgãos transferidos da União para o Estado da Guanabara. Portanto: Polícia Militar do Estado da Guanabara, Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro e Departamento Estadual de Segurança Pública.

#### 22/6 — PM voltará à área federal

Foi distribuída à imprensa a seguinte nota oficial: "Precisamente à 21,30 horas de ontem (anteontem), o comandante geral do PM, cel. Anfrísio da Rocha Lima, recebeu, diretamente de Brasília, em comunicação telefônica do ministro da Justiça, a notícia de que o exmo. sr. presidente da República resolveu enviar mensagem ao Congresso Nacional, reconduzindo a corporação à área do poder federal. Tal providência em nada prejudicará a segurança do Estado da Guanabara, uma vez que, mediante acordo entre a União e o Estado, a PM continuará prestando serviços policiais, nesta cidade, sob a responsabilidade do Governo Federal.

O convênio é previsto na Constituição Federal (art. 18, § 2.º) e o Governo Federal procura, com essa providência, resguardar os direitos adquiridos dos servidores da PM. O policiamento do EG não sofrerá solução de continuidade, pois, a P.M. prestará às autoridades competentes do Estado a mesma cooperação e com o firme propósito de bem servir à causa pública.

Não seria demais acrescentar que todas as ordens ou solicitações do governador provisório serão cumpridas rigorosamente e com a mais perfeita compreensão das responsabilidades perante a nação. A Polícia Militar sempre foi um modelo de disciplina e de acatamento às leis do país".

#### 23/6 — Candidato se insurge contra o retorno

Um deputado federal, candidato ao governo do Estado da Guanabara, envia ao presidente da República telegrama em que protesta contra o retorno, alegando a defesa da autonomia estadual.

#### 24/6 — Ministro da Justiça envia nova nota à imprensa

O ministro da Justiça distribuiu, ontem, em Brasília, uma nota oficial à imprensa, na qual afirma que houve equívoco ao se identificar na medida um ato de intervenção no Estado.

O art. 18 da Constituição Federal assim dispõe: — "Art. 18, § 3.º — Mediante acôrdo com a União, os Estados poderão encarregar funcionários federais da execução de leis ou serviços estaduais ou de atos e decisões de suas autoridades; e reciprocamente, a União poderá, em matéria da sua competência, cometer a funcionários estaduais encargos análogos, provenindo às necessárias despesas".

#### 27/6 — Tribunal de Contas nega verba para manutenção.

Entende o Tribunal de Contas da União que, pela legislação em vigor, é ilegal a aplicação de qualquer verba federal no Estado da Guanabara, exceção feita daquelas expressamente mencionadas na lei 3752, de 14-4-60. Em consequência, poderão sofrer colapso a manutenção dos serviços de: iluminação, Polícia, Justiça, Bombeiros e Assistência a Menores. Existe um ambiente de apreensão em torno do assunto.

#### 30/6 — Oficiais da PM contra lei 3752

Quinze oficiais da PM deram entrada, no Tribunal de Justiça, de mandado de segurança contra o governo do Estado da Guanabara, visando a impedir — liminarmente — que o sr. Sette Câmara promova oficiais e aspirantes a oficiais da Polícia Militar, por considerarem os impetrantes ato de competência do Presidente da República.

Alegam os oficiais que foram surpreendidos com a publicação da lei 3.752, de 14 do corrente, que transferiu a Polícia Militar do Distrito Federal para o Estado da Guanabara e que essa lei, "com dispositivos inconstitucionais, veio inquietá-los, colocando-os numa situação de intranquilidade e pessimismo".

Os impetrantes chegam a considerar a referida lei como "monstrego" porque "usurpou de seu direitos com a lei".

#### 12/8 — O Círculo dos Oficiais da PM dá a sua opinião

O cap. Newton Alves de Brito Melo, presidente do Círculo dos Oficiais da

Polícia Militar, em nota distribuída à imprensa, manifesta o seu ponto de vista, salientando que o Círculo "não poderia omitir-se a um pronunciamento público que viesse definir claramente a posição da entidade que congrega todos os oficiais desta corporação policial-militar". Assinalou os reflexos políticos jurídico-sociais da lei 3.753 e adiantou haver o Círculo "concluído pela conveniência de sua revogação, no que diz respeito à Polícia Militar, visto que já se poderia prever a série de contradições que a cada passo iriam surgir com a aplicação da referida lei".

Anunciou ainda uma mensagem que o Círculo deliberara enviar ao presidente da República, encaminhando anteprojeto que visa o retorno da PM aos quadros da União, mediante convênio com base em dispositivo constitucional. A administração federal teria então competência para utilizar os efetivos da milícia no novo Distrito Federal.

Segundo o mesmo documento, a mensagem foi entregue ao ministro da Justiça, a desconheciam totalmente e nehu-tica, sofreu críticas por parte de pessoas, mas providência prática foi adotada.

"Hoje — continua o autor — passados quase quatro meses de vigência da lei, anuncia-se o caos. Por que? Porque a lei n.º 3.732 está sendo cumprida. Porque a lei n.º 3.752 não foi modificada, como era de se desejar".

#### 13/8 — Presidente pede refederalização da PM

O presidente JK assina mensagem, enviando à Câmara ante-projeto de lei que restabelece o caráter federal da PM do antigo Distrito Federal, com o seguinte texto:

"O Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica excluída da enumeração constante do § 1.º do artigo 3.º da lei n.º 3.752, de 14 de abril de 1960, a Polícia Militar do antigo Distrito Federal.

Art. 2.º — A corporação referida no artigo anterior passa a denominar-se Polícia Militar Federal, continuando integrada no Ministério da Justiça e Negócios Interiores, sediada, provisoriamente, no Estado da Guanabara e comandada

por um oficial da ativa da Exército, com o posto de general de brigada ou coronel.

Art. 3.º — Até que, constituído o Poder Legislativo estadual, seja expedida a lei sobre a matéria, a Polícia Militar Federal ficará a disposição do governador do Estado da Guanabara, para exercer, em todo o território dêsse Estado, as atribuições especificadas de policiamento militar, previstas nos regulamentos em vigor.

Paragrafo único — A nomeação de comandante-geral, as transferências e classificações dos oficiais superiores, bem como os atos necessários á utilização dos serviços e da tropa, serão da competência do governador do Estado. A movimentação do pessoal militar, nos quadros de carreira de oficiais e praças, e todos os atos de administração orçamentária e patrimonial permanecem da competência do presidente da República ou do ministro da Justiça e Negocios Interiores, conforme a legislação vigente.

Art. 4.º — Os serviços da Polícia Militar Federal serão continuadamente prestados ao Estado da Guanabara, quando houver consentimento da lei estadual e mediante acôrdo celebrado nos termos do artigo 18, § 3.º da Constituição Federal.

Art. 5.º — Na eventualidade de lei do Estado da Guanabara que determine a existência de policia militar estadual com a finalidade prevista no artigo 183 da Constituição, a Polícia Militar Federal, de que trata esta lei, passará a exercer suas atribuições no Distrito Federal, em Brasília, onde ficará sediada, e poderá ter, a juizo do ministro da Justiça e Negocios Interiores, destacamentos de reforço policial distribuidos pela faixa de fronteiras e unidades de guarda pelos Territórios Federais.

Art. 6.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrario”.

## DISTRITO FEDERAL

### CADETES DA BRIGADA GA- LUCHA EM BRASÍLIA

Sob o comando do major Ernani Afonso Trein, trinta e três alunos da Escola de Formação de Oficiais da Brigada Militar do Rio Grande do Sul chegaram a Brasília no dia 28 de

julho, em viagem de instrução e adestramento. Os cadetes fizeram a viagem por via aérea e retornaram aos seus pagos, passando pelo Rio de Janeiro, onde permaneceram cerca de três dias, entrando em contacto com os seus colegas do Curso de Formação e Oficiais da Polícia Militar do Estado da Guanabara.

Em Brasília, os cadetes gaúchos foram recebidos pelo cap. Emílio Neme, representante do governo sulino na Novacap.

## MARANHÃO

### NOVO COMANDANTE DA PM

SAO LUIS, abril (do correspondente) — Assumiu o comando da P.M. do Maranhão o cel. Arlindo Faray, brioso componente da milicia, o qual galgou todos os postos hierárquicos, com menos de 40 anos de idade. A despeito de suas



O bacharel, novo comandante geral,  
cel. Arlindo Faray

ocupações e, sem se afastar dos deveres profissionais, aquêle official maranhense concluiu também com brilhantismo o curso da Faculdade de Direito desta capital. O novo comandante é ainda detentor de diplomas e certificados de vários outros cursos.

### CASSINO

Acaba de ser concluído e inaugurado o Cassino da Polícia Militar de nosso Estado., já na gestão do novo comandante geral. É uma das maiores realizações de beleza e conforto existentes em nosso meio

### MILICIANOS FORMADOS

Assim como o comandante da corporação, concluíram o curso de Direito da faculdade local, os seguintes officiais de nossa corporação: cap. capelão Artur Lopes Gonçalves e major Sadoc Costa. O cap. Ratis de Santana concluiu a Faculdade de Filosofia e o ten. Raimundo José da Silva a de Farmácia. O correspondente de MILITIA, foi diplomado contador, na Academia de Comércio desta ci-

dade No mesmo estabelecimento, formou-se o sgt. Francisco Rodrigues dos Santos.



Outro novo contador, o sgt. Francisco Rodrigues dos Santos.



Cap. Ratis de Santana, diplomado pela Faculdade de Filosofia

Nosso correspondente, cap. Euripedes Bezerra, ao receber seu diploma de contador das mos do presidente do Tribunal, desembargador Palmério Campos.

## 15 MILHÕES: CONTRABANDO APREENDIDO

Grande quantidade de mercadorias foi apreendida recentemente por nossos milicianos, a bordo de um avião comercial praticício, em trânsito de Paramaribo para São Paulo.

A aeronave tentava introduzir ilegalmente em nosso país rádios portáteis, canetas automáticas, peças de vestuário e objetos diversos de "nylon", no valor total aproximado de 15 milhões de cruzeiros. O material apreendido será posto em leilão.

(\*) Nota da R. — A reportagem de MILITIA apurou que o contrabando foi apreendido por nosso correspondente junto à co-irmã maranhense, cap. Eurípedes Bezerra.

## PROMOÇÕES E NOMEAÇÕES

Passou para a reserva remunerada o cel. Curtódio Boguea, tendo sido promovido a major o cap. Sadock Costa. Para preencher a vaga de ten. cel., foi promovido o major Abílio Silva Costa e, a capitão, foram promovidos os 1.ºs tens. Máximo Martins de Freitas e João Pereira de Souza. Ao mesmo tempo, foram incluídos no quadro de oficiais da PM

Em virtude de ato governamental, acha-se agora à testa da 1.ª Delegacia de Polícia da capital nosso companheiro, o cap. Bartolomeu Pereira Júnior. O ten. Floriano José Monteiro passou a exercer suas funções na Guarda Portuária.

## MINAS GERAIS

### REFORMADOS VÃO RECEBER 200 MILHÕES DO ESTADO

Cerca de 800 elementos reformados da Polícia Militar, de soldados a coronel vão receber do Estado 200 milhões de cruzeiros em vencimentos atrasados. Através de uma ação declaratória, pediram eles que o Estado fôsse condenado a pagar-lhes proventos acrescidos dos aumentos concedidos aos elementos da atividade. O juiz de Direito da Fazenda Pública julgou a ação improcedente, mas o Tribunal de Justiça reformou a sentença, condenando o Estado a pagar os proventos reclamados. Desta decisão não houve



os oficiais da reserva Armando Prefetti, Floriano José Monteiro e Brito Melo, após serem submetidos a provas diversas-

recurso, razão por que os reformados passaram a exigir a execução do acórdão.

## PM NA PROTEÇÃO DA BR-7

*Assegurado o êxito da "Operação feliz viagem"*

A paisagem ao longo da rodovia Belo Horizonte — Brasília, durante os dias que precederam à inauguração de Brasília, apresentava um colorido bem diferente do comum. Além do incalculável número de veículos que demoravam a Novacap (cerca de 200 por hora), atentos a qualquer movimento suspeito achavam-se postados nas pontes, ao longo do percurso, elementos da Polícia Militar de Minas Gerais, ostensivamente armados e equipados, prontos para impedir qualquer tentativa de sabotagem que pudesse empanar o brilho das solenidades de inauguração da nova Capital brasileira.

### Quatro corporações

Além da Polícia Militar (com cerca de 900 homens) três outras corporações foram empenhadas no gigantesco trabalho de fiscalização e proteção da rodovia: polícias rodoviárias estadual e federal e Departamento Estadual de Trânsito. O entrosamento dessas corporações, sob a supervisão do DET, saiu quase perfeito, sendo os congestionamentos reduzidos a proporções mínimas, apesar do enorme afluxo de veículos para Brasília.

### FICHA DE JK NA PM

A guisa de curiosidade, extraímos do Almanaque da Polícia Militar os seguintes dados relativos ao nome do presidente Juscelino Kubtschek;

"Nascido em 12 de setembro de 1912 — nomeado capitão em 18 de maio de 1931 — Promovido a major em 11 de maio de 1934 — tenente coronel em 28 de junho de 1939 (merecimento) — serviço de campanha — transferido para o QOR em 22 de junho de 1940 — eleito governador do Estado a 3 de outubro de 1950 — diplomado a 4 de janeiro de 1951 — renunciou ao cargo de governador do Estado: 20 de março de 1955 — transferido para o QS em gozo de licença para candidatar-se à eleições presidenciais em 1955 — eleito presidente da República a 3 de outubro de 1955 — empossado em 31 de janeiro

de 1956 — cursos: Medicina — condecorações: Grande Medalha da Inconfidência".

### OPERAÇÃO BANANAL

**Cel. miliciano aceitou convite**

Atendendo a convite do cel. Nélso Gonçalves, recentemente nomeado para a presidência da Fundação Brasil Central, seguiu para a ilha do Bananal, no dia 2 de junho último, o cel. José Geraldo de Oliveira, comandante do 5.º BPO. Uma vez na maior ilha fluvial do mundo, o cel. Oliveira assumirá a chefia dos trabalhos que ali estão sendo realizados, visando à integração da ilha na civilização brasileira. "Sigo confiante, esperançoso de trabalhar muito e cooperar para que a "Operação Bananal" seja uma realidade, como Brasília o é."

### AUTO-SUFICIÊNCIA DA PM

**Construiu e inaugurará o quartel do 9.º BI, em Barbacena**

Será inaugurado brevemente o novo quartel do 9.º Batalhão de Infantaria, sediado em Barbacena.

A obra, uma das mais modernas do Brasil, ocupa uma área construída de 4.600 metros quadrados, sendo três mil destinados à administração e o restante às companhias.

### CAPACIDADE

O Quartel do 9.º BI tem capacidade para alojar mil homens e foi estimado em 60 milhões de cruzeiros. O serviço de água conta com uma caixa capaz de 120 mil litros, situada a um quilômetro de distância, numa diferença de nível de 100 metros servida por um poço artesiano cuja vazão é de um milhão de litros por dia.

Detalhe interessante é que o poço artesiano, serviço de terraplenagem, urbanização, cálculos, especificações, mão de obra, esquadrias, trabalho em ferro e madeira, foram serviços realizados pelo pessoal da Polícia Militar de Minas Gerais, sob a supervisão técnica do cel. Pascol Silvestre, professor da Escola de Engenharia da U.M.G..

O Quartel que já está pronto e mobilado, será como se disse, inaugurado em breve.

## PARÁ CAVALARIA RURAL

Atendendo ao apêlo dos criadores, notadamente da ilha do Marajó, onde são frequentes os furtos de gado, o governador Moura Carvalho vai enviar mensagem à Assembléa Estadual, propondo a criação da Cavalaria Rural do Estado, com os elementos do atual Esquadrão de Cavalaria da Polícia Militar. A organização da Cavalaria Rural foi moldada na famosa Real Polícia Montada do Canadá e na Guarda Montada do Rio Grande do Sul.

A Cavalaria Rural fará o serviço de polícia e prestará assistência às populações das diversas regiões do Estado, sempre em colaboração com as autoridades policiais e federais. Servirá também do correio onde não houver agências postais.

## PARANÁ

### CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

**Cel. Pombo ministrou aula inaugural**

Com a presença do comando, oficiais e professores, realizou-se na Escola de Formação de Oficiais, no dia 4 de março último, a aula inaugural do corrente ano letivo, ministrada pelo entusiasmo e competência do ten. cel. Orlando Xavier Pombo.

### GINÁSIO DO C.F.A. DA POLÍCIA MILITAR

**Já possui 210 alunos**

Não há negar a fase de intensa atividade e brilhantes iniciativas em que vive a Polícia Militar, não só quanto à estruturação, visando à sua principal finalidade, como no campo social e educacional.

A criação recente do Ginásio de Formação e Aperfeiçoamento da Polícia Militar, fruto do esforço de lutadores incansáveis, é um sintoma daquela atividade. Quatro séries ginásiais, abrangendo sete turmas, nas quais estão divididos os 210 alunos matriculados, afirmam, por seu turno, a vitalidade da instituição e confirmar o acerto da sua criação.

As aulas funcionam diariamente, inclusive aos sábados, das 17 às 21 horas. Os alunos estão subordinados, em parte, ao regime da caserna e, inclusive, possuem uniforme quase idêntico ao dos cadetes paranaenses.

Avança a Polícia Militar, portanto, por mais um setor de atividades, exatamente uma daquelas que mais sadios frutos irá produzir, em face das amplas perspectivas que o campo educacional oferece.

## PERNANBUCO

### ANIVERSÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO EXPEDITO

Diversos atos sociais e da caserna assinalaram, no dia 18 de abril, o primeiro aniversário de comando do cel. Expedito Sampaio.

O cel. Sidrack de Oliveira Corrêa, chefe do gabinete, foi quem saudou inicialmente o cel. Expedito Sampaio, fazendo um histórico das atividades do atual comandante da P.M.P..

O outro orador, cap. Manuel Acácio Leite, também, como seu antecessor, disse das boas expectativas que vem oferecendo a todos os incorporados da Polícia Militar de Pernambuco, o comando do cel. Expedito Sampaio.

Falaram êles da assistência que atualmente sob a chefia do referido militar está dando a todos os seus soldados, principalmente no que toca ao problema da saúde, uma vez que, graças a êle, a Polícia de Pernambuco terá brevemente uma bem instalada maternidade.

### COMANDANTE RETORNA A FARDA VERDE-OLIVA

O cel. Expedito Sampaio, comandante da Polícia Militar, em face da sua recente promoção ao posto de coronel do Exército, voltou a usar, em junho último, por força do regulamento, o uniforme verde-oliva.

Há vários anos que o cel. Sampaio não usava a farda do EB, vez que desde major vem comandando Polícias Militares (Pará, Ceará e agora Pernambuco).

## RIO DE JANEIRO

### ELEMENTOS DA PM PARA O POLICIA-MENTO DO TRÁNSITO

Notícias veiculadas em maio último nos dão conta de que, a exemplo dos "Cosme e Damião" da Guanabara, soldados da PM fluminense passarão a policiar o trânsito. A medida, todavia, terá a sua aplicação dependendo de certas preliminares que serão submetidas à aprovação do governador Roberto Silveira.

### Inspetor de trânsito é favorável

Falando ao responsável por "Notícias das Co-irmãs", o cel. Joaquim da Costa Santos, inspetor geral de Trânsito Público do Estado do Rio, afirmou que a idéia não é nova, surgida não só em face da luta que se trava com a insuficiência de

guardas e de viaturas, como também em consequência da feliz experiência dos guarnabarininos. Conhecedor dos elementos da P.M., acha que eles se desincumbirão galhardamente da missão, caso a mesma lhes seja atribuída, o que resultará, por certo, em benefício da população fluminense.

## RIO GRANDE DO SUL

### DIA DE "TIRADENTES" NA BRIGADA MILITAR

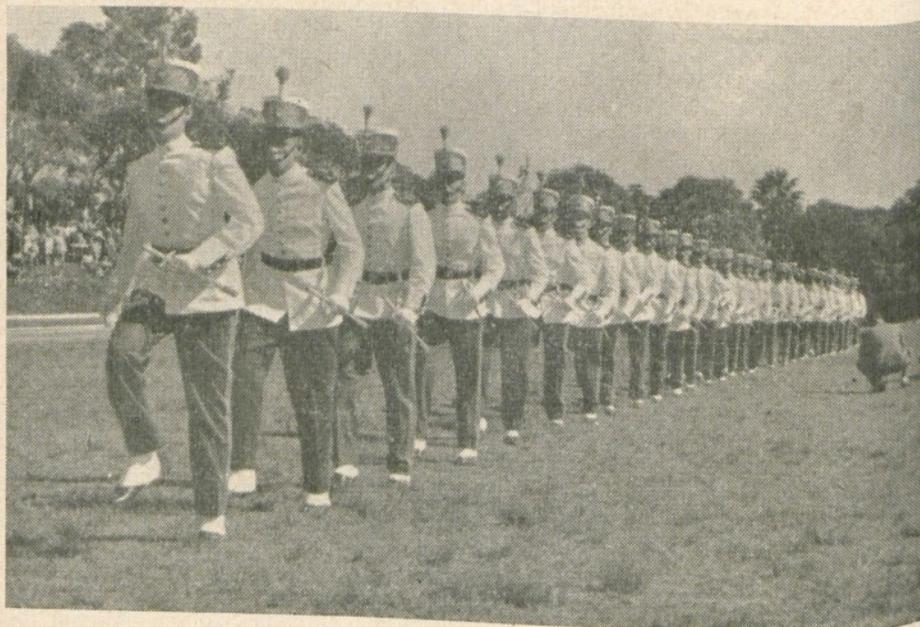
O dia de "Tiradentes" foi condignamente comemorado na Brigada Militar do R.G.S.. Na parte da manhã, como abertura dos festejos comemorativos, houve um desfile policial-militar em que tomaram parte unidades da Brigada Militar, contingente da Guarda Civil, Guarda de Trânsito e Rádio-Patrolha.

Causou surpresa ao público, o aparecimento de um esquadrão motorizado, orgânico, do Regimento Bento Gonçalves (Cavalaria). Unidade ultimamente reestruturada pelo atual governador do Estado, constituiu outro ponto alto do desfile o pelotão de batedores, com motocicletas

modelo 1960, importadas há poucos meses. Ainda na parte da manhã, realizou-se no Centro de Instrução Militar, a entrega de espadins "Tiradentes", a 25 novos cadetes que ingressaram no C.F.O., este ano.

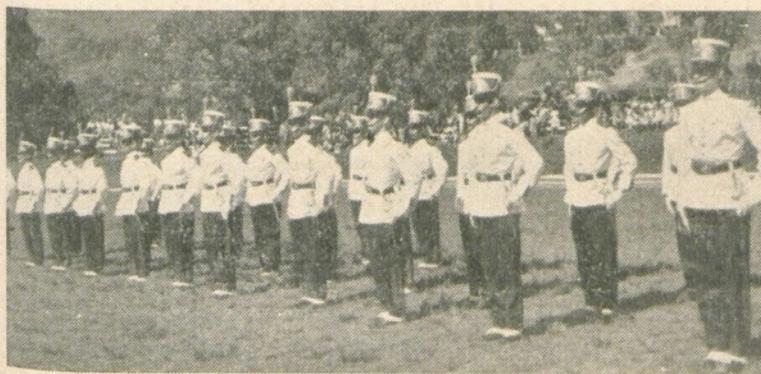
A tarde, no Ginásio Cel. Lannes, no 3.º B.C., sito na praia de Belas, um torneio de bola ao cesto, entre as equipes de oficiais da guarnição da capital. As equipes foram constituídas de unidades e serviços dentro das zonas onde estão sediadas: 1.ª Zona: (centro) Q.G., S.F., S.S.V. e C.B.; 2.ª Zona: (Praia de Belas)

### Novos cadetes de milícia



1.º e 3.º B.C., E.S.B.M. e S.I.; 3.ª Zona: (Bananeiras) R.B.G., C.I.M., S.M.B. e B.P. "Pedro e Paulo". A 2.ª e 1.ª Zonas colocaram-se em 1.º e 2.º lugar, respectivamente.

A noite, realizou-se um coquetel, no Círculo Militar de Porto Alegre, em homenagem ao patrono dos Polícias Militares do Brasil, onde foram conferidos pelo comandante geral da Brigada Militar diplomas à imprensa, e ao rádio entidades e pessoas que contribuíram para o brilhantismo dos festejos comemorativos do 122.º aniversário da Força Pública riograndense, transcorrido em 18 de novembro do ano p.p.



### EXTENSÃO DO VOTO A CABOS E SOLDADOS DA BRIGADA MILITAR

**Deputado afirma que no Estado da Guanabara eles já votam**

Na sessão de 31 de maio, na Assembléia Legislativa, o dep. Carlos Santos abordou o assunto da extensão do voto aos cabos e soldados da Brigada Militar, afirmando:

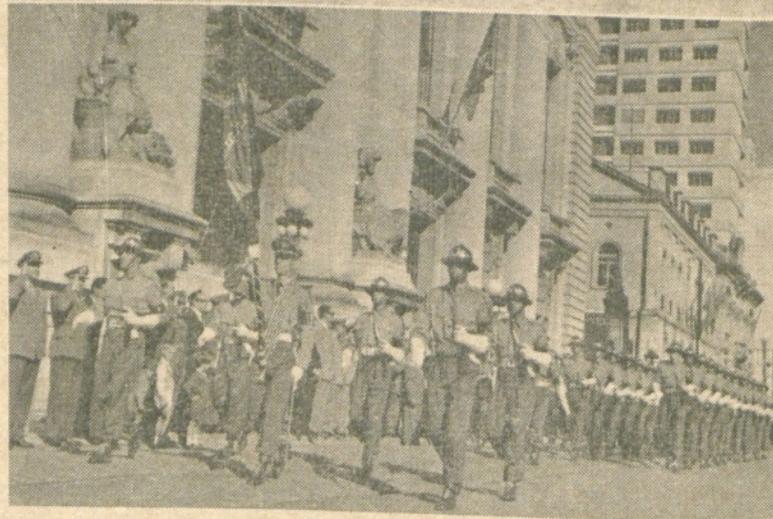
"Teve repercussão bastante, em todos os quadrantes e meios sociais do Rio Grande do Sul, a meritória campanha promovida pelos três Poderes do Estado, em favor da ampliação dos nossos quadros eleitorais, através da intensificação mais vigorosa dos serviços de arregimentação de novos votantes. "E, mais adiante: parece-me que esta Casa, co-responsável pelo êxito de tão patriótica como oportuna campanha, há de compreender a preocupação que me domina, de assegurar,

também, a êste enorme contingente eleitoral, constituído pelas praças e cabos da Brigada Militar, o exercício pleno da prerrogativa e da salvaguarda do uso legítimo do direito de voto. São, em verdade, de 8 a 9 mil cidadãos que, a meu ver, não podem ser excluídos da órbita eleitoral do Rio Grande do Sul, nem legalmente privados da soberana e honrosa participação da escolha dos quadros diretivos do país. E tanto mais entusiasmo recolho para esta assertiva, quanto mais considero tratar-se de velha e legítima aspiração da briosa família brigadiana: o direito de voto dos cabos e praças da Brigada Militar".

Traçou então um esboço histórico da milícia, passando, a seguir, a analisar a presente situação legal dos brigadianos.

"Eis que os integrantes da Brigada Militar, cabos, e soldados dessa milícia do Estado são admitidos aqui, obrigatoriamente, só depois da prestação do serviço militar com mais de 18 anos de idade, consequentemente já como eleitor, portanto fora do alcance do impedimento a que se refere o artigo 132 da Constituição Federal".

"Por outro lado se me afigura gritante a aberração que corresponde ao cerceamento do direito de voto ao eleitor regularmente qualificado, após a prestação do compromisso para com a Pátria, mesmo porque a Constituição Federal e o Código Eleitoral consagram expressamente a obrigatoriedade do voto, nesse sentido, a soldados e cabos das Forças Públicas".



Desfilaram em frente ao Palácio Piratini: pelotão de motociclistas e esquadrão moto do R.B.G. e uma cia. do B.P.

Finalmente, depois de outras considerações, concluiu:

"Trago aqui a minha desvalida contribuição para este movimento de reafirmação do espírito cívico da nossa gente, voltado para a preocupação superior de revelar ao Brasil, na plenitude da sua magnífica expressão política e em função do reconhecimento da sua indiscutível autoridade na comunhão nacional, o nosso lendário, valoroso e estremecido Rio Grande do Sul.

Rogo, pois, à V. Exa., sr. presidente, que, ouvida a douta Casa, seja dirigida ao egrégio Tribunal Regional do nosso Estado uma indagação sobre as reais possibilidades da imediata extensão aos soldados e cabos da Brigada Militar do Rio Grande do Sul das mesmas prerrogativas agora asseguradas pelo egrégio Tribunal Federal, no Estado da Guanabara, aos soldados e cabos da força militar daquela unidade da Federação".



Coquetel no Círculo Militar: 1 — gen. Décio Palmeiro Escobar 2 — cel. Moacyr Aquistajace 3 — cel. Diomário Moojem 4 — cel. Camilo de Moraes Dias 5 — cel. Brasilino Rodrigues da Silva

Torneio de Bola ao Cesto: 1 — cap. Zimar; 2 — ten. Carpes; 3 — ten. Amorim; 4 — ten. Waldo; 5 — ten. Auri; 6 — ten. Eneu; 7 — ten. Almerindo; 8 — cap. Casanova 9 — cap. Pujol.



# Fôrça Pública tem novo Comandante

O cel. Geraldo Rangel de França é o novo comandante geral da Fôrça Pública, desde 19 do corrente, quando o cel. Arrisson de Souza Ferraz lhe transmitiu o cargo, no Quartel General da milícia. O último comandante deixou o comando a pedido, por haver concluído seu tempo de serviço, transferindo-se para a reserva. Em seu lugar, o governador do Estado nomeou o coronel mais antigo da corporação.



A solenidade contou com a presença de altas autoridades civis e militares além da oficialidade disponível da Fôrça na capital. Foram dados a público os boletins especiais dos dois coronéis, os quais publicamos mais adiante.

O atual comandante geral já ocupou inúmeros cargos, entre os quais os de instrutor da Escola de Oficiais, diretor de ensino do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, onde funciona aquela escola, chefe do Serviço de Material Bélico e inspetor administrativo da corporação.

Por último, era chefe do Estado Maior, desde 7 de maio do ano em curso, data em que o cel. Evaldo Pedreschi lhe transmitiu o cargo ao ser transferido para a reserva. Naquele mesmo dia, o cel. José Rufino Freire Sobrinho assumiu as funções de inspetor administrativo, que desempenha até hoje.

## BOLETIM DO EX-COMANDANTE

«Deixo as fileiras ativas da Fôrça Pública, com transferência para a reserva, após trinta e cinco anos de serviços ao Estado. Deixo, também, o cargo de Comandante Geral da secular Corporação que me foi confiado desde o início do atual Governo, por honrosa e dignificante confiança do Excelentíssimo Senhor Professor CARLOS ALBERTO ALVES DE CARVALHO PINTO, eminente Governador do Estado, e do Excelentíssimo Senhor Dr. FRANCISCO JOSÉ DA NOVA, DD. Secretário da Segurança Pública.

A transferência para a reserva e a exoneração do cargo, solicitei-as, normalmente, no seu devido tempo, em documentos oficiais.

Ao assumir o cargo, a 3 de fevereiro de 1959, encontramos um mundo de problemas a exigir soluções imediatas. Organizamos, então, com o auxílio do Estado Maior e dos órgãos técnicos, um Plano de Trabalho com as principais necessidades da Corporação. Com êste instrumento, iniciamos a caminhada.

Contava a Fôrça Pública com 4.200 claros de soldados. Todo o interior e as Circunscrições da Capital, clamavam por aumento de efetivos. Já foram alistados 2.400 homens e a proposta orçamentária para 1961, já aprovada pelo Excelentíssimo Senhor Governador, prevê o alistamento de mais 1.000. Fica melhorado o efetivo de mais de 3.000 policiais-militares. A situação do fardamento era dolorosa. Disponha-se, para uniformes de uma Corporação de mais de 15.000 homens, de Cr\$ 31.000.000,00 (trinta e um milhões de cruzeiros). Representamos ao Governo e o resultado foi, em 1959, um refôrço de Cr\$ 30.000.000,00 (trinta milhões de cruzeiros), passando a dotação para o dôbro; em 1960, Cr\$ 85.0000.000,00 (oitenta e cinco milhões de cruzeiros); e para 1961, Cr\$ 100.000.000,00 (cem milhões de cruzeiros). A situação nesse setor ainda não está totalmente solucionada, conquanto esteja bem melhor, mas o problema agora é de ajustamento do sistema interno. Com a inclusão de um oficial para integrar a Comissão Central de Compras que vimos de conseguir, o problema torna-se mais fácil. Recursos substanciais em verbas, recebeu-os a Corporação.

Em matéria de transportes, a situação era premente. Explodiam os movimentos grevistas e tinha que se pedir viaturas emprestadas para a locomoção da tropa. O número de veículos encostados por falta de recursos para a manutenção, era assustador. Resolvemos o problema da verba, dotando o Serviço

de Transporte e Manutenção de recursos apreciáveis. Grande número de veículos foram recuperados e voltaram à circulação. Melhoramos a frota com aquisição de 10 caminhões, 12 motocicletas e 4 «jeeps». Dentro em pouco, receberemos 2 ônibus, 2 micro-ônibus e 10 peruas. O plano é bem maior e conta com verba do Plano de Ação do Governo. As quotas de combustível foram aumentadas de cerca de 70%, para melhor atendimento das necessidades do serviço.

Lutava de há muito a Companhia Independente de Bombeiros para conseguir barcos especiais para salvamento nas praias santistas. Essa reivindicação foi atendida, sendo inauguradas solenemente nove modernas lanchas de salvação. A conquista foi tão importante que o Excelentíssimo Senhor Governador deixou São Paulo e foi presidir à cerimônia inaugural. Também o Corpo de Bombeiros da Capital recebeu êste ano Cr\$ 9.200.000 00 (nove milhões e duzentos mil cruzeiros) para barcos e material de salvação, para proteção aos banhistas e excursionistas das represas e rios da cidade.

Bem acentuada era a nossa deficiência em armas curtas e granadas para instrução e emprêgo no serviço policial. Invertemos consideráveis recursos na aquisição das granadas. A Secção de Material Bélico recebeu, no ano findo, cêrca de 250 revolveres Tauros e já está com processo pronto para aquisição de 1.200 dessas armas, na fábrica, no Rio Grande do Sul. O ano de 1960 foi decisivo nêsse setôr. Não teremos mais o triste espetáculo de nos empenhar em greves com armamento inadequado.

O Regimento de Cavalaria «9 de Julho» pleiteava, há vários anos, uma verba para remonta, para trazer sangue novo à Unidade das famosas representações, e substituir velhos e desgastados animais. Recebeu Cr\$ 1.000.000.00 (um milhão de cruzeiros) e já está com pessoal pronto para fazer aquisição no Sul do País.

A Banda de Música das retretas encantadoras dos Maestros Lorena e Antão Fernandes, reclamava, por anos a fio, a substituição de parte considerável de seu instrumental, completamente desgastado, e quasi sem mais condições de uso. Já está feita a compra de Cr\$ 2.000.000.00 (dois milhões de cruzeiros) de novos instrumentos. Está, também, programada a dotação de novos uniformes de apresentação à Banda da Capital e às do interior.

Desde 1952 que o Serviço de Saúde reclamava insistentemente por um moderno aparelho de Raios X, para substituição de um antiquado que possuía, e de Eletro-encefalôgrafo para

evitar o ingresso na Corporação de elementos portadores de epilepsia que, além de se invalidarem quasi sempre sem prestar serviço, com despesas inúteis ao Estado, ainda constituíam problemas difíceis pelo seu estado físico-orgânico. Os aprehendidos foram importados pela soma apreciável de Cr\$ . . . . 10.000 000,00 (dez milhões de cruzeiros) e já se acham em nosso Hospital Militar.

O problema da casa própria, na Fôrça Pública, está a cargo da nossa Caixa Beneficente, entidade pioneira da previdência social no Brasil criada pela visão do grande soldado de Sorocaba, Coronel JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA. Mas o número de pretendentes crescera vertiginosamente e a demora para conseguir o financiamento já se tornava martirizante. Levamos o problema ao Govêrno do Estado, e dias depois um Decreto de Sua Excelência autorizava o Instituto de Previdência a financiar duzentas residências para os nossos camaradas da Milícia.

Está aprovado e em plena execução, um Plano de Obras, prevendo, inicialmente, a inversão de Cr\$ 67.500.000,00 (sessenta e sete milhões e quinhentos mil cruzeiros), para quartéis do 10.º Batalhão Policial, em Santo André, do 13.º Batalhão Policial, em Araraquara, e para as Companhias desta Capital das em Botucatu, Assis e São José do Rio Preto. Nesta Capital serão construídos um Depósito de Munição, para a Secção de Material Bélico, uma Academia de Judô, para a Escola de Educação Física, aquartelamentos para Postos de Bombeiros na Lapa, em Santana, e Tatuapé, oficinas para o Corpo de Bombeiros, nos terrenos do Glicério e dois modernos quartéis, para o Serviço de Fundos e 11.º Batalhão Policial, na Rua Ribeiro de Lima. Também, na Rua Ribeiro de Lima, serão construídas instalações para a Tipografia do Quartel General e para a Secção de Transmissões, a fim de deixar ao Serviço de Transporte e Manutenção, as dependências ocupadas por aquêles órgãos. Nesse setôr, foram conseguidas outras realizações. Terminamos e inauguramos o Pavilhão Carcerário do Presídio Militar «Romão Gomes». Foi regularizado o serviço de abastecimento de águas do 5.º Batalhão Policial, que se arrastava há vários anos. O Hospital Militar viu realizado o seu velho sonho da construção de uma sala de esterilização.

Já em fase de conclusão, fica ai um trabalho notável de Levantamento de Atribuições do pessoal da Fôrça Pública, a cargo de brilhantes técnicos do Departamento Estadual de Administração e de uma luzida Comissão de Oficiais, presidida pelo ilustre e eficiente oficial superior, Major Osvaldo Feliciano dos Santos. Não tenho dúvidas da excelência dêsse trabalho e dos

resultados que dele advirão para a Milícia de Rafael Tobias de Aguiar.

O oficial da Fôrça Pública, quando transferido para o interior do Estado, percebe, por disposição de lei, uma ajuda de custo de um mês de vencimentos, para atender às despesas de locomoção. As praças de soldado a Subtenente, era conferido, a título de abêno quilométrico, uma importância inferior a Cr\$ 200.00 (duzentos cruzeiros). Situação paradoxal e deveras dolorosa. Contra essa chocante desigualdade, nos batemos com todo o vigôr. Nossa luta acaba de ser vitoriosa, com o encaminhamento de Mensagem à Assembléia Legislativa, pelo Excelentíssimo Senhor Governador, com o projeto de lei sôbre o assunto. Dispõe a Fôrça dos recursos para as despesas no corrente ano e para 1961, constam êles da proposta orçamentária, já apresentada e aprovada.

Quando iniciamos nosso Comando, a diária de diligência das praças era de Cr\$ 120.00 (cento e vinte cruzeiros). Pleiteamos imediatamente sua equiparação com a diária do funcionalismo público. Resultado: em junho de 1959, foi ela aumentada para Cr\$ 250.00 (duzentos e cinquenta cruzeiros); em dezembro do mesmo ano, nova majoração para Cr\$ 360.00 (trezentos e sessenta cruzeiros). A diária do oficial teve aumento correspondente. Era doloroso enviar êsse miliciano dedicado, eficiente, disciplinado, para serviços fora de seu aquartelamento, com tão irrisória quantia. Hoje, não existe mais aquela situação vexatória.

Velhos ansejados reformados, em número de 60, muitos dos quais veteranos de gloriosas campanhas, e a figura saudosa e legendária do General Miguel Costa, foram esquivados nos reajustamentos de vencimentos de 1956 e 1958. Os primeiros continuaram com salário de Cr\$ 3.500.00 (três mil e quinhentos cruzeiros) mensais e o antigo Comandante da Coluna Prestes, que saiu deste Quartel para a grande viagem, com as honras e a glorificação da Milícia, recebia Cr\$ 18.000.00 (dezoito mil cruzeiros), recebia vencimentos do posto de Capitão. O problema nos impressionou profundamente. Entramos em ação, imediatamente. Já está resolvido. Receberão, no corrente mês, todos os atrasados, e estão, todos, com vencimentos equiparados.

A figura veneranda do Capitão Fréderico Stat Muller, soldado da França gloriosa e do Brasil, percebia uma pensão de Cr\$ 4.000.00 (quatro mil cruzeiros), concedida pelo Estado em 1948. Não fôra atualizada. Era imperioso reajustá-la. O ilustre Comandante do Regimento de Cavalaria «9 de Julho» fêz uma representação a respeito. Levamos o problema ao

Poder Executivo e o Excelentíssimo Senhor Governador acaba de autorizar mensagem, elevando-a para Cr\$ 10.000.00 (dez mil cruzeiros). E o que é mais importante: o grande soldado paulês passará a receber nas novas bases, a partir do corrente mês.

Nas comoções sociais que abalaram o nosso Estado, a Milícia portou-se à altura de suas melhores tradições. Entretamos, todos juntos, mais de três centenas de movimentos grevistas, com decisão e firmeza. Sem violência, sem alardes, o soldado da Fôrça Pública escreveu poemas de beleza e sacrifício, nas fábricas e oficinas, nas garages e praças, nas Docas de Santos, em Santa Fé do Sul e ao longo dos trilhos, estações e instalações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e da Santos Jundiá. Foram jornadas cruentas e memoráveis, pela tranquilidade da família paulista. Orgulho-me de tê-los comandado e de ter dirigido tropa tão extraordinária e eficiente.

Com a devida aprovação do Excelentíssimo Senhor Governador, já está pronta a Proposta Orçamentária para 1961, na importância substancial de Cr\$ 2.640.000.000,00 (dois bilhões e seiscentos e quarenta milhões de cruzeiros). As partes mais delicadas, como efetivo, fardamento, armamento policial, diárias de diligência e ajudas de custo, foram razoavelmente aquiridas.

No setôr da instrução e do ensino, traçamos diretrizes de instrução ordenadas e capazes de aplicação. Pedimos o possível e o necessário. Nada de fantasia, fora da realidade. Enviamos oficiais para aperfeiçoamento no Panamá, nos Estados Unidos e na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Reservamos o Curso de Aperfeiçoamento para oficiais superiores e capitães, com um programa de alto nível técnico-profissional.

Está, em ligeiro resumo, a obra que conseguimos levar a efeito, com o concurso de um Estado Maior de escol, chefiado pelos grandes soldados paulistas, Coroneis Evaldo Pedreschi e Geraldo Rangel de França, e pelos órgãos técnicos, entre os quais avultam as contribuições notáveis do Serviço de Fundos e da Secção de Construções e Reparos, superiormente dirigidos pelo Tenente Coronel Antonio Gomes da Silva e Capitão Antonio Vieira Filho. Este relato pode ter sido exaustivo, mas era necessário. Devia-o, numa homenagem a colaboradores dedicados que nos ajudaram, e numa satisfação a camaradas distintos Oficiais, Subtenentes, Sargentos, Cabos e Soldados — que confiaram em nós e nos estimularam com o seu incentivo e sua conduta disciplinada.

Algumas marcas ficarão balisando o nosso roteiro e o nosso trabalho. Serão perceptíveis, facilmente. Mas, só foi possível construir, porque tivemos o decidido apoio e a confiança irrestrita do eminente Governador Carvalho Pinto e do Ilustrado Secretário de Estado, Francisco José da Nova. Agradeço a tão comovedora distinção dêsses ilustres homens públicos de nossa terra. Servir a São Paulo, sob a direção de tão notáveis figuras, é alta dignidade que muito me desvanece.

Posso voltar, agora, à quietude de meu lar. Lar cristão, onde sempre encontrei inspiração e alento para bem servir à Milícia. Deixo este palácio, de consciência tranquila. Deixo-o feliz. Sinto enlêvo ao contemplar o caminho percorrido. Os obstáculos, as incompreensões, as fraquezas humanas, esquecia-os logo após. Os triunfos, as clarinadas, os momentos radiosos — e êstes foram a constante de minha vida de soldado — não os esquecerei nunca. Sei que terei sempre um lugar especial no afeto e na estima dos homens de bem desta Corporação.

Comecei, adolescente, modesto soldado, e terminei Coronel Comandante Geral, com os cabelos prateados. Olho para o alto e rendo graças a Deus, em cuja crença nasci e quero morrer, por ter sido tão generoso para com o seu servo. Contemplo, de outro lado, os meus comandantes e os meus instrutores que orientaram o adolescente nos seus passos iniciais com disciplina, nobreza e dignidade. Dirijo-lhes, nesta hora, o meu melhor pensamento.

A figura veneranda de meu saudoso pai, com aquelas idéias mestras de austeridade, de lealdade, de honradez, de humildade, de temor de Deus, de fortaleza na adversidade, idéias que encontraram clima para maior desenvolvimento no ambiente salutar da Fôrça Pública, aflora à minha imaginação, nesta hora, com carinhoso afeto. Digo-lhe, neste momento, a êle que me cuve da eternidade, que tudo fiz para honrar os meus ancestrais, os rijos troncos dos Souza Ferraz, aquêles varões que Ulisses Lins de Albuquerque e Alvaro Ferraz descreveram como desbravadores do sertão e plantadores de cidades.

Entrego o bastão de Comando ao Exmo. Sr. Coronel Gemais altas investiduras da Corporação. É um veterano batalhador, portador de brilhante fôlha de serviço, ao Estado, com tôdas as qualidades para uma administração profícua e operosa. Conheço a sua dedicação sem limites à Milícia de Pedro Dias de Campos. Que Deus ajude e inspire o novo Comandante Geral da Fôrça Pública.

Fôrça Pública centenária e gloriosa, valente na guerra, generosa na paz, grande no sacrifício, garbosa nas apresenta-

ções, nas tuas fileiras completei a minha formação e aprendi o encanto de servir. Cantei as tuas jornadas heróicas, fazendo-me cronista por amôr ao teu passado fascinante. Sei que não mudarás de itinerário, que continuarás disciplinada, garrida, sentinela da ordem, atalaia indormida da tranquilidade da terra e da gente de Piratininga. Hoje, pela manhã, em dois atos simbólicos, despedi-me dessa Milícia secular, abraçando as paredes dos seus quartéis e beijando a terra dos seus campos de instrução. Deixo em ti um pedaço de mim mesmo. Levo-te intangível no meu coração.

**Arrisson de Souza Ferraz**

Coronel Comandante Geral

## BOLETIM DO NOVO COMANDANTE

Altamente honrado pelo convite e confiança do Exm<sup>o</sup>. Sr. Prof. CARLOS ALBERTO ALVES DE CARVALHO PINTO, digníssimo Governador do Estado, acabo de assumir o Comando desta Centenária Fôrça Pública de São Paulo. Convosco estive desde os idos de 1928, quando ingressei nesta briosa e honrada Corporação; convosco acompanhei sua trajetória que culminou com a arrancada épica de 1932; convosco busquei na obra de Taunay, a epopéia da Retirada de Laguna; convosco senti na alma a caminhada áspera das caatingas de Canudos; ainda convosco, desdobrando as páginas do passado, pudemos sentir a Fôrça Pública de São Paulo lutando sem medir sacrifícios, em favôr da lei e da Unidade Nacional, tôdas as vezes que a ela recorreu o Govêrno do Estado ou da União.

Esta Fôrça Pública foi, é, e será a guardiã da ordem, da disciplina e das instituições públicas e particulares deste grande Estado.

Ao assumir o Comando da Milícia de Rafael Tobias de Aguiar, bem sinto a responsabilidade que me vai pesar sôbre os ombros, no entanto isso nada representará, se puder contar com o apôio e a compreensão dos meus camaradas. Assim sendo, poderemos fazer um comando proveitoso e fecundo em benefício da Corporação e do Estado.

A disciplina é o apanágio de uma tropa armada, sem ela, nada conseguiremos. Todos os nossos esforços se deluirão ou cairão no vazio. Assim, não nos fazemos úteis ao Govêrno e à Sociedade.

Vamos juntos, ombro a ombro, lutar por uma Fôrça Pública ordeira, empenhada de corpo e alma no policiamento e nas inúmeras funções ou missões que nos estão afetas. Sei que a Fôrça Pública, no passado ou no presente, nunca faltou; quando nas horas difíceis foi chamada, sempre respondeu presente.

A arte de comandar é difícil e complexa. Ela se equaciona, quando duas vontades se manifestam: Uma ascendente, de cooperação partida dos escalões inferiores para o Comando; outra, de apóio, prestígio e justiça, dêste para aquêles. É o que espero e pretendo executar.

Folhando um livro de ilustre Mestre Militar, pude separar alguns conceitos que servem de orientação a qualquer Comando. Ei-los:

- 1.º — Uso mais a ação e a execução do que o discurso;
- 2.º — Rompo a rotina, quando o raciocínio e o progresso assim o aconselham;
- 3.º — Sou franco e leal e, neste ponto, exijo retribuição dos meus subordinados.
- 4.º — Sou tolerante e benevolente com os bons e com os inexperientes;
- 5.º — Ser ser enérgico e inflexível com os máus;
- 6.º — Sou acessível a tôdos e sei ouvir os descontentes;
- 7.º — Gosto mais de recompensar do que de punir;
- 8.º — Detesto a bajulação e não aceito o anonimato;
- 9.º — Aceito com prazer a sugestão dos bem intencionados;
- 10.º — Recomendo a meus camaradas que quando tiverem de reclamar seus direitos, verifiquem antes, conscienciosamente, se já cumpriram seus deveres;

Com os ensinamentos acima, oriundos da profunda experiência de um ilustrado Chefe Militar, pretendo Comandar a Fôrça Pública no tangente à cooperação reciproca de Comando e comandados.

A minha passagem pelo Comando da Fôrça Pública será curta, pois no próximo mês de Dezembro, sou atingido pela compulsória de tempo de serviço. Entretanto, espero, nestes poucos meses, prestar algum serviço ao Estado, à Fôrça Pública e aos meus camaradas.

Não posso deixar de ressaltar aqui, o Comando proficuo e leal ao Govêrno do Estado, do Exmo. Sr. Coronel Arrisson de Souza Ferraz, que muito fez pela nossa Fôrça Pública.

No seu Comando, foi conseguido verba para a construção de quartéis, que já se encontram em andamento. Essa verba

ultrapassa a casa dos 67 milhões de cruzeiros; a verba para fardamento, de pouco mais de 30 milhões de cruzeiros, foi aumentada para mais de 100 milhões; a diária de diligência das praças que era de 120 cruzeiros, foi aumentada para 360 cruzeiros; conseguiu recentemente que o Governo do Estado enviasse à Assembléia Legislativa, uma mensagem propondo ajuda de custo (abono de transferência) às praças da Corporação, abono esse que conforme o caso, a praça chega a receber quase um vencimento.

Nos orçamentos anteriores, vinha sempre consignado o aumento de 4.000 homens no efetivo da Fôrça, o que nunca se concretizava por falta de verba. O Exmo. Sr. Coronel Arrison de Souza Ferraz, conseguiu do Governo, verba necessária, para o aumento de 1.000 homens, por ano, já tendo alistado até o momento 2.000 homens tendo já conseguido verba para o alistamento de mais 1.000 homens para o ano de 1.961. Muitas outras conquistas foram conseguidas, porém as já enumeradas, bastam para dar uma idéia do que foi feito por êsse illustre camarada.

Ao terminar êste meu Boletim, quero deixar consignado, que procurarei comandar, sem grupos ou apadrinhados, sem odios ou perseguições.

Não tenho inimigos. A todos, tratarei com urbanidade, cavalheirismo e compreensão.

Procurarei assistir aos oficiais, subtenentes, sargentos e praças em tudo aquilo que estiver a meu alcance; não pouparei esforços nêsse sentido.

Estou pronto a aceitar e solucionar qualquer reclamação, desde que seja justa e exequível.

Com uma saudação a todos os componentes da Fôrça Pública, encerro esta assunção de Comando, fazendo votos de progresso a Corporação da qual fazemos parte, como um todo indestrutível, no desejo de servir o Estado e a Pátria.

**Geraldo Rangel de França**

Coronel Comandante Geral

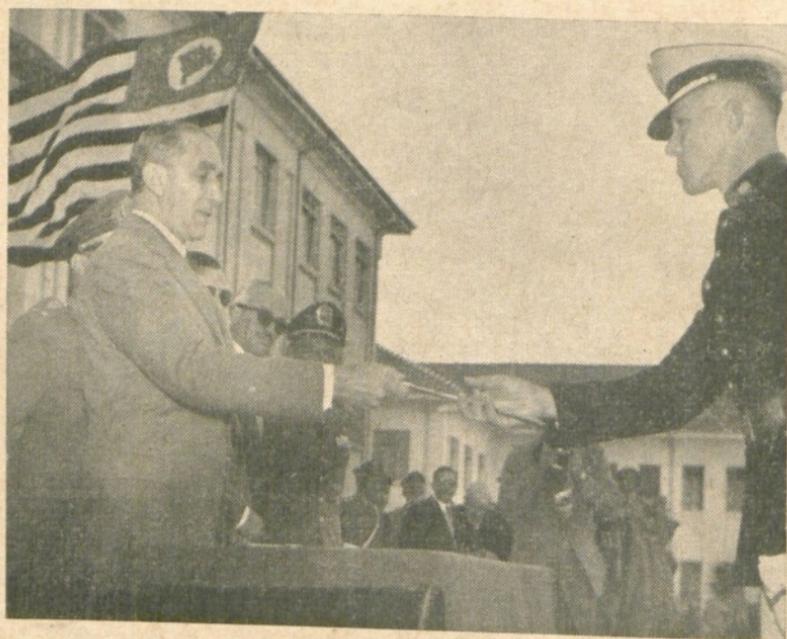
#### CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.

Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

**Na festa do espadim**

## **Fala o governador aos futuros oficiais**



O governador Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto saudou os novos alunos do Curso de Formação de Oficiais. Sua Excia. manifestou mais uma vez a confiança depositada pelo governo do Estado na milícia do brigadeiro Tobias de Aguiar.

Foi o seguinte o discurso proferido pelo governador Carvalho Pinto, na oportunidade da entrega de espadas aos novos alunos-oficiais do Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Força Pública, solenidade por ele presidida na manhã de 24 de maio do corrente ano:

«Sejam minhas primeiras palavras de congratulações com a luzida turma que hoje recebe suas espadas, apresentando-se para haurir os conhecimentos especializados nesse modelar Curso do Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Fôrça Pública do Estado.

Permitam-me, meus jovens cadetes, desejar-lhes felicidades na carreira abraçada, para a qual dirigem agora os seus primeiros passos. Não o faço pela simples obediência a uma praxe protocolar, mas fundamentalmente, com a consciência das responsabilidades de meu cargo, por ser o de governador do Estado e também o de comandante em chefe da gloriosa corporação de Tobias de Aguiar».

Esse título, sumamente honroso, se confunde com os deveres do chefe do Executivo, de assegurar a todos os seus governados — e são perto de 13 milhões de almas — a ordem e a tranquilidade indispensáveis ao trabalho construtivo. Cabe à Fôrça Pública grande parcela dessa tarefa e, para executá-la a contento, o caminho já está balizado pelas suas tradições de quase 130 anos. E o

caminho da disciplina, do cumprimento do dever, do amor a uma instituição que, fundada sobre o princípio da hierarquia, o difunde na sociedade de que é um dos seus sustentáculos. Sim, porque a segurança das instituições, a defesa da ordem e do patrimônio públicos, dependem dessa mesma hierarquia, traduzida no acatamento aos poderes constituídos, no respeito à lei, na garantia dos direitos dos cidadãos.

E especialmente neste instante em que o país se encontra entregue aos embates naturais de uma grande campanha política, a Fôrça Pública unida, coesa, devotada aos seus deveres, é uma garantia para São Paulo e para o regime democrático que defendemos em 32, e que já antes, neste glorioso dia 24 de maio, as armas brasileiras haviam sagrado nos campos legendários do Tatuí, na luta contra a tirania.

«É sob a inspiração desses pensamentos que saúdo mais um grupo de jovens cadetes da Fôrça Pública, aos quais o governador do Estado traz a sua palavra da simpatia, de estímulo e de integral confiança».

## CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

Por correspondência

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de taquigrafia por correspondência do Instituto Brasileiro de Taquigrafia, órgão fundado em 1944 e reconhecido de utilidade pública. O curso compõe-se de apenas 12 lições, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em Exame Final, também por correspondência. Os interessados deverão escrever dando nome e endereços para a caixa postal 8934, São Paulo.

## NOSSOS CORRESPONDENTES

- CHILE** (Cuerpo de Carabineros): Prefeitura General, Valparaiso — cap. Franklin Troncoso Bachler; IV Zona de Carabineros, Concepción — cap. Moisés Suty Castro; San Bernardo — cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.
- ACRE** (Guarda Territorial): Q.G., Rio Branco — sgt. José da Costa Torres
- ALAGOAS** (Polícia Militar): Q.G., Maceló — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho; Destacamento Policial, São Braz — sgt. José Pereira da Silva.
- AMAPA** (Guarda Territorial): Sede, Macapá — ten. Uladih Charone.
- AMAZONAS** (Polícia Militar): Q.G., Manaus — major José Silva.
- BAHIA** (Polícia Militar): Palácio da Aclamação — major Edson Franklin de Queirós; 2.º B.C., Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda; 3.º B.C., Jurezeiro — cap. Salatiel Pereira de Queirós, Corpo Municipal de Bombeiros, Salvador — cap. Alvaro Albano de Oliveira.
- CEARA** (Polícia Militar): B.I., Fortaleza — major José Delídio Pereira.
- GOIAS** (Polícia Militar): cap. Hozanah de Araujo Almeida.
- GUANABARA** (Polícia Militar): Q.G., cap. Luiz Alberto de Souza, R.C. — ten. Hernani Alves de Brito; 6.º B.I. — ten. Ênio Nascimento dos Reis, C.B. — ten. Fernando Machado.
- ESPÍRITO SANTO** (Polícia Militar): Q.G., Vitória — ten. João N. dos Reis
- MARANHAO** (Polícia Militar): Q.G., São Luiz — cap. Euripedes B. Bezerra.
- MATO GROSSO** (Polícia Militar): Comando Geral e 1.º B.C., Cuiabá ten. Pernambuco da Costa Leite Filho, 2.º B.C., Campo Grande — ten. Edgard A. de Figueiredo; 2.ª Cia. do 2.º B.C., Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro.
- PARÁ** (Polícia Militar): Q.G., Belém — major dr. Valter da Silva.
- PARAÍBA** (Polícia Militar): Q.G., João Pessoa — ten. Luís Ferreira de Barros.

- PARANA (Polícia Militar): Q.G., Curitiba — ten. Antônio Antonello
- PERNAMBUCO (Polícia Militar): Quartel do Derby, Recife — major Olinto de Souza Ferraz.
- PJAUÍ (Polícia Militar): Q.G., Teresina — ten. Raimundo Camelo de Vasconcelos.
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar): Q.G., Niterói — cap. Ademar Guilherme.
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar): Q.G., Natal — ten. José G. Amorim.
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar): Q.G., Porto Alegre — ten. João Aldo Danesi; 2.º R.C., Livramento — cap. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Polícia Militar): Q.G., Florianópolis — ten. José Fernandes; 3.ª Cia. Isolada, Canoinhas — ten. Edgard C. Pereira.
- SÃO PAULO (Força Pública): Q.G. — ten. José Fernandes; R.C. — tens José Luis M Prado e Carlos Aderbal Lorenz; C.B. — ten. Luis Augusto Savioli e ten. Joel Avoietta; 1.º B.C., Araraquara — ten. Waldomiro Christiano; 10.º B.P. — ten. João de Oliveira Leite; 3.º B.P., Ribeirão Preto — tens. Wagner Paulo Menezello; Clovis Carvalho Azevedo (1.ª Cia — Barretos) e Plínio Vaz (2.ª Cia. — Casa Branca); 4.º B.P., Bauru — ten. Paulo Rodrigues (2.ª Cia. — Araçatuba) 5.º B.P. Taubaté — ten. Emerio Benedito Monteiro; 6.º B.P., Santos — cap. Gilberto Tuiuti Vilanova; 7.º B.P., Sorocaba — ten. Antônio Carlos Martins Fernandes; 8.º B.P., Campinas — ten. Evandro Martins (Piracicaba) e ten. Ivo de Camargo Varbas; 1.º B.P. — cap. Ari José Mercadante; 9.º B.P. — ten. Francisco Rodrigues; S.I. ten. Alvaro Pielusch Altmann; S. Subs. — ten. Pedro Barros de Moura; E.E.F. — cap. Francisco Antônio Bianco Jr; S.T.M. — ten. José Varela; S.S. — ten. João Cardoso; C.M. — Subten. José Romeu, S.F. — ten. Jonas Simões Machado; 1.ª C.I.B., Santos — cap. Paulo Marques Pereira; C.P.R. — ten. Flávio Capeletti; C.P.F. — ten. Mário Rodrigues Montemor.
- SERGIPE (Polícia Militar): Q.G., Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão.

# RECREAÇÃO

## Logogrifo em versos

### A um pensador

(Homenagem de Édipo ao cel. Anchieta)

Amigo que meditas o infinito, 5 — 8 — 2 — 6 — 3 — 6 — 11  
Em busca dos enigmas do passado,  
Que auferes nas asas de um mosquito, 11 — 4 — 7 — 1 — 11  
Um mundo de beleza extruturado.

As verdades que persegues nas alturas, 4 — 7 — 10 — 11 — 11 — 1 — 11  
Ou nas profundezas imaginas,  
São para muitos simples conjecturas,  
A consumir-te a vida sem propinas.

Sem bisturi, foguete ou telescópio,  
Fês tido como amante de falacias, 1 — 9 — 10 — 3 — 4 — 5 — 10 — 3  
Pois vives pela luz, qual helitrópio.

E, nós que conhecemos tuas audácias,  
Só temos para dar-te de mais próprio 9 — 6 — 5 — 8 — 7 — 4 — 3  
A frase mais bonita: "muchas gracias"





## EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

Direção do capitão

Françisco A. Bianco Junior

*Este ano, completou a Escola de Educação Física da Fôrça Pública meio século de existência. Extenso programa de comemorações foi cumprido. São Paulo e o Brasil aplaudiram o estabelecimento e nossos milicianos exultaram.*

*Os festejos desenvolveram-se em março do corrente ano. Inúmeras provas e demonstrações foram levadas a efeito. Instituições congêneres, entidades esportivas, sociedades diversas, demonstraram o maior interesse pelo evento. As personalidades que mais se destacaram em benefício da cultura física foram agraciadas com medalha comemorativa, instituída oficialmente. E a imprensa paulista deu ampla cobertura das realizações.*

*Neste apêndice, MILITIA apresenta o histórico da Escola e noticiário completo das comemorações, além de informações por-memorizadas sôbre o estabelecimento cinquentenário.*

*Assim, vem nossa revista associar-se às comemorações, cumprimentando os camaradas da Escola já tradicional, surgida na época da primeira Missão Francesa, vinda ao Brasil por iniciativa de Jorge Tibiriçá.*

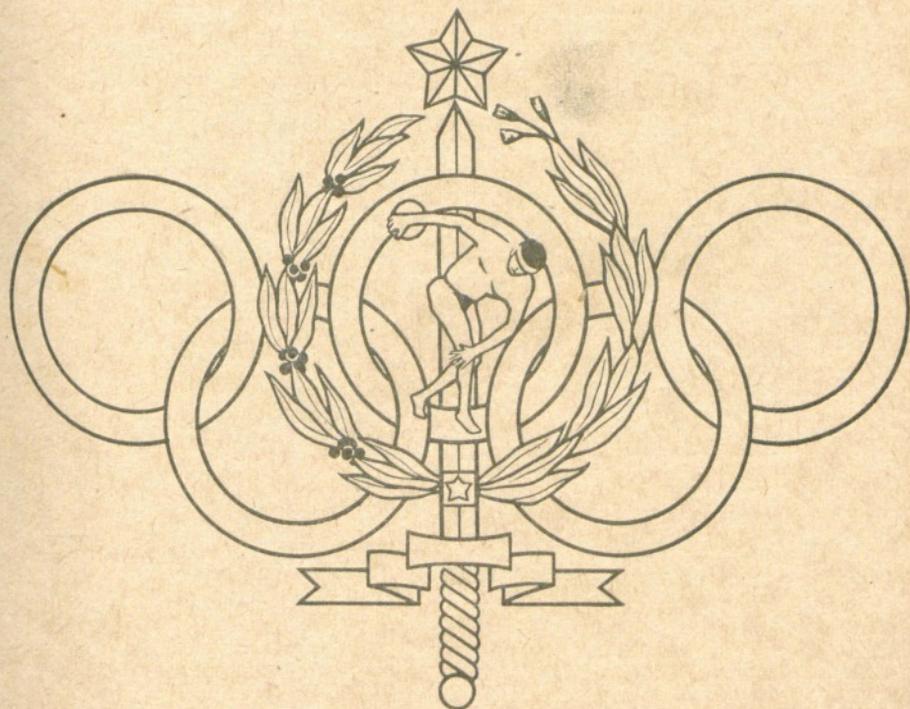
### APÊNDICE DE « MILITIA »

FÓRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

**1 910 — 1 960**

**9 de março**

**Cinquentenário da Escola  
de Educação Física**



Cap. Francisco A. Bianco Jr.

Ten. W. J. de Mattos



Milicianos montam guarda de honra.  
Foi descerrada a placa comemorativa, com  
dizeres alusivos à efeméride.

# NOSSO JUBILEU DE OURO

A 9 de março comemorou-se a data da fundação da nossa Escola de Educação Física. Acalentávamos um sonho: o de reviver em algumas desprezíveis páginas a história da nossa Unidade. Tínhamos esperança e aguardamos com paciência os anos passarem. Curvamo-nos ao tempo que nos envelheceu um pouco mais. É que algo que se escrevesse anteriormente, como nós e outros já o tínhamos feito, não teria a transcendência daquele momento, quando com vida vimos desfilar por nossas retinas, para perpétua memória, um cinquentenário — o CINQUENTENÁRIO DA NOSSA ESCOLA! Por ele vínhamos trabalhando há meses, na formulação dos melhores propósitos, objetivando colocá-la no plano do seu merecimento pelos inestimáveis serviços prestados à Força Pública, a São Paulo e ao Brasil.

Nasceu pequena sob o comando gaulês que até o início do presente século manteve seguras sua pedagogia e disciplina. Entregaram-nos os bravos representantes franceses uma escola modesta, porém repleta de grandes iniciativas e ótimos conhecimentos técnicos no campo da atividade física. Assumimos com honra e procuramos conservar com orgulho o acervo que nos foi legado. A viagem do progresso também penetrou em nossa casa e, com um pugilo de bravos que aqui passou, acompanhamos bem de perto as doutrinas modernas. Assim sempre o fizemos. Procuramos por nossos brilhantes camaradas tomar ciência do que se fez no campo de educação física e dos desportos, não só em cursos e seminários paulistas e nacionais, mas também em conclaves internacionais, onde extedemos o nosso prestígio.

A velha França nos é cara pelos serviços relevantes que emprestou à nossa corporação; a nossa escola é também seu fruto, um dos mais opimos. De Balagny, Balancier, Lemaitre, Delbor e outros seus dignos companheiros, herdamos toda uma organização que, sem dúvida, vem sendo modificada pelo avanço da técnica, em que nos empenhamos a fundo.

Pedro Dias de Campos nos deu o pioneirismo da educação física e, principalmente, do seu desporto favorito — a esgrima. A esgrima é, indiscutivelmente, a nossa maior glória. Tomando parte em torneios diversos, e espalhando mestres de armas por todo São Paulo e fora de suas fronteiras, vem perpetuando o honroso nome do insigne mestre a quem tanto devemos.

Do "Curso de Esgrima e Ginástica" de 1910 à "Escola de Educação Física" de 1960 há um espaço de 50 anos, cinquenta anos profícuos em benefício do homem da Força Pública e — por que não dizer? — do homem nacional. A nossa folha de serviços é imensa, sempre pontilhada de passagens gloriosas nos diversos setores desportivos onde temos penetrado. Guardamos ainda hoje, com se tão atuais fossem, as indelévels tradições da escola francesa e apresentamo-las sempre que solicitados temos sido.

Estas cinco décadas passadas espelham a vida brilhante de uma escola que honrou a Força Pública. Como uma de suas unidades soube até hoje cumprir bem o seu dever, constituindo-se sempre numa bandeira de glória e num exemplo de amor às instituições.

Nosso jubileu de ouro!

Conquanto talvez não possamos festejar o nosso centenário, restam-nos a esperança de, até o nosso horizonte, acompanhar o seu progresso, sentindo-o cada vez maior.

Cinquenta anos de lutas. Ao comemorarmos o nosso quinquagésimo aniversário, ao rememorarmos todo esse acervo de serviços e glórias em benefício da fisicultura, todos os que por aqui passaram, vivos ou mortos, velhos ou moços, devem sentir-se orgulhosos de sua escola, como se sente ela de todos os seus componentes, antigos e modernos, mestres e alunos, porque ela e eles se fundiram num só cadinho, na luta pelo aprimoramento físico de nossa gente.

Salve o nosso jubileu de ouro!

# ANTECEDENTES

# HISTORICOS

A primeira manifestação de educação física na Fôrça Pública surgiu nos albores do século atual, por meio de uma iniciativa particular do então tenente Pedro Dias de Campos, que fundou, no quartel da Luz (atual do 1.º B.P.), em 14 de julho de 1902, uma Escola de Esgrima, com curso de florete, espada e sabre.

Esse estabelecimento funcionou por espaço de quase um lustro, diplomando vários elementos, oficiais e inferiores, em diversas turmas. Entre os oficiais diplomados na primeira turma, encontramos os nomes dos capitães Alexandre Gama, Domingos Quirino Ferreira, tenente Francisco Júlio Cesar, alferes João Severino da Costa, Luís Gonçalves, Patrício Batista da Luz, José de Lima e Manuel Esteves Ganoeda. Entre os inferiores, também da primeira turma, destacam-se os nomes dos argentos Domingos Tertuliano de Oliveida, João Cândido da Rosa, José Spindola de Magalhães e David Alves Ferreira.

A Escola encerrou as suas atividades, no ano de 1906 com a chegada a São Paulo da Missão Militar Francesa, chefiada pelo cel. Paul Balagny, contratada pelo governo do Estado, a cuja testa se encontrava o ilustre bandeirante JORGE TIBIRICA, para instruir e reorganizar a Fôrça Pública (do livro "Fragmentos da História da Tropa de Piratininga" — Estab. Gráfico Cruzeiro do Sul, São Paulo — e de "O Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, de 18-XI-1936 — "Fragmentos", edição 1942).

A Escola de Esgrima, de 14 de Julho de 1902, teve a sua sede no quartel do atual 1.º B.P., à avenida Tiradentes, 440, na sala térrea do pavilhão esquerdo.

Enquanto funcionou, a Escola de Esgrima teve como comandante e diretor ainda o ten. Pedro Dias de Campos.

No ano de 1907, por proposta da Missão Militar Francesa, funda-se "para a Fôrça Pública do Estado de São Paulo, uma Sala de Armas". (A Organização da Educação Física no Brasil, professor Inezil Penna Marinho, técnico da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde — Tip. Batista de Sousa, Rio de Janeiro, 1941).

A Sala de Armas, fundada pela Missão Militar Francesa, funcionou no quartel da Luz, dependências subterrâneas do pavilhão da direita, hoje almoxarifado da E.E.F.. Comandou e dirigiu a Sala de Armas de 1907, a própria Missão Militar Francesa, pelos seus elementos.



Cel. Pedro Dias de Campos

(um dos precursores da Educação Física no Brasil)

## A ESCOLA COMO PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO OFICIAL

Com as características de uma escola, a primeira organização oficial da Força Pública foi o Curso de Esgrima e Ginástica, fundado no ano de 1910. (ordens do dia n.ºs 49 e 52, de março de 1910, do comando geral e do 1.º Btl.

### DETERMINANTES E ORIGENS DA FUNDAÇÃO

O comandante geral da Força Pública, com officio n.º 330 de 14-II-1910, em longa exposição de motivos, propõe ao secretário da Segurança Pública, Washington Luís Pereira de Sousa, a criação de um Curso de Esgrima e Ginástica, para instruir os oficiais da corporação. Deferiu a solicitação do comandante geral cel. Antônio Batista da Luz, aquele titular, com o aviso n.º 185 — 3.ª Sessão, 2.ª diretoria, da Secretaria da Justiça e Segurança Pública, de 3 de março de 1910 — transcrito nas ordens do dia do Comando geral, do 1.º Btl., acima citadas, cujo teor é o seguinte:

“Declaro-vos em referência ao officio n.º 330, de 14 do mês findo, que fica criado um Curso de Esgrima e Ginástica, destinado aos oficiais da Força Pública, devendo ser tomadas as providências para instalação dos respectivos aparelhos, em sala adrede preparada”.

### ORGANIZAÇÃO INICIAL

O Curso de Esgrima e Ginástica, criado oficialmente a 9 de março de 1910, teve, de início, a seguinte organização:

— comandante e diretor — cap. Delfim Balancier, da Missão Militar Francesa;  
— instrutores de esgrima — 3 sargentos da Força Pública, recrutados entre os diplomados pelas Escolas anteriores;

— instrutores de ginástica — 2 sargentos e um cabo, recrutados entre os elementos dos corpos, com aptidões especiais.

(Do relatório do comando geral de 1911)

Funcionou esse curso nas mesmas dependências ocupadas pela sala de 1907, ou sejam as partes subterrâneas do pavilhão da direita do quartel da Luz.

Desde logo, foram confeccionadas as instalações para a prática de Ginástica, sendo edificado um grande pórtico e outro pequeno, e construídas algumas caixas para saltos. Foi também adquirida maior quantidade de material necessário a parte de esgrima (Do relatório de 1910, do comando geral).

### AMPLIANDO AS ATIVIDADES DA ESCOLA

O curso de Esgrima e Ginástica, em 5 de setembro de 1910 passou a ser extensivo aos inferiores, cabos e soldados (Do Relatório de 1910, do comando geral).

### AUMENTO DE EFETIVO

Para o ano de 1911, o Curso de Esgrima e Ginástica foi aumentado, no seu efetivo, passando a dispôr, além do seu comandante e diretor cap. Delfim Balancier, dos seguintes instrutores:

#### Secção de Esgrima

- 1 1.º mestre de armas (sargento ajudante)
- 2 mestres de armas (1.ºs sargentos)
- 2 mestres adjuntos (2.ºs sargentos)
- 4 monitores de esgrima (cabos)

#### Secção de ginástica

- 1 mestre de ginástica (sargento ajudante)
- 2 mestres adjuntos de ginástica (2.º sargentos)
- 6 monitores de ginástica (cabos)

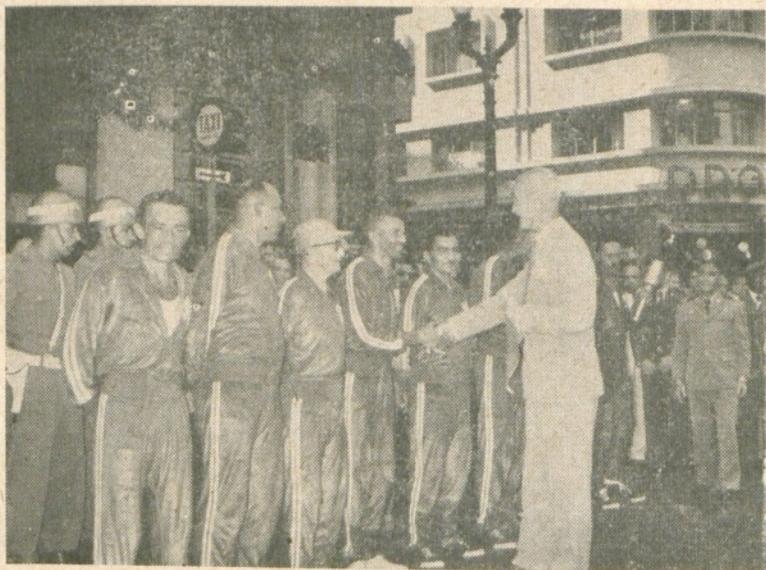
(Do relatório de 1911, do comando geral).

As obras iniciadas na secção de ginástica foram ultimadas, contando a secção com pórticos, paralelas, barras, trapézios, argolas cordas, varas caixões de areia etc... A Sala de Esgrima dispõe, nessa ocasião, de todo o material necessário à prática de esgrima. (Do relatório de 1911, do comando geral).

## INÍCIO DOS FESTEJOS

# Fogo simbólico

## aceso no local da independência



**O** FOGO SIMBÓLICO aceso junto ao monumento do Ipiranga e conduzido à Escola foi o marco inicial das comemorações. Uma equipe de atletas da Fôrça, incluindo ve-

teranos campeões de inúmeras provas de pedestrianismo, conduziu o facto, uma corrida de revezamento, na manhã de 8 de março.

### PRIMEIRO REGULAMENTO DE ESGRIMA

A 3 de novembro de 1911, é editado um «Tratado de Esgrima», para uso do Curso de Esgrima da Fôrça, com uma introdução e quatro partes: a) — Primeira Parte — Bases da instrução; b) — Segunda Parte — Esgrima de Florete; c) — Terceira Parte — Esgrima de Espada; d) — Quarta Parte — Esgrima de Sabre. O «Tratado de Esgrima» foi organizado sob a direção do cel. PAUL BALANGY, chefe da Missão Francesa instrutora da Fôrça Pública, pelo mestre de armas, Delfim Balancier, diplomado pela Escola de JOINVILLE-LE-PONT, França, de acôrdo com os mesmos princípios adotados pela dita Escola. (Relatório do comando geral, de 1911 e «Tratado de Esgrima», São Paulo, 1911).

## ALVORADA SOLENE

A colina histórica ouviu ao amanhecer, os notas do toque de alvoraca no momento solene em que era aceso o facho. Na presença de autoridades civis e militares e representantes do mundo esportivo, nossos atletas se perfilaram. Após o ato, o fogo simbólico ganhou as ruas da metrópole, em direção à Escola, entre os aplausos do público.

De passagem pelo parque do Ibirapuera, os atletas receberam uma homenagem dirigida ao estabelecimento que comemorava seu jubileu de ouro. A homenagem foi prestada pelo corpo docente e pelo corpo discente da Escola Superior de Educação Física do Estado, que lá estavam à espera de nossos companheiros.

Outro ponto de percurso em que parou o fogo simbólico foi a av. Casper Libero, para homenagear a imprensa especializada, ali representada pela «Gazeta Esportiva». Os diretores daquele órgão agradeceram comovidos e a homenagem foi recíproca.

Por fim, terminou a maratona, no estádio de nossa Escola de Educação Física, onde o então comandante geral da Força, cel. Arrissôñ de Souza Ferraz acendeu a pira simbólica, ante milicianos formados em continência.

## OS ATLETAS

Para conduzir o facho, foram selecionados os elementos mais representativos do esporte, nomes conhecidos além das fronteiras do Estado e mesmo do Brasil detentores de inúmeras medalhas. São corredores que enfrentaram campeões do mundo em igualdade de condições.

Os campeões que empunharam o facho foram: Luís Bento Ramos, Luís Gonzaga Rodrigues, Laudionor da Silva, Manuel de Andrade Lima, Floriano Cordeiro, Joaquim Gonçalves da Silva, Paulo Sebastião e Lino Rosa Gaia.

## COMPETIÇÕES

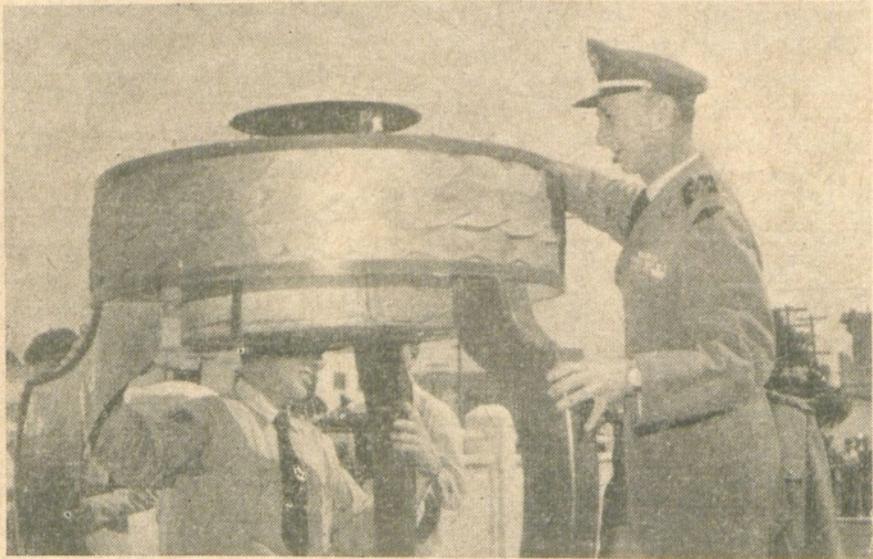
### 5.000 metros

76 atletas disputaram, a seguir, a prova «Cap. Delfim Balancier» — 5.000 metros na pista da Escola. Par.

---

Conforme portaria n.º 413, da Secretaria da Justiça e Segurança Pública, publicada em ordem do dia n.º 22, de 26.I-1911, do 1.º Btl., foi estabelecido o seguinte uniforme para o pessoal da Seção de Esgrima: quépi, calças e túnica, como os de infantaria; a túnica, porém, com as seguintes características: gola vermelha e ponteira preta; duas espadas cruzadas nas ponteiras; duas espadas cruzadas nos braços; duas espadas cruzadas no quépi. «Esse distintivo será de pano vermelho, para cabo; com bordado de fio de ouro, para os mestres adjuntos; com bordado de ouro com folhas prata, para os mestres; e com bordado de ouro com folhas de ouro, para os primeiros mestres».

Segundo aviso da Secretaria da Justiça e Segurança Pública, constante do relatório do comando geral de 1911, a situação do Curso de Esgrima e Ginástica era a seguinte: os mestres e monitores tinham classificação do Estado Menor da Força (Quartel General), ficando adidos e subordinados, disciplinar e administrativamente, ao 1.º Btl.. Tecnicamente, e em tudo que se relacionasse ao ensino, o Curso estava sob a orientação e direção do respectivo comandante, cap. Delfim Balancier.



ticiparam dela representantes da Fôrça Pública e da Guarda Civil de São Paulo. O vencedor foi Aldonor Pereira da Silva, que venceu o percurso em 14'35''8, representando o Centro Social dos Cabos e Soldados. A seguir, classificaram-se: 2.º lugar — Nelson Rodrigues, do 5.º B.P.; 3.º — Francisco de Assis Silva, do 6.º B.P.; 4.º — Álvaro Moreira da Costa, do C.S.C.S.; 5.º — Antônio José Alves, do C.S.C.S.; 6.º — José Sotero de Araujo, do C.S.C.S.; 7.º — Otacílio Silveira, da Guarda Civil; 8.º — João Ferreira dos Santos, do C.S.C.S.; 9.º — José Vitoriano, do C.S.C.S.; 10.º — Fernando Domingues Bueno, da Guarda Civil; 11.º — João

Marques, da Guarda Civil; 12.º — José Cândido da Silva, da Guarda Civil; 13.º — João da Silva, do 5.º B.P.; 14.º — Norival Divino, do C.S.C.S.; 15.º — Herculino Ferreira da Silva, da Guarda Civil; 16.º — Gabriel dos Santos, do C.S.C.S.; 18.º — Rafael Magalhães da Silva, da Guarda Civil; 19.º — Jairo Calixto Alves, da Guarda Civil, e 20.º — Nelson Muniz da Silva do C.S.C.S..

A classificação das equipes foi a seguinte: 1.º lugar — 5.º B.P., com 24 pontos perdidos; 2.º — Corpo de Bombeiros, 67 pontos; 3.º — 1.º B.P., 71 pontos; 4.º — Centro de Fomação e Aperfeiçoamento, 85 pontos; 5.º — Regimento «9 de Julho».

### INTERESSE DOS OFICIAIS PELA ESGRIMA

O relatório de 1911, do comando geral, em alguns trechos deixa ver que o Curso de Esgrima e Ginástica já despertava grande interesse e entusiasmo na Fôrça, tendo sido criado um clima propício ao seu desenvolvimento. Um desses trechos é o seguinte:

Início simbólico das comemorações  
do jubileu de ouro: o cel. Arrisson  
acende a pira simbólica

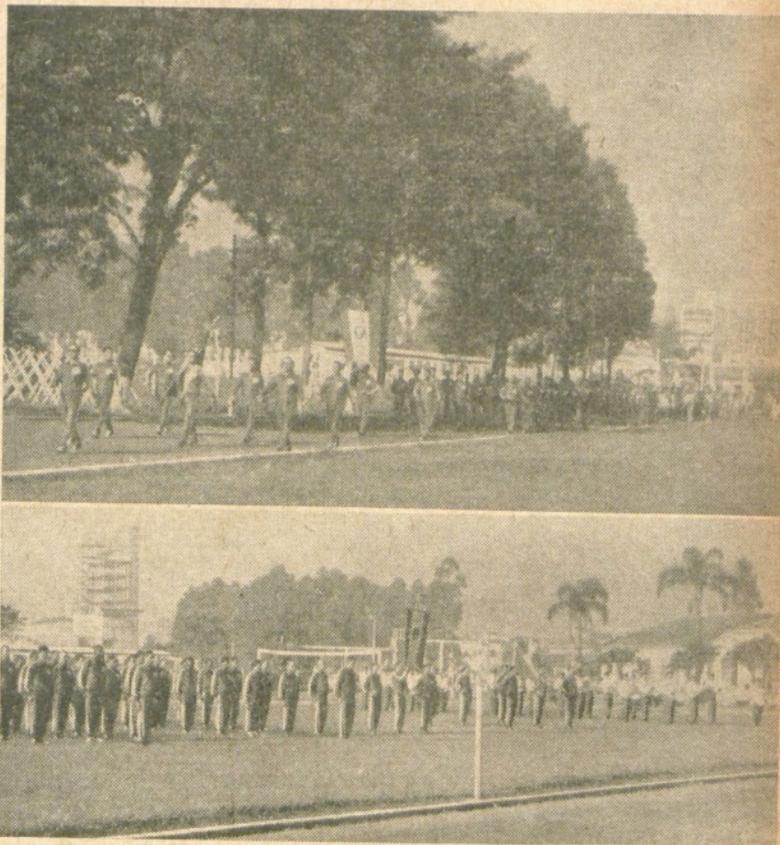
Abertura dos festejos: em cima  
desfile; em baixo revista

92 pontos, e 6.º — Quartel General B.P., Serviço de Fundos e Serviço de Intendência, 100 pontos.

### ESGRIMA

Ainda naquela manhã, teve início a prova «Pedro Dias de Campos» (esgrima), encerrada no dia seguinte, sob os auspícios do Centro Social dos Sargentos. Disputaram a prova subtenentes e sargentos do C.F.A., Corpo de Bombeiros, 12.º B.P. 1.º

Na primeira pule, entre outros tidores diplomados em esgrima, venceu o subten. Francisco Carvalho, do S.F.. Os 4 classificados em esgrima foram, pela ordem: subten. Orlando Inocêncio de Camargo, S.I. sgt. Joaquim Mesquita de M.



«Além das horas regulamentares de ensino, às terças e quintas feiras, à noite, da 19 às 21 horas, os oficiais se divertem, sob a direção do instrutor, a fazerem assaltos. A Sala de Armas tornou-se assim, um ponto agradável de reunião da oficialidade, e é raro faltar o próprio comandante geral, o qual acompanha, com prazer e interesse, o desenvolvimento dos exercícios».

ra, do 1.º B.P., sgt. Orestes de Souza do 12.º B.P., e subten. Euclides Túbero do C.F.A..

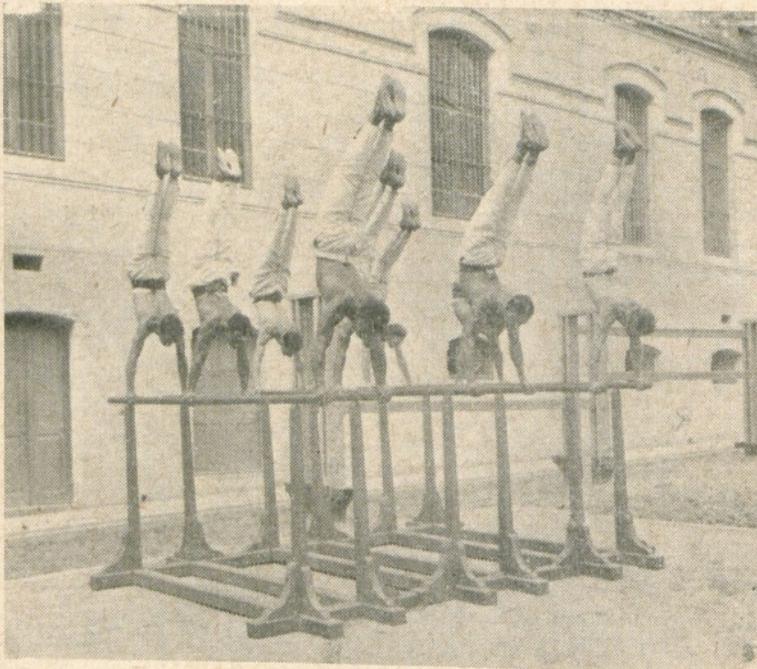
O primeiro lugar, na pule dos não diplomados, coube ao civil Alcides Mascarenhas, do S.I., e, em seguida, classificaram-se: stg. Roberval de Souza, do S.F., sgt. Lourenço Pereira Filho do C.B., sgt. Sebastião Vasco de Faria Filho, do 12.º B.P., e sgt. Hélio de Souza Cruz, do S.F..

#### Tiro de revólver

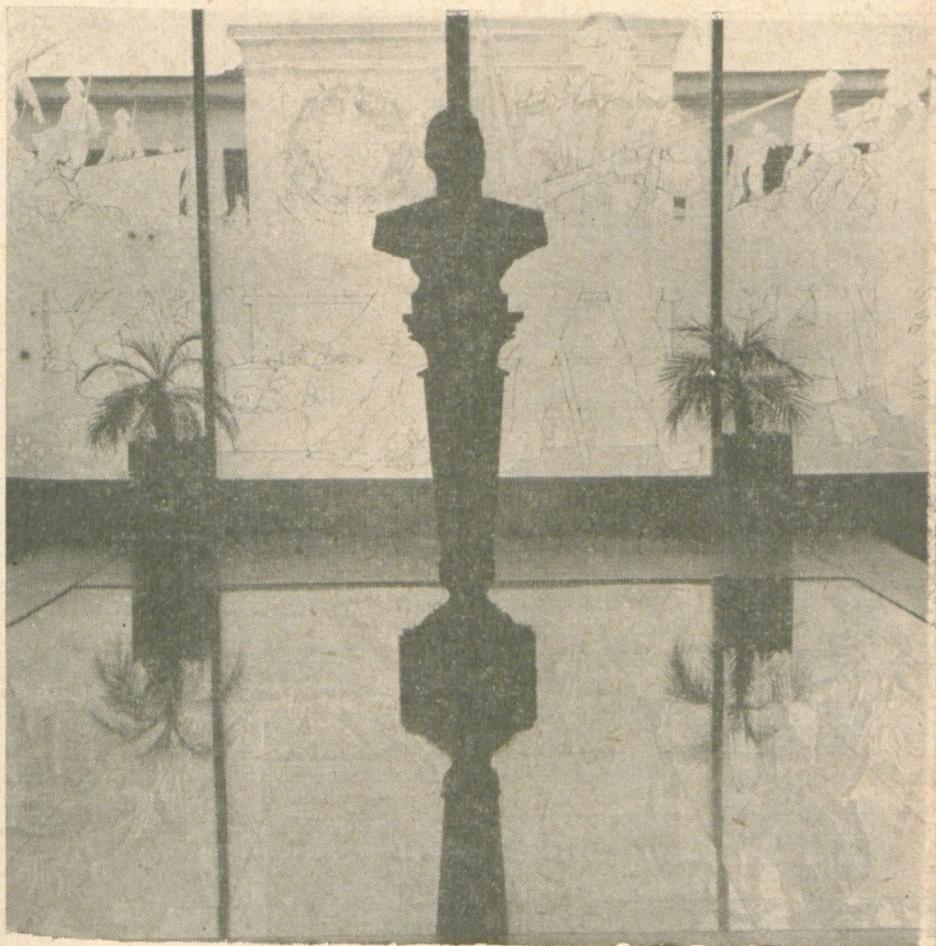
Outra prova disputada no dia 8 realizou-se no Clube de Regatas Tiet.: tiro de revólver calibre 38, a 50 metros. Foi a prova «Cel Gamoeda»

entre oficiais, como homenagem do Clube dos Oficiais da Força Pública. Venceu-a o major Genésio Nitrini, do C.F.A., que obteve 261 pontos com seus 30 tiros. Em seguida classificaram-se: cap. Nelson Simões Scheffer de Oliveira, do 2.º B.P. com 260 pontos; ten. Frágoso, do C.F.A., e Deusdedit Alcântara Lima, do Serviço de Subsistência com 258 pontos cada, e cap. Flávio Capeletti, do Corpo de Policiamento Rodoviário, com 256 pontos.

As equipes ficaram assim classificadas: C.F.A. — 519 pontos; 1.º B.P. — 488; e Serviço de Intendência — 479.



Exibição de ginástica de aparelhos em 1935



Quartel General: no saguão de entrada o busto do cel. Pedro Dias de Campos recorta-se contra o fundo formado pelo vitral alusivo a episódios heróicos da história da corporação

# A Escola

## perante o comando geral

30 de março de 1960, dia 1.º do ano 50 da Escola de Educação Física. Comandante geral da Fôrça Pública: cel. Arrisson de Souza Ferraz, antigo instrutor do estabelecimento. Com várias obras publicadas, a cultura física ocupa lugar de destaque em seus estudos. No boletim especial dedicado ao cinquentenário, o cel. Arrisson deixa ver muito de seu entusiasmo pela Escola. É aquela peça que transcrevemos adiante, para conhecimento dos leitores.

### BOLETIM ESPECIAL DE 30-III-1.960

#### A Escola de Educação Física da Fôrça Pública no seu Jubileu de Ouro

Com um caprichoso e bem orientado programa de atividades cívico-desportivas, a Escola de Educação Física da nossa Milícia comemorou a efeméride jubilar de seu cinquentenário de fundação.

Se o evento trazia em si mesmo uma notável significação, a grande obra realizada nesse século de lutas e de vitórias sem conta pelo tradicional Estabelecimento de Ensino Militar, contribuiu, de maneira decisiva, para dar às solenidades comemorativas um colorido especial de vibração e entusiasmo. Acrescente-se, ainda, a êsses fatores a circunstância impar de tratar-se da primeira Escola de Educação Física da terra brasileira que veio confirmar a vocação pioneira de São Paulo, em todos os empreendimentos nacionais.

Foi a 9 de março de 1810. A ordem do dia do Comando Geral anunciava a criação da Escola, com o nome de Curso de Esgrima e Ginástica. Autorizara-a o Presidente do Estado em exercício, Coronel Fernando Prestes de Albuquerque. Assinou o documento oficial o Secretário da Justiça e da Segurança Pública Dr. Washington Luiz Pereira de Souza. Foi autor da proposição o Coronel Comandante Geral Antonio Batista da Luz. Organizou-a e recebeu as honras de seu primeiro Comandante o Capitão do Exército Francês Delphim Balancier. Eis a equipe fundadora, constituída, em verdade, por quatro varões de Plutarco.

Duas outras figuras se encontram ligadas aos anais da Escola Miliciano, fornecendo o material para o capítulo dos seus antecedentes históricos, os Coronéis Pedro Dias de Campos e Manoel Estêves Gamoeda. Pedro Dias de Campos foi o fundador, em 1902 da Escola de Esgrima do Quartel da Luz, séde do velho e lendário primeiro Batalhão de Infantaria. Manoel Estêves Gamoeda, criou, pela mesma época, na colonial Jundiá, onde se achava destacado, uma Escola de armas para os militares de seu Comando, e para a juventude civil daquela cidade.

Trepidantes e multifárias atividades desenvolveu a Escola nos seus cinquenta anos de existência. Preparou e instruiu fisicamente a Milícia; formou uma legião de especializados, para prolongar a sua obra nos corpos de tropa; franqueou os seus Cursos aos camaradas das Polícias Militares de outros Estados da Federação, da Guarda Civil e das organizações esportivas de São Paulo; promoveu competições memoráveis que marcaram época na vida desportiva de nossa Terra; formou campeões em tôdas as modalidades que elevaram o nome da Milícia, no Brasil e no estrangeiro; foi a única entidade desportiva que conquistou a inigualável façanha do tricampeonato da corrida de São Silvestre; participou de congressos especializados em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, e Porto Alegre; seus professores levaram as luzes do seu saber e as glórias de seu renome aos congressos internacionais do Rio de Janeiro, Buenos Aires e Estocolmo; participou ativamente da organização das entidades especializadas, quando estas ensaiavam os primeiros passos e buscavam roteiros para a caminhada. Fez da planície do Canindé, circundada pelas correntes do Tamanduaté e do Tietê que têm o romantismo e o enlevo do Alpheus e do Calceus, uma espécie de Elida Bandeirante, onde a mocidade militar sempre recebeu, ao lado do preparo físico, inspiração e alento para servir mais e melhor a terra de Piratininga.

Educação Física é movimento e vibração, dirigidos com entusiasmo e fé. Todo àquele que se dedicar à fisicultura terá que colocar a própria alma a serviço de suas ações. Contou a Escola, nos dez lustros de sua existência, com o entusiasmo constante e a fé sempre viva daqueles que integraram os seus quadros. Os atletas deixaram a marca de seus passos de gigante nas pistas de Buenos Aires, Montevidéu, Santiago, Lima e América Central. As lâminas de um Gamoeda, Pietscher e João Marques arrancaram aplausos e conquistaram triunfos memoráveis. Mestres como Frederico Moreira, Francisco Pinto e Ângelo Bernardeli elevaram bem alto a técnica e a doutrina miliciana. Professores como Esgras de Oliveira, Erlindo Salzano, Alcaide Walls e Armando Bergamine ascenderam às alturas, defendendo teses em nome do Brasil, nos conclave internacionais do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. A equipe dirigente sempre tomou posição de vanguarda em todos os empreendimentos do tradicional Estabelecimento.

Agora, a Escola celebrou todas essas lutas vencidas e vividas, todos os triunfos conquistados, com comemorações magníficas. Sentiu os merecidos aplausos à sua obra, partidos da Milícia, de São Paulo e de várias partes do país. Justo e merecido prêmio a labores tão incessantes por uma causa nobre.

Aos aplausos que a Escola recebeu por tão grata efeméride junto a meus. Vão as saudações do Comandante Geral, encantado com a repercussão do grande evento, mas são também as saudações do lutador, do mestre da cultura física que ali viveu, por um decênio, ao lado de grandes chefes e de seletos corpos de instrutores, uma das etapas mais fascinantes de sua vida militar.

Parabens à Escola, pelo seu jubileu de ouro! parabens à Escola, pela maneira notável com que o comemorou!

Auditório «Major Antão»

# Abertura do jubileu em sessão solene



O auditório «Major Antão» do Batalhão de Guardas esteve lotado na sessão solene de abertura dos festejos do cinquentenário, na noite de 8 de março último. Presentes autoridades civis e militares, representantes de entidades diversas, oficiais e praças da Força Pública e outras corporações, apresentou-se a equipe de representação da Escola, com vários números, vivamente aplaudidos. O público teve oportunidade de apreciar uma demonstração de perícia, arte e conhecimentos técnicos de atletas milicianos já bastante conhecidos do público paulista.

Os números de ginástica de solo, criação de componentes do estabelecimento, entusiasmou a assistência. Trata-se de trabalho que requer preparo físico perfeito e absoluto equilíbrio nos movimentos, todos feitos lentamente e com segurança.

Com igual agrado de todos, a equipe exibiu-se em esgrima ornamental, jogo de bastão, ginástica sueca e o célebre bailado de Joinville-Le-Pont». Em tudo se destacou a precisão e a harmonia do conjunto.

Na ocasião, a sra. Maria de Campos Figlioli recebeu — em homenagem a seu pai o falecido cel. Pedro Dias de Campos, fundador da Escola

la — a medalha comemorativa do evento e o competente diploma. A foto superior fixa o momento da entrega do diploma, pelo major Geraldo Proficio, representante do governador do Estado.

Foram ainda contemplados com aquela medalha: a bandeira da Escola, o governador do Estado, o secretário da Segurança Pública, o presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, o corregedor geral do Ministério Público, o comandante da IV Zona Aérea, o diretor do Departamento de Compras da Marinha, o então comandante geral da Força Pública, o presidente do Tribunal de Justiça Militar, o cap. Frederico Stattnuller, o sgt. reformado Luís Bento Ramos, o diretor da Escola de Educação Física de São Paulo, o cel. Estras E. de Oliveira, presidente da Comissão do Cinquentenário, o major Adauto Fernandes de Andrade, comandante da Escola, e o cap. Francisco Antônio Bianco Júnior.

Posteriormente, foi entregue a medalha a outras personalidades contempladas com ela. A entrega continuará a ser feita até o fim do corrente ano.

---

Este outro trecho do citado relatório, também é expressivo: «Esgrima e Ginástica — Com a vinda dos instrutores de Esgrima e Ginástica, de acordo com os mesmos princípios adotados para a instrução militar, foram os oficiais iniciados no jogo das armas. Facilitando a esgrima o desenvolvimento das qualidades físicas — precisão, velocidade e resistência — e também das morais — juízo, decisão e vontade — verificaram-se de pronto as vantagens que trouxe à classe dos oficiais esse gênero de esporte. Iniciou-se, também para as praças a ginástica de aparelhos, que muito contribui para o desenvolvimento do físico, dando-lhe elasticidade, força e destreza, bem como coragem e audácia. Para o bom funcionamento da Esgrima e Ginástica foi preciso montar ou completar,



A antiga piscina da Escola teve seus dias gloriosos. A foto aqui estampada, colhida em 1935, mostra alguns nadadores que se destacaram nas competições da época. Entre eles estão assinalados: 1 — brigada Salgado, atleta de renome, que deu grande impulso ao desenvolvimento da natação entre nós; 2 — civil Gregorut, campeão famoso; 3 — sgt. Valdemar; 4 — cabo Severino; 5 — sd. Paraíba; 6 — sgt. Domingos; 7 — Pedro Antônio Santos; 8 — cabo Joaquim de Almeida e — 9 — civil Porto Alegre.

para aquela, uma sala convenientemente própria, onde os oficiais pudessem encontrar suficiente conforto e, para isto, preparar um pórtico, com aparelhos indispensáveis, tais como paralelas, barras, cordas, argolas, trapézios, etc.. Os resultados desde logo se despararam excelentes. Por autorização do governador, foram escolhidas nos diferentes corpos algumas praças com aptidões especiais para auxiliar o instrutor e para constituírem os futuros monitores».

#### UNIFORME DA SECÇÃO DE GINASTICA

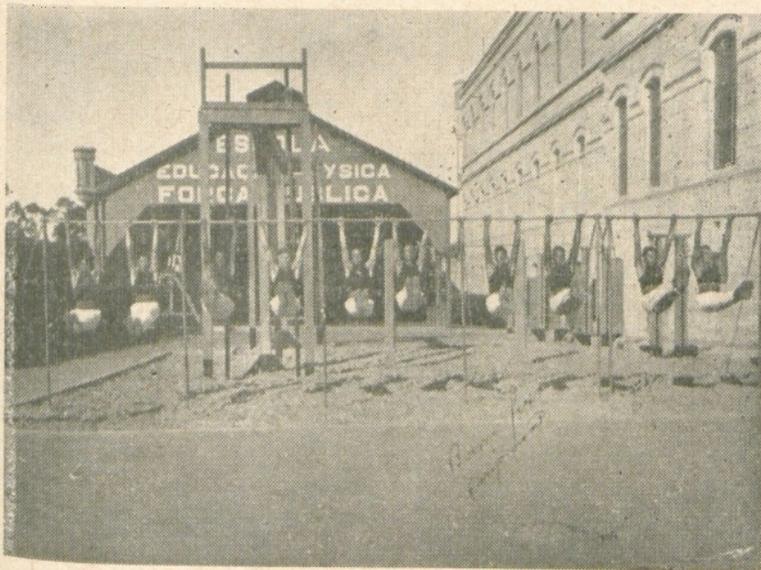
Consoante ordem do dia n.º 41, de 22 de fevereiro de 1912, do comando geral, e, n.º 45, da mesma data, do 1.º Btl., foi publicado haver sido aprovado o distintivo característico da secção de Ginástica, do Curso de Esgrima e Ginástica, em uniforme próprio, que era o seguinte: Um pórtico de 50 mm. de largura, por 35 de altura, com duas varas de 40 mm. de de altura e com um trapézio de 10 mm., apoiados em cordas de 20 mm., isto na gola e nos braços; no quépi, um pórtico de 15 mm. de altura por 18 de largura, sem trapézio nem vara, dentro das respectivas circunferências. O distintivo será de fio de ouro para sargentos e seda encarnada para os monitores. Esse distintivo no uniforme, idêntico ao de infantaria.

## ALTERAÇÃO NO COMANDO DO CURSO

Tendo chegado da França, em 25-III-1912, o cap. LOUIS LEMAITRE, diplomado pela Escola de Joinville-Le-Pont, mais antigo que o seu colega Delfim Balancier, assumiu êle, naquela data, a direção do Curso de Esgrima e Ginástica, cumulativamente com o comando da Secção de Ginástica, ficando o cap. Balancier dirigindo a de Esgrima.

### O CURSO DE ESGRIMA E GINÁSTICA FAZENDO PARTE DO CORPO ESCOLA

Com a criação do Corpo Escola, pela lei 1243, de 17-XII-1912, o Curso de Esgrima e Ginástica passa a fazer parte dessa nova unidade, deixando de pertencer ao Estado Menor da Fôrça e a condição de adido ao 1.º Btl.



### 1.º REGULAMENTO DO CURSO DE ESGRIMA E GINÁSTICA

O Curso de Esgrima e Ginástica, fazendo parte do Corpo Escola que foi criado pela lei n.º 1343, de 17-XII-1912, teve seu primeiro regulamento pelo decreto 2349, de 14-II-1913, que dizia em seu preâmbulo: «O presidente do Estado, usando da atribuição conferida pelo artigo 38, n.º 2, da Constituição do Estado, manda que se observe o seguinte regulamento para o

#### CORPO ESCOLA PROGRAMA GERAL PARA O ENSINO DE RECRUTAS, CABOS, INFERIORES CANDIDATOS A OFICIAIS E EDUCAÇÃO FÍSICA

Art. 1.º — O Corpo Escola, criado pela Lei 1343, de 17 de dezembro de 1912, compõe-se dos oficiais graduados encarregados de ministrar a instrução militar aos recrutas, aos alunos cabos e aos oficiais inferiores, candidatos a oficiais, bem como a esgrima e ginástica. As diferentes classes de instrução serão designadas:

- A) — Escola de Recrutas;
- B) — Escola de Alunos Cabos;
- C) — Curso Especial Militar dos Officiais Inferiores;
- D) — Educação física (Secção de Esgrima e Ginástica).

### SECÇÃO DE ESGRIMA E GINASTICA (EDUCAÇÃO FISICA)

«Art. 38 — A Secção de Esgrima e Ginástica, que se compõe de especialistas, é parte integrante da 2.ª Companhia Escola, e, como esta, sujeita disciplinar e administrativamente ao comando do corpo. Ficará sob as ordens do sargento ajudante 1.º mestre.

Atr. 39 — Esgrima. Esta Secção tem por fim formar instrutores para ministrar o ensino da esgrima das três armas aos officiaes, inferiores, e mesmo a outras praças de todos os corpos.



Art. 40 — O seu efetivo e de um sargento-ajudante (1.º mestre) dois 1.ºs sargentos (mestres), dois 2.ºs sargentos (mestres adjuntos), e quatro cabos (monitores).

Art. 41 — Os monitores serão escolhidos entre os candidatos monitores, e serão promovidos pelo comandante do corpo.

Art. 42 — Os mestres adjuntos sairão dos monitores.

Art. 43 — Os mestres de armas serão escolhidos entre os mestres adjuntos.

Art. 44 — Para o acesso a todos os postos haverá semestralmente um exame.

Art. 45 — Para a aprovação é necessário alcançar média superior a 6,5 sobre 10.

Art. 46 — Os mestres adjuntos e os mestres de armas serão promovidos pelo secretário da Justiça e da Segurança Pública e receberão um diploma, por ele assinado, conforme o modelo já adotado, e no qual constará o título de mestre adjunto, para os primeiros, e o de mestre de armas, para os outros.

Art. 47 — O primeiro mestre será escolhido entre os mestres de armas, e proposto pela comissão de exame que tomará em consideração a capacidade, o comportamento e os serviços prestados por eles.

Art. 48 — As matérias de exame serão as seguintes:

PARA MONITOR, três quesitos teóricos e práticos tirados da primeira parte do Regulamento de Esgrima, nas bases da instrução, da segunda parte do mesmo regulamento e as três primeiras séries de exercícios (florete).

PARA MESTRE ADJUNTOS, exame teórico e prático, os quesitos serão organizados nas condições estabelecidas para os monitores, porém, para as três qualidades de esgrima (um quesito para cada uma). Além disso haverá uma «poule» entre os concorrentes, para cada arma, para determinar-se a habilidade de cada um como atirador (o adversário perderá dois pontos toda as vezes que for batido).

Art. 49 — A comissão de exame será nomeada pelo governo e compôr-se-á do oficial técnico, como presidente, dois capitães e dois tenentes.

Art. 50 — Ginástica. Esta secção tem por fim formar instrutores capazes de ministrar a educação física aos oficiais, aos graduados e soldados da Fôrça.

Atr. 51 — O seu efetivo é de um 2.º sargento mestre, dois cabos mestres, dois mestres adjuntos e seis soldados monitores.

Art. 52 — O acesso aos diferentes postos é subordinado a um exame, (época, notas, comissão, vêr o que foi dito para a esgrima).



Art. 53 — Os soldados monitores aprovados para cabos mestres adjuntos serão promovidos pelo comandante do corpo e receberão o diploma de mestre adjunto, assinado pelo secretário da Justiça e da Segurança Pública.

Art. 54 — O sargento mestre será promovido pelo secretário da Justiça e da Segurança Pública e receberá um diploma de mestre de ginástica por êle assinado.

Art. 55 — Os exames serão práticos e teóricos.

a) — O prático, para todos os postos, compreenderá:

Dois exercícios de desenvolvimento; dois exercícios de aparelhos, box, golpes de pé, os sacos e suas paradas; jiu-jitsu; subida na corda; um exercício à vontade em aparelho (barra, paralela, argolas).

b) — O teórico: para monitores, breve explicação sobre os efeitos dos exercícios, papel do instrutor, direção de uma classe de soldados; para cabos, anatomia elementar, efeitos dos exercícios e da educação física, composição de uma lição de ginástica, direção de uma classe de monitores, Escola do Soldado; para sargentos, fim da educação física, anatomia e fisiologia, efeito dos exercícios, direção de uma classe de monitores e de graduados Escola da Secção.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo 14-II-1913. (a) Francisco de Paula Rodrigues Alves, Rafael de Abreu Sampaio Vidal

### FRUTOS DA REGULAMENTAÇÃO

A regulamentação trouxe novos horizontes ao antigo Curso de Esgrima e Ginástica, dando-lhe base estrutural mais sólida e consistente. O próprio decreto 2349 que regulamentou o Corpo de Escola, estabeleceu a Ginástica e a Esgrima como disciplinas obrigatórias do programa dos Cursos e Escolas da Fôrça — Curso de Instrução Geral, Literário e Científico, Escolas de Cabos e Recrutas.

### SECÇÃO DE JIU-JITSU

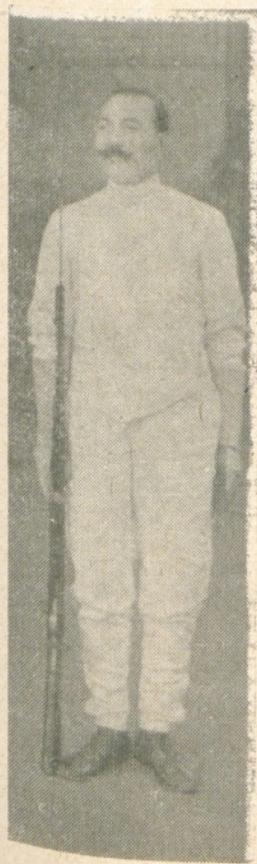
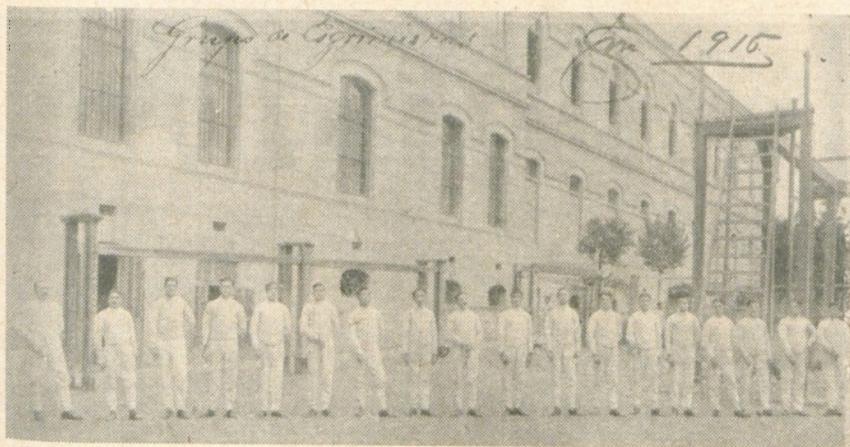
A Lei da fixação da Fôrça para o ano de 1914 (1395-A de 17-XII-1913) criou junto à Escola de Educação Física uma, Secção de Jiu-Jitsu, com a finalidade de instruir os elementos da Fôrça, notadamente os da guarda cívica, encarregados do policiamento da capital, em ataque-defesa. O seu efetivo era de 1 2.º sargento monitor, 2 cabos adjuntos e 10 soldados monitores.

A secção de jiu-jitsu teve como seu organizador o primeiro comandante o cap. **DELBOR**, da Missão Militar Francesa e era parte integrante da Escola de Educação Física.

A mesma Lei supra (1.395-A) aumentou o efetivo da secção de ginástica. Esse aumento foi o seguinte: 1 sargento ajudante (1.º mestre); 2 1.ºs sargentos (mestre), 6 cabos monitores (em lugar de 6 soldados).

### NOVO COMANDO

Com a conflagração mundial de 1914-1918, chamados que foram por sua pátria mãe, a França, partem para o campo de luta os componentes da Missão Francesa. Assim no dia 5 de agosto de 1914, deixa o Brasil aquele pugilo de bravos. Certamente alguns não retornariam a esta terra que os acolheu com tanto entusiasmo e, como outros heróis, tombaram nos campos da Europa. Retornaram à França o cap. Louís Lemaitre, comandante da Escola e Diretor da secção de ginástica e Jiu-Jitsu. Foram escolhidos: para o comando da Escola o major Manuel



Esteves Gamoeda, para chefe da Secção de Ginástica o alferes Antenor Gonçalves Muza e, chefe da Secção de Esgrima o alferes Faustino da Silva Lima, cabendo ao chefe da Secção de Ginástica a direção cumulativa da de jiu-jitsu. A situação da Escola permaneceu a mesma, disciplinar e administrativamente subordinada ao Corpo Escola e, tènicamente ao seu diretor e novo comandante major Manoel Gamoeda, que tinha classificação no Estado Maior da Fôrça (Quartel General).

---

Ao lado, o então major Manuel Esteves Gamoeda, primeiro miliciano da Fôrça a assumir o comando da Escola. Em cima, o velho mestre (primeiro da esquerda) ao lado do seus pupilos, esgrimistas de 1915.

## EXTINÇÃO DA SECÇÃO DE JIU-JITSU

A lei 1444, de 24-XII-1914, que fixou o efetivo da Fôrça para o exercício imediato, extinguiu a Secção de Jiu-Jitsu, criada no ano anterior. Seus instrutores e monitores em número de 15, foram, alguns aproveitados na Secção de Ginástica, e os restantes distribuídos pelos corpos de tropa.

## AUMENTO DE EFETIVO — LEI 1559, DE 12-XII-1917

Essa lei que atribuiu ao Comando da Escola o posto de tenente coronel, assumido pelo major GAMOEDA, promovido para exercer essa função, aumentou novamente o efetivo para mais 3 2.ºs sargentos (mestres adjuntos) e 4 cabos monitores cada uma das Secções. Foi também criado o cargo de 1.º ten. encarregado. Com êsse aumento, o efetivo passou a ser o seguinte:

SECÇÃO DE GINÁSTICA	SECÇÃO DE ESCRIMA
1 sgt. ajudante	1 sgt. ajudante
2 1.ºs sargentos	2 1.ºs sargentos
5 2.ºs sargentos	5 2.ºs sargentos
10 cabos	9 cabos

## FRANQUEADO O OFICIALATO AOS MESTRES DA ESCOLA

Pela lei 1975-A, de 9-XII-1919, os cargos de 2.º tenente, das Secções de Esgrima e Ginástica passaram a ser de concurso entre os mestres (mestres, 1.ºs mestres e mestres adjuntos). O concurso devia ser realizado perante banca nomeada pelo comandante geral. Processado o respectivo exame e de acôrdo com o seu resultado, foram promovidos a 2.ºs tenentes, entre os mestres de Esgrima e Ginástica, respectivamente os mestres da Escola JOÃO MARQUES e ÂNGELO BERNARDINE.

## REORGANIZAÇÃO DO CORPO ESCOLA

Com a lei 2051, de 31-XII-1924, que reorganizou o Corpo Escola, dando-lhe a denominação de Batalhão Escola, a Escola passou a ser a 3.ª Cia. dêsse batalhão. Foi extinto, em consequência a partir de 1.º de janeiro de 1925, o cargo de ten. cel. comandante e diretor da Escola de Educação Física, que ficava sendo dirigida por um capitão. Segundo essa transformação, a 3.ª Cia do Btl., que ainda ostentava no seu frontespício, em legenda, o nome «ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA», ficava com o seguinte efetivo de oficiais: 1 capitão; 1 1.º tenente encarregado; 1 2.º tenente mestre de ginástica; 1 2.º tenente mestre de Esgrima. O efetivo de mestres e monitores permaneceu o anterior.

Para os cargos de capitão comandante e 1.º tenente encarregado, foram designados o capitão ANTONIO PIETSCHER e ten. ROBERVAL DE MENEZES.

No decorrer dêsse ano de 1925, o 2.º ten. mestre de ginástica Angelo Bernardelli, deixou o serviço ativo da Escola e da Fôrça, sendo substituído pelo 2.º ten. ALFREDO FERNANDES DA COSTA, que foi promovido a êsse posto mediante o resultado dos exames a que foi submetido.

## SUBSTITUÍDA A DIREÇÃO DA ESCOLA

A 8 de maio de 1927, o cap. Antônio Pietscher é transferido para a ajudância do Btl. Escola, sendo substituído pelo cap. Roberval de Menezes, recém-promovido e classificado no comando da 3.ª Cia. do Btl. Escola. (Do Relatório do Btl. Escola de 1927).

## APERFEIÇOAMENTO PARA MESTRES E MONITORES

Com início no mês de março de 1928, funcionou na Escola um Curso de Aperfeiçoamento com a finalidade de modernizar e atualizar os conhecimentos teóricos dos mestres e monitores de Esgrima e Ginástica. Esse curso funcionou sob a direção do comandante da Escola, capitão Roberval de Menezes, sendo os seus professores os 2.ºs tens. ALFREDO FERNANDES DA COSTA e JOÃO MARQUES, respectivamente professores de ginástica e esgrima. (Do Relatório do Btl. Escola de 1928).

## NOVAMENTE ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A lei n.º 2314-B de 29-XII-1928, que fixou a Fôrça para o ano seguinte, extinguiu, a partir de 1.º de janeiro de 1929, a 3.ª Cia. do Batalhão Escola, substituindo-a pela ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. O Regulamento e as finalidades do estabelecimento não sofreram alteração. O efetivo, porém, foi diminuído de um 1.º tenente encarregado e os oficiais mestres de esgrima e ginástica passaram a ter a denominação de professores de esgrima e ginástica. (Do Relatório do Batalhão Escola de 1929).

## NOVA REGULAMENTAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Parte integrante do Batalhão Escola, que teve modificações em sua estrutura orgânica pelo decreto 4547, de 6 de fevereiro de 1929, a Escola de Educação Física passou também pela mesma reforma, sendo em consequência o seu Regulamento modificado pelo decreto acima, cujo teor se transcreve:

«DECRETO N.º 4547 — de 6 de fevereiro de 1929. Dá Regulamento à lei 2314-B, de 20 de dezembro de 1929, na parte relativa ao Batalhão Escola da Fôrça Pública do Estado de São Paulo.

O presidente do Estado, usando da faculdade que lhe confere a Constituição do Estado, art. 42 n.º 2, e para execução da lei 2314-B, de 20 de dezembro de 1.928, art. 6.º, decreta o seguinte

### REGULAMENTO DO BATALHÃO ESCOLA DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Capítulo I) .....

#### «CAPÍTULO V

#### DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Art. 53.º — Esta Escola tem por fim promover o desenvolvimento físico dos oficiais e praças da Fôrça Pública e formar instrutores de ginástica e esgrima.

Art. 54.º — Ficará a cargo de um capitão diretor, tendo como auxiliares: um segundo tenente professor, um primeiro e dez sargentos (segundos) instrutores e dez cabos monitores de ginástica.

Atr. 55.º — A Escola de Educação Física compôr-se-á de duas Seções — uma de esgrima e outra de ginástica — tendo, além do pessoal fixado em lei, quarenta alunos de esgrima e ginástica, fornecidos permanentemente pelos seguintes Corpos: 1.º e 2.º Batalhões — 8 soldados cada um; 3.º, 4.º, 5.º 6.º e 7.º Batalhões — 4 soldados cada um 1.º e 2.º Regimentos de Cavalaria — 2 soldados cada um.»

Seguem-se os demais artigos

«Art. 108.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 6 de fevereiro de 1929  
(a) JULIO PRESTES DE ALBUQUERQUE A.C. de Salles Junior

## A ESCOLA, UNIDADE AUTONOMA

De acôrdo com as disposições do decreto 5573, de 8 de julho de 1932, que extinguiu o Centro de Instrução Militar, a Escola de Educação Física, passou a ter vida autônoma, como unidade administrativa da Fôrça Pública.

### SITUAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA DO ENSINO NA ESCOLA

Até fins de 1932 e princípios de 1933, a Escola tinha como método de ensino o sueco, de criação do imortal Pedro Ling, com as modificações com que a França o tinha aceito e admitido nas suas Escolas e no seu meio civil. Essa doutrina foi transmitida à Escola pelos caps. Delfim Balancier e Louis Lemaitre, os primeiros comandantes da mesma. Inicia-se de 1933 em diante, já pelo trabalho do cap. do E.N., comissionado ao posto de major e diplomado em educação física, já pela ida de elementos da Fôrça cursar a Escola de Educação Física do Exército, no Rio de janeiro, uma espécie de segunda fase da existência da nossa Escola.

### SEGUNDA FASE DA VIDA DA ESCOLA

#### NOVA DOCTRINA

A nova doutrina adotada pela Escola de Educação Física teve o seu início, em fins de 1932 sendo essa obra começada pelo major ANTÔNIO DE MENDONÇA MOLINA, do E.N., que organizou um plano de educação física para toda a Fôrça, estudada no método francês segundo as bases adotadas no Exército Nacional, as mesmas da Escola de Joinville-Le-Pont. Sob a orientação desse oficial foi incluída a construção do estádio da Escola e respectiva aparelhagem, como no campo da av. Cruzeiro do Sul. (pórtico, paralelas, caixões para saltos, palanque para juizes, etc.), do fichário do Departamento Técnico da E.E.F. etc..

#### MELHORIA DAS INSTALAÇÕES

No ano de 1935, o Serviço de Engenharia da Fôrça melhora as instalações da Escola, fazendo a montagem de mais um pórtico, duas paralelas, uma fixa e outra móvel, no estádio da av. Cruzeiro do Sul. (Do relatório do S.E., de 1935).

#### READAPTAÇÃO DA SEDE PRIMITIVA

Com a nova organização da Escola, fazia-se mister um sede ampla. E o Serviço de Engenharia resolveu êsse problema, e com muita felicidade, construindo no quartel do 1.º B.C. dependências para a administração (Gabinete de Comando, Sub-Comando, Ajudância, Sala das Ordens, Tesouraria, readaptação do Corpo da Guarda, Sala de Armas, Gabinete Fotográfico etc., além de um ginásio coberto, com piso assoalhado e quadras para bola ao cesto e vólibol). O ginásio, numa justa homenagem ao primeiro comandante da Escola, o saudoso cap. Delfim Balancier, tombado gloriosamente nos campos de França, na guerra de 1914/18, tomou o nome dessa grande figura de soldado gaulês. A reforma por que passou a escola foi inaugurada solenemente no dia 1.º de janeiro de 1936, com a presença do gen. Milton de Freitas Almeida, então comandante geral da Fôrça; do cel. Euclides Ramos; do ten. cel. Edgar do Amaral, chefe do Estado Maior; do ten. cel. Euclides Marques Machado, chefe do Serviço de Engenharia e responsável pelas obras de reforma, além de grande número de oficiais e visitantes.